

T F G
2024



RECINTO 9 DE JULHO

PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO PARA A CIDADE DE COLINA - SP

Aluno: Raquel Lourenço da Silva | Orientador: Prof. Dr. Vladimir Benincasa

Silva, Raquel Lourenço da.
Recinto 9 de Julho: projeto de requalificação
para a cidade de Colina-SP/Raquel Lourenço da
Silva. - Bauru, 2024
78 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design, Bauru
Orientador: Vladimir Benincasa

1. Parque urbano. 2.Eventos. 3. Instalações
equestres. 4. Revitalização. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design. II. Título.

Raquel Lourenço da Silva

RECINTO 9 DE JULHO

Projeto de requalificação para a cidade de Colina - SP

Trabalho Final de Graduação
apresentado à Faculdade de
Arquitetura, Artes, Comunicação
e Design (FAAC) da UNESP de
Bauru para a conclusão do curso
de Arquitetura, Urbanismo e
Paisagismo, sob orientação do
Prof. Dr. Vladimir Benincasa.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, contribuíram para minha formação como indivíduo, sobretudo meus pais.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito o estudo da atual situação do Recinto Municipal 9 de Julho, de Colina (SP), um equipamento urbano de relevância para a cidade, principalmente por sediar uma série de eventos e por fazer parte do imaginário local e da identidade do município. O local é subutilizado durante a maior parte do ano e carece de estrutura adequada para exercer suas principais atividades: sediar festas e a prática de esportes equestres, bem como a criação de cavalos. Desse modo, propõe-se a revitalização desse espaço, de forma a transformá-lo em um parque urbano com capacidade para receber eventos, o que traria inúmeros benefícios à população colinense e aumentaria o potencial turístico e cultural da cidade, objetivando sua inserção definitiva na vida cotidiana dos cidadãos e uma melhora na qualidade de vida, tanto dos frequentadores, quanto dos animais que ali residem. Para isso, foram realizadas leituras de referencial teórico para compreender as questões acerca dos parques urbanos, eventos e instalações para equinos, além de análises de documentos da área trabalhada, estudos de caso, visitas técnicas, questionários online e, posteriormente, desenvolvimento projetual, visando torná-lo um lugar de referência turística, de lazer e esportes, dotado de estrutura multifuncional apropriada e que atenda às reais demandas da população.

Palavras-chave: Parque urbano, Eventos, Instalações Equestres, Revitalização.

ABSTRACT

This essay aims to study the current situation of the Recinto Municipal 9 de Julho, in Colina (SP), an urban facility of relevance to the city, mainly for hosting a series of events and for being part of the local imaginary and identity of the city. The site is underused for most of the year and lacks adequate structure to carry out its main activities: hosting parties and the practice of equestrian sports, as well as horse breeding. Therefore, it is proposed to revitalize this space, in order to transform it into an urban park with the capacity to host events, which would bring countless benefits to the population of Colina and increase the tourist and cultural potential of the city, aiming for its definitive insertion into the daily life of citizens and an improvement in the quality of life, both for visitors and for the animals that reside there. To this end, bibliographical research was carried out to understand the issues surrounding urban parks, events and facilities for equines, in addition to analysis of documents, the area worked on, case studies, technical visits, online questionnaires and, later, project development, aiming to make it a place of reference for tourism, leisure and sports, equipped with an appropriate multifunctional structure that coincides with the real demands of the population.

Key-words: Urban Park, Events, Equine Facilities, Revitalization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Parque Urbano	13
2.1.1 Histórico de Parques Urbanos	13
2.1.2 Definições e relevância	15
2.2 Eventos	17
2.2.1 Historiografia dos eventos	17
2.2.2 Definições	19
2.2.3 Classificação dos eventos	21
2.3 Instalações para equinos	21
2.3.1 Piquetes	22
2.3.2 Cercas	22
2.3.3 Baías	23
2.3.4 Cama	23
2.3.5 Cocho (comedouro) e bebedouro	24
2.3.6 Feneira ou manjedoura	25
2.3.7 Depósitos	25
2.3.8 Outras estruturas	26
2.4 Perspectiva do tema na cidade de Colina, SP	27
2.4.1 Breve contexto histórico do Município	29
2.4.2 Espaços livres em Colina, SP	32
2.4.3 Eventos em Colina, SP	36
3. ESTUDOS DE CASO	41
3.1 Parque do Peão de Barretos	41
3.2 Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina, Distrito Federal	43
3.3 Centro Equestre, Leça da Palmeira - Portugal	50
3.4 Centro Hípico Polana, Campos do Jordão	54

4. RECINTO MUNICIPAL 9 DE JULHO	59
4.1 Levantamento do entorno	59
4.2 Plano Diretor e Zoneamento	69
4.3 Análise do espaço	71
4.4 Pesquisa de opinião pública	82
5. PROPOSTA PROJETUAL	91
5.1 Programa de necessidades	91
5.2 Plano de massas	92
5.3 Projeto arquitetônico	94
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	149

I. INTRODUÇÃO

Os espaços livres públicos desempenham importante papel na vida das cidades, sendo decisivos para a qualidade de vida urbana. Dentre seus inúmeros benefícios podem-se citar a criação de identidade cultural, lazer, turismo, regulação climática e vários outros. Contudo, nesse contexto, a realidade da maior parte dos municípios é desanimadora: vazios urbanos, espaços subutilizados, falta de infraestrutura, inacessibilidade e violência são características frequentemente encontradas nesses tipos de espaços livres públicos. Tudo isso se deve, principalmente, ao crescimento desordenado das cidades atrelado à falta de planejamento urbano.

Em Colina, São Paulo, o cenário não é diferente. Com uma população de 18.486 pessoas (Prefeitura Municipal de Colina, 2022), a pequena cidade carece de áreas livres qualificadas e que atendam às reais necessidades da população, a exemplo do Recinto 9 de Julho, um dos equipamentos urbanos de maior relevância para a cidade, inclusive histórica. Palco de eventos e da principal atração turística colinense, a Festa do Cavalo, o recinto é pouco utilizado ao longo do ano, sendo limitado a atividades muito específicas, como a equitação.

Em se tratando de eventos, vale evidenciar que eles existem desde a antiguidade, com diferentes objetivos, e são intrínsecos aos seres humanos, sociais por natureza. Nesse sentido, apesar das várias tipologias e definições, é possível afirmar que os eventos, festas e comemorações possuem como premissa a

união de pessoas, sendo expressivo na criação da identidade cultural (Teixeira, 2010). Voltando à cidade de Colina, então, percebe-se que o recinto e os eventos que ele abriga corroboram para a consolidação da cultura e da história equestre do município. Contudo, enquanto espaço destinado à realização de festas, ele não possui estrutura adequada, o que gera inúmeros problemas organizacionais e reclamações populares.

Perante ao exposto, o presente trabalho propõe a requalificação do Recinto 9 de Julho, de forma a ressignificá-lo como parque urbano utilizável durante todo ano, inclusive sediando outros tipos de eventos, e torná-lo mais apto à equideocultura¹. Com isso, espera-se maior apropriação do espaço e consequente convívio social, bem como a inserção da área no cotidiano da população e a promoção de maior qualidade de vida aos animais que residem no local.

A realização de tal projeto se justifica, não apenas pelos motivos já citados (escassez de áreas livres, falta de infraestrutura, ociosidade do recinto e relevância histórico-cultural), mas também pelos objetivos e diretrizes traçados pelo Plano Diretor da cidade, o qual explicita a intenção de promover o turismo, lazer, esporte e cultura, além de preservar a história local, o que seria feito, entre outras estratégias, por meio da requalificação de espaços de relevância para o município.

¹ “Atividade da pecuária que envolve a criação e manejo de equídeos, que abrange cavalos, os asininos (asnos) e muares (burro e a mula)” (CNA, 2024)

Metodologicamente, esse trabalho baseou-se na revisão bibliográfica sobre o tema, na análise de documentos originais, visitas técnicas à área estudada e pesquisas por meio de “Google Forms”, a fim de conhecer a opinião popular a respeito do espaço.

Primeiramente, é feita a fundamentação teórica dos parques urbanos e eventos, delineando históricos, definições, funções e tipologias. Esse mesmo capítulo traz um detalhamento das instalações para equinos e uma análise dos temas na perspectiva da cidade de Colina, além de um breve histórico dessa cidade.

Em seguida, são apresentados quatro estudos de caso e seus contextos com as características relevantes para o embasamento do projeto, sejam relativas ao programa, ao projeto, à materialidade, à funcionalidade ou à organização espacial.

Depois inicia-se a análise do Recinto Municipal 9 de Julho, com o estudo do entorno, da legislação que compreende a área, das características do terreno e dos usos e funções, tanto os previstos originalmente quanto os atuais.

O capítulo seguinte aborda, explica e interpreta as duas pesquisas elaboradas, uma voltada à opinião do público geral, e outra aos trabalhadores, a respeito da estrutura do Recinto Municipal e da Festa do Cavalo. Enfim, com base em todos os dados obtidos, é apresentada a proposta projetual.



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Parque urbano

Os espaços públicos e verdes são parte fundamental da vida nas cidades e podem proporcionar diversos benefícios para seus cidadãos. Entretanto, atualmente essa questão é desvalorizada na maior parte do Brasil, sendo caracterizada pela carência de investimentos, planejamento e cuidados, o que gera, conseqüentemente, problemas relacionados à segurança, acessibilidade e outros. Segundo Alomá (2013, p. 1), o espaço público pertence e é administrado pelo Poder Público, que deve zelar por seu cuidado e garantir acesso a toda população.

Nos países emergentes, a situação da dimensão humana é bem mais séria e complexa. A maioria da população é forçada a usar intensamente o espaço da cidade, para muitas atividades cotidianas. Tradicionalmente, o espaço urbano funcionou em um nível bem aceitável para esses usos, mas quando o tráfego de automóveis, por exemplo, cresce vertiginosamente, a competição pelo espaço se intensifica. A cada ano, as condições para a vida urbana e para os pedestres tornam-se menos dignas (Gehl, 2013, p. 6)

Levando-se em consideração a crescente globalização, é possível concluir que tal situação tende a piorar se medidas reparadoras não forem tomadas. Assim, faz-se necessário um maior planejamento e responsabilidade por parte do poder público e de urbanistas, priorizando as pessoas e suas necessidades (Gehl, 2013).

Nesse sentido, este capítulo expõe a revisão de referencial teórico sobre parques urbanos, abordando-se tópicos como histórico, conceitos, características, relevância e impactos na vida das cidades, que embasam as futuras decisões projetuais.

2.1.1 Histórico de parques urbanos

Raimundo e Sarti (2016) apontam o Jardim Público, criado na Idade Moderna, como o marco histórico dos parques urbanos. Segundo Panzini (2013), citado pelos autores,

O termo 'jardim público' foi cunhado quando os guias de viajantes e os tratados começaram a utilizá-lo para indicar alguns jardins urbanos particulares, destinado a um uso relativamente coletivo. O jardim público provinha de uma amálgama entre espaços verdes e construção urbana... (Panzini, 2013, p. 475 apud Raimundo; Sarti, 2016, p. 6).

Com a Revolução Industrial, profundas alterações passaram a marcar a estruturação da sociedade. Rapidamente a população urbana tornou-se maior que a rural e, junto a isso, os problemas de gestão urbana e organização das cidades tornaram-se cada vez mais evidentes e preocupantes. Com o passar dos anos, essa conjuntura, associada às mudanças nas relações de trabalho e necessidades da população, culminaram na criação de novos espaços de lazer.

Nesse sentido, o parque urbano da sociedade industrial, erguido sobre a tradição da praça pública ancestral, foi planejado para cumprir uma função utilitarista do lazer ao enfatizar a revigoração da força de trabalho por meio

da recreação, com práticas físicas e mentais, social e culturalmente estabelecidas pelas elites (Raimundo; Sarti, 2016, p. 6).

Isso ocorreu pelo medo que os mais abastados possuíam do caos urbano e suas possíveis consequências para o meio em que viviam, assim, iniciou-se uma política higienista de organização das cidades, a qual teve seu ápice na segunda metade do século XIX, com as reformas urbanas realizadas por Haussmann, entre 1853 e 1870, em Paris (Marins, 1998 apud Raimundo; Sarti, 2016).

Tal cenário, contudo, não se aplica diretamente ao Brasil. Segundo Macedo e Sakata (2010, p. 16),

O parque urbano brasileiro, ao contrário do seu congêner europeu, não surge da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas da metrópole do século XIX. O Brasil do século passado não possuía uma rede urbana expressiva, e nenhuma cidade, inclusive a capital, o Rio de Janeiro, tinha o porte de qualquer grande cidade europeia da época, sobretudo no que diz respeito a população e área. O parque é criado, então, como uma figura complementar ao cenário das elites emergentes, que controlavam a nova nação em formação e que procuravam construir uma figuração urbana compatível com a de seus interlocutores internacionais, especialmente ingleses e franceses.

Portanto, os parques brasileiros do século XIX e da Belle Époque não atendiam, em nada, às reais demandas da massa urbana da época. De fato, esses espaços não foram,

efetivamente, uma necessidade social até o século XX, quando a escassez de áreas de lazer para os menos privilegiados tornou-se uma realidade. Anteriormente, os terreiros, várzeas e vazios urbanos serviam a esse papel (Macedo; Sakata, 2010).

Nos anos 50 e 60, era flagrante a carência de espaços ao ar livre para o lazer de massa. Isso pôde ser percebido, primeiro, em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, que passaram por um processo de urbanização intenso e extenso, no qual bosques, campos e pastagens, quintais e chácaras foram ocupados, divididos e redivididos para a construção urbana. O espaço para lazer de muitas das áreas vazias que entremeavam as áreas de moradia e trabalho foi eliminado, os riachos e rios, antes apropriados ao banho e aos esportes náuticos, tornaram-se poluídos (no caso de São Paulo, em especial) (Macedo; Sakata, 2010, p. 34).

A partir do final da década de 60, a criação de parques públicos no Brasil passa a crescer devido ao início de um processo de investimentos públicos, os quais deixam de focar apenas nas elites. Os anos 70, por sua vez, são marcados pelo estabelecimento dos parques modernistas, mais detalhados adiante. Enquanto na década de 80, a temática ecológica se fortalece (Macedo; Sakata, 2010).

Em relação às linhas de projeto, Macedo e Sakata (2010) identificam a existência de três: eclética, moderna e contemporânea. O período que vai do fim do século XIX ao início do século XX é marcado pelo Ecletismo, em que os parques urbanos se apresentam como espaços de lazer contemplativo, com grandes maciços arbóreos, lagos sinuosos, caminhos

orgânicos e geométricos que se cruzam, entre outros, buscando inspiração nos jardins europeus (Macedo; Sakata, 2010).

Nos anos 40 do século XX, surge uma nova corrente de pensamento: o Modernismo. Apesar de ainda trazer os mesmos elementos morfológicos do ecletismo, o movimento de caráter nacionalista rompe com o período anterior e passa a valorizar uma linguagem mais funcionalista e naturalista-tropical, com linhas mais geométricas, definidas e limpas. Além disso, os parques passam a abrigar programas para um lazer mais ativo, incluindo esportes e *playgrounds*, por exemplo (Macedo; Sakata, 2010).

Por fim, nos anos 80 inicia-se um processo de mais liberdade no desenho dos espaços livres, por conta das discussões culturais dos anos 60 e 70 (Macedo; Sakata, 2010). “Tudo pode ser experimentado, tudo é possível. A linha contemporânea de projeto paisagístico caracteriza-se, assim, por uma postura experimental, de busca, não chegando a apresentar padrões rígidos como suas antecessoras” (Macedo; Sakata, 2010, p. 68).

2.1.2 Definições e relevância

Conforme Kliass (2010, p. 7 apud Tuelher; Dornellas, 2018, p. 4), o parque urbano é definido como “[...] espaços com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação”. Compartilhando do mesmo pensamento, Macedo e Sakata (2010) afirmam que o parque é um “espaço livre público estruturado por vegetação e dedicado ao lazer da massa

urbana” (Macedo; Sakata, 2010, p. 13).

Uma forma de abordar essa tipologia é por meio de suas funções na cidade. Dito isso, surge o conceito de “serviços ambientais ou ecossistêmicos” prestados pelas áreas verdes à urbe (Raimundo; Sarti, 2016, p. 12). De acordo com Andrade e Romeiro (2009), referenciados por Raimundo e Sarti (2016), “uma função passa a ser considerada um serviço ecossistêmico quando ela apresenta possibilidade/potencial de ser utilizada para fins humanos” (Andrade; Romeiro, 2009, p. 9-10 apud Raimundo; Sarti, 2016, p. 12).

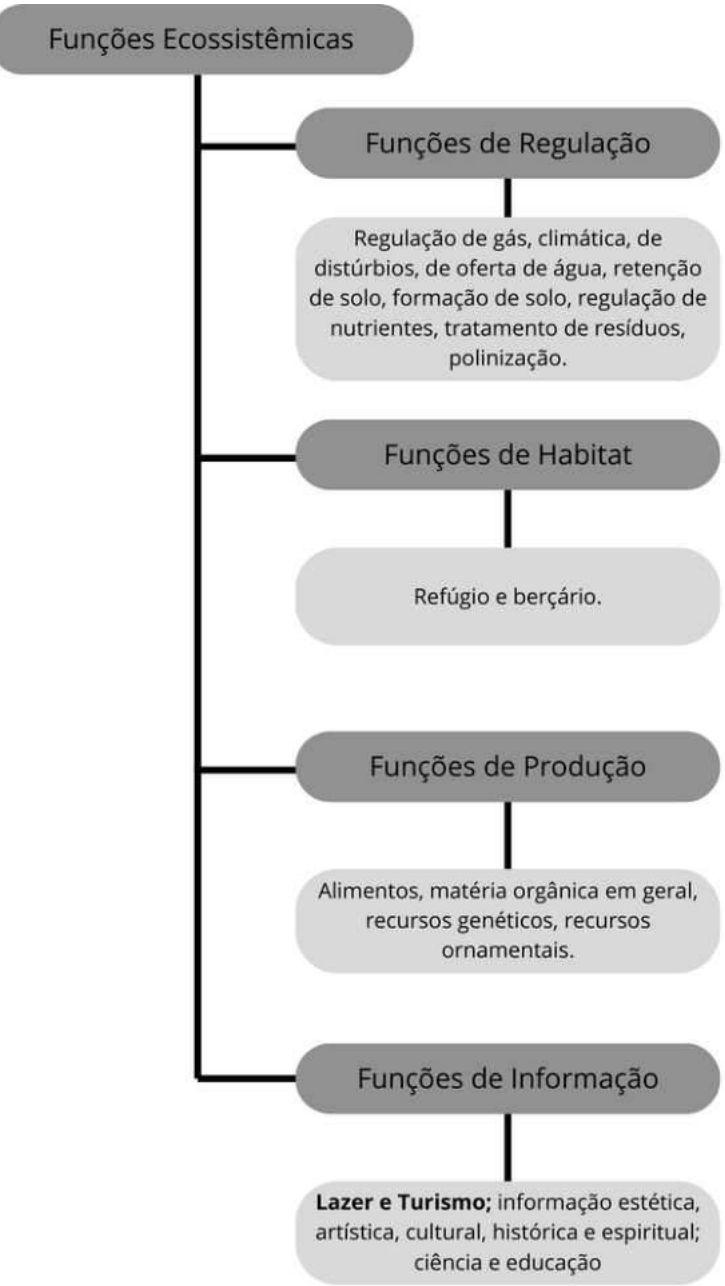
Desse modo, as funções ecossistêmicas podem ser categorizadas em: funções de regulação, funções de habitat, funções de produção e funções de informação (Andrade; Romeiro, 2009 apud Raimundo; Sarti, 2016), como mostrado pela figura 1. Portanto, nota-se que os parques urbanos desempenham, principalmente, as funções de regulação climática e informação.

Demais autores também realizaram estudos a respeito das funções exercidas pelos parques urbanos nas cidades. Vera et al, por exemplo, basearam-se na carta bioclimática de Olgyay para determinar uma zona de conforto ambiental para as atividades de lazer e turismo (Raimundo; Sarti, 2016), vide a figura 3. Nesse sentido, é possível concluir:

[...] a vegetação arbórea, arbustiva e herbácea desempenha papel fundamental no Brasil tropical, regulando a temperatura e umidade do ar, diminuindo o som indesejado e a poluição dos espaços abertos na

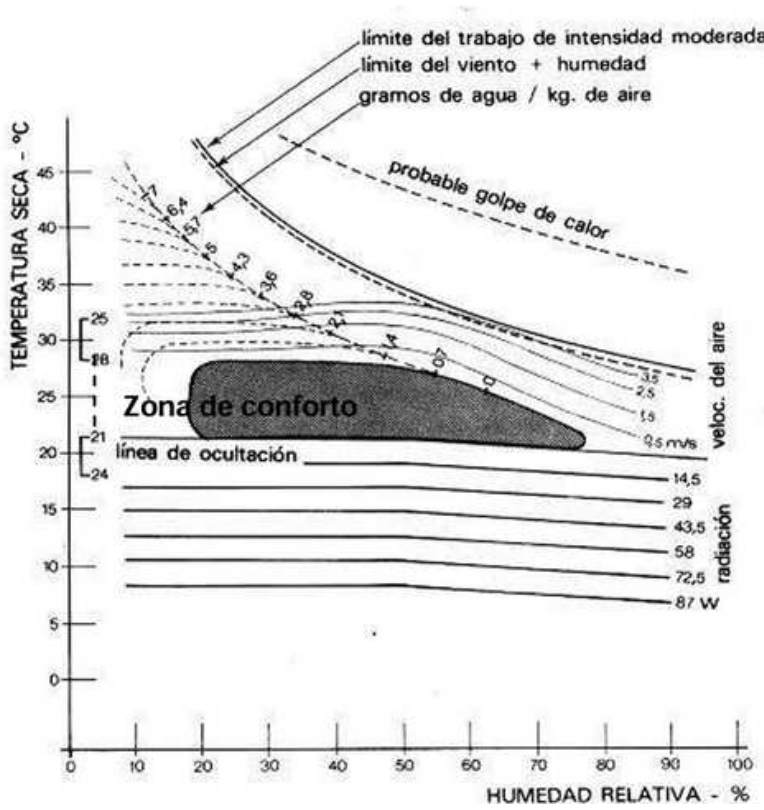
cidade. Ela contribui significativamente para situar os locais naquelas zonas de conforto ambiental e cumprindo sua função ecossistêmica de regulação e de contribuição para melhoria da qualidade de vida das pessoas (Raimundo; Sarti, 2016, p. 15).

Figura 1 - Esquema das funções ecossistêmicas



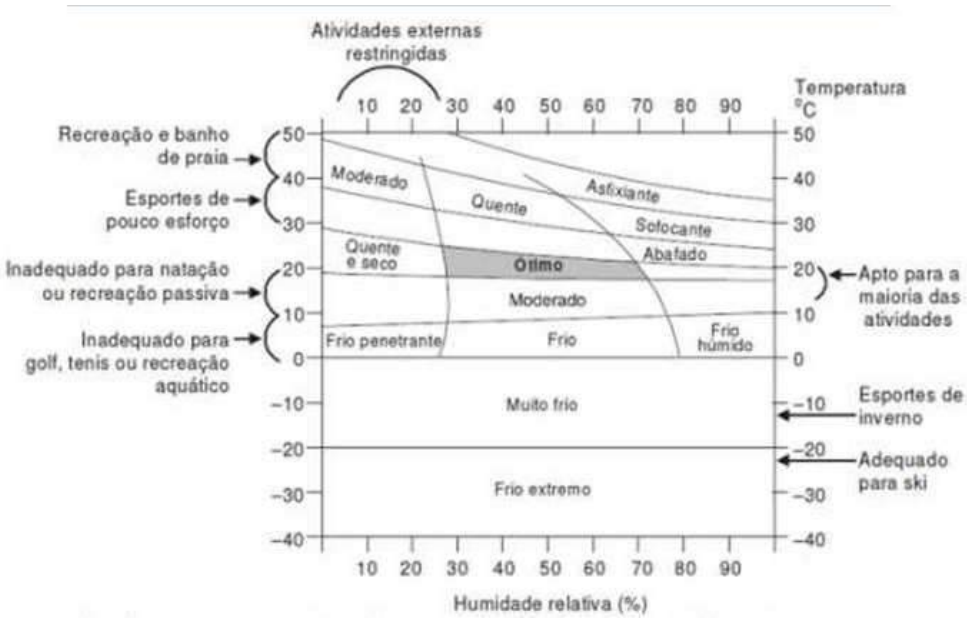
Fonte: Adaptado de Andrade; Romeiro (2009, p. 10) apud Raimundo; Sarti (2016, p. 13)

Figura 2 - Carta de Olgyay



Fonte: Raimundo; Sarti (2016, p. 14)

Figura 3 - Carta de conforto ambiental de Vera et al



Fonte: Raimundo; Sarti (2016, p. 15)

Assim, pode-se inferir, em relação aos parques urbanos, que

uma de suas importâncias está em equilibrar o processo de urbanização atual preservando o meio ambiente, além de delinear novos contornos culturais e estéticos em seu perfil, entorno e identidade urbana, levando em conta seus diferentes tempos, funções e usos (Kliass, 1993 apud Tuelher; Dornellas, 2018, p. 5).

Vale destacar ainda que esse processo de urbanização citado anteriormente, atrelado à falta de planejamento urbano, é o responsável pela existência dos vazios urbanos, espaços subutilizados e ineficiência de espaços livres. Em vista disso, a requalificação de áreas urbanas vem ganhando ênfase a cada ano, visando a sustentabilidade, apropriação de vazios urbanos, melhorias na mobilidade urbana, entre outros (Grosso, 2008 apud Tuelher; Dornellas, 2018).

Nesse cenário, é importante salientar que a ressignificação de espaços públicos deve atender às reais demandas sociais e ambientais, de forma a diminuir os impactos da crise climática, criar uma cidade democrática e impulsionar um desenvolvimento urbano adequado.

2.2 Eventos

Alguns especialistas apontam para a existência de festas e eventos desde a pré-história, dado que as comemorações e expressões, tanto religiosas quanto culturais, sempre estiveram presentes (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017). Bezerra (2008), a partir dos estudos de Fernandes (2001), evidencia:

[...] as festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. As festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares (Fernandes, 2001 apud Bezerra, 2008, p. 7).

Nesse contexto, mediante a proposta de realizar a requalificação de um espaço de festas e manifestações culturais, faz-se necessário compreender a história dos eventos, bem como seus tipos e os impactos nas cidades e em seus cidadãos.

2.2.1 Historiografia dos eventos

Como mencionado anteriormente, há registros de eventos pelo mundo todo que datam desde a pré-história. Segundo Suárez (2010), tais cerimônias, nos moldes que são conhecidos atualmente, surgiram na Grécia Antiga, mais especificamente na ágora, onde ocorriam as mais variadas atividades, incluindo as festas, dedicadas ao deus Dionísio.

Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017) traçam uma linha dos principais eventos na história. Os Jogos Olímpicos, por exemplo, representam um importante marco nesse cenário. Existindo há mais de 2 mil anos (776 a.C.), são considerados a maior competição esportiva do mundo, tendo origem na antiguidade grega. A cada 4 anos os jogos buscam promover a integração e a

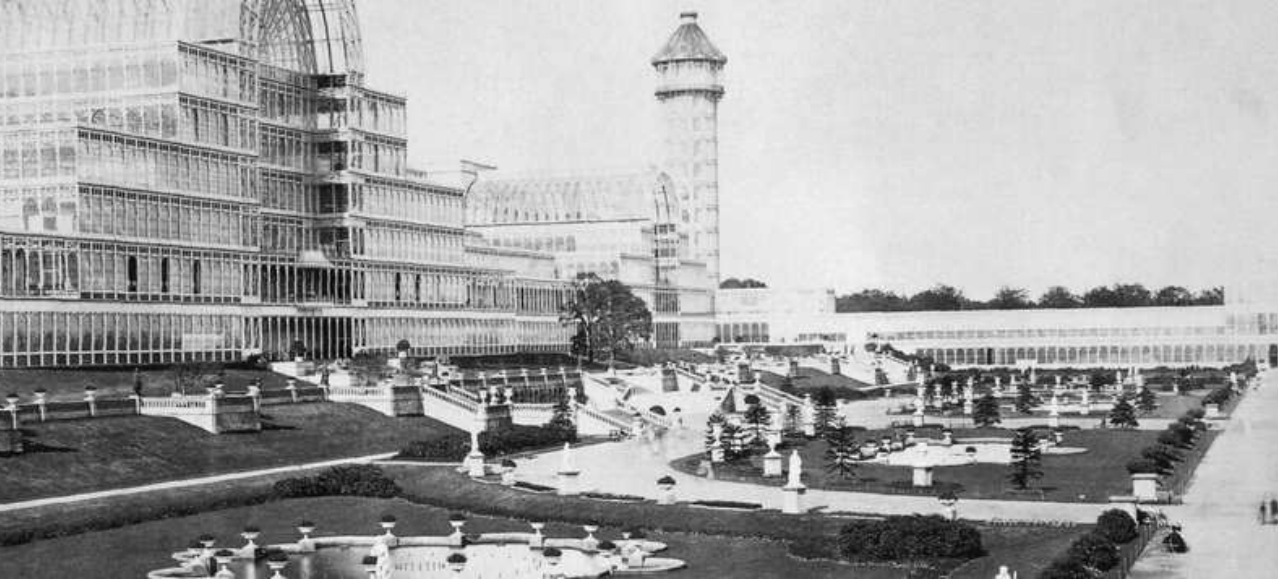
harmonia entre os continentes: em seus primórdios havia, até mesmo, uma pausa nos combates (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017).

Na sequência, em 500 a.C, foram instituídas as Festas Saturnálias (antecedentes do Carnaval). O primeiro evento designado como congresso ocorreu em 337 a.C., em Corinto. Reuniram-se os delegados das cidades gregas para eleger Felipe o generalíssimo da Grécia nas lutas contra a Pérsia. A Conferência de Luca foi o último evento realizado na Idade Antiga (em 56 a.C.), reconciliando dois rivais: Pompeu e Crasso. (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017, p. 54).

Na Idade Média, os eventos com temáticas religiosas tiveram maior destaque e eram apresentados em concílios e peças teatrais (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017). Suárez (2010) afirma que, nesse período, as manifestações aconteciam em praça pública e de duas formas: espontânea, por meio de simples apresentações em praça pública, ou dirigida, previamente organizados por determinado grupo.

Com a Revolução Industrial, profundas transformações sociais e econômicas ocorreram no mundo, o que veio acompanhado por uma evolução tecnológica e novos tipos de eventos, tais quais os técnicos e científicos (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017), que se materializaram nas “Exposições Universais”, megaeventos destinados à divulgação dos progressos da modernidade.

Figura 4 - A Exposição Universal de Londres de 1851 e o Palácio de Cristal



Fonte: <http://letras.cidadescriativas.org.br/2020/11/19/o-palacio-de-cristal-1851/>

Ao longo do Século XX, muitos movimentos autointitulados ‘Vanguardas’ apresentaram novas relações entre a arte e a sociedade; os espetáculos realizados ao ar livre ganharam inovações tecnológicas e também procuraram variações nas interações com a cidade e a sociedade [...] (Suárez, 2010, p. 57).

Pode-se citar como um dos pontos de destaque o Festival de Woodstock (Suárez, 2010). Inserido no contexto da Guerra do Vietnã, o espetáculo musical ocorrido em 1969 nos Estados Unidos atraiu milhares de pessoas ligadas à contracultura, que por 3 dias celebraram a paz e a música. A Copa do Mundo, organizada pela Fifa, também se revela como um dos principais espetáculos da atualidade (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017). Sua primeira edição aconteceu em 1930, no Uruguai e, desde então, a competição segue levando milhares de espectadores

aos estádios e causando diversos impactos econômicos e políticos pelos países em que passa.

Figura 5 - Festival de Woodstock, 1969



Fonte: <https://www.cidadaocultura.com.br/woodstock-o-festival-onde-tudo-aconteceu/>

Figura 6 - Estádio Centenário: inauguração, Copa do Mundo de 1930



Fonte: <https://www.futbox.com/blog/futebol-outros/top-5-curiosidades-das-copas-1930-34-e-38>

Especificamente no Brasil, o encontro entre as pessoas, a festa, o cerimonial, sempre esteve presente, mas foi um Baile de Carnaval, em 1840, o primeiro evento a acontecer em um local adequado para tal fim (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017). Contudo,

Nacionalmente, a atividade de eventos somente ganhou relevo após a Segunda Guerra Mundial, quando passaram a se formar organizações para atender, planejar e prestar todo suporte necessário ao setor de eventos (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017, p. 55).

2.2.2 Definições

A conceituação dos eventos sofreu diversas alterações ao longo do tempo. Atualmente, existem diversas formas de definir tal termo, uma vez que seus objetivos e tipos são incontáveis.

Eles estão presentes em toda a economia, em todas as classes sociais, religiões, raças e credos. Por isso, dependendo da visão de quem o realiza e dele participa, o evento poderá ter uma definição diferenciada da outra, mesmo não sendo conflitante (Martin, 2003, p.35).

Segundo Allen et al. (2008) e Watt (2014), referenciados por Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017), os eventos

são acontecimentos criados e planejados para proporcionar momentos especiais de cunho cultural, social ou corporativo, para atender às necessidades específicas de determinada ocasião, podendo ter fins mercadológicos ou não (Allen et al., 2008; Watt, 2004 apud Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017, p. 62).

Do ponto de vista econômico, Andrade (2007, p. 99) define evento como

o fenômeno multiplicador de negócios, pelo seu potencial de gerar novos fluxos de visitantes ou níveis de consumo. Ou, ainda, evento é todo fenômeno capaz de alterar determinada dinâmica da economia.

Devido a essa variedade de definições, Czajkowski e Czajkowski Júnior (2017) resumem, com base em Andrade (2007) e Matias (2010), que os eventos podem:

- a) disseminar informações consideradas relevantes acerca de uma dada região, permitindo que novos investimentos (tanto públicos quanto privados) sejam feitos;
- b) promover o empreendedorismo local, com base no estímulo a novos negócios (ao mesmo tempo que se fomenta uma maior coesão dos envolvidos a respeito de uma ideia ou ação)
- c) favorecer a oferta de atividades vinculadas ao lazer e ao entretenimento. Essas ações podem culminar com o surgimento de novos negócios ou, ainda, com o aprimoramento dos já existentes (Andrade, 2007; Matias, 2010 apud Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017, p. 63).

Cabe fazer, ainda, uma fundamentação do ponto de vista filosófico e arquitetônico, a fim de entender a relação entre as festas e a cidade, no sentido da criação de identidade por parte dos indivíduos. Nesse contexto, Teixeira (2010) debruça-se sobre grandes pensadores para estabelecer uma conceituação de festa.

Para Durkheim e os seus discípulos, a festa tem sobretudo uma função libertadora e recreativa, propiciada pelo ajuntamento maciço gerador de exaltação. Na esteira de Rousseau e de Michelet, a festa seria uma produção espontânea da sociedade, uma restauração periódica das fontes do tecido social (Teixeira, 2010, p. 18).

Dessa forma, o autor conclui:

As múltiplas interpretações da festa enquanto fenômeno, que aqui só poderão ser esboçadas, têm a ver com processos de identificação. O binômio festa/identidade é uma subespécie do binômio mais lato cultura/identidade, alimentando-se ambos de uma causalidade circular: porque já está identificado, o grupo festeja e, por sua vez, a festa cria ou reforça a identidade. (Teixeira, 2010, p. 18).

Compartilhando do mesmo pensamento, Di Méo (2001), citado por Bezerra (2008) afirma que:

Um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar ou forçar as identidades em nível sócio geográfico, já que seu significado profundo, suas manifestações, a liturgia de seu desenvolvimento, os discursos e os mitos mantêm trabalhando de perto ou de longe a unidade e a identidade social (Di Méo, 2001 apud Bezerra, 2008, p. 9).

A festa, portanto, tem o potencial de criar vínculos territoriais e entre os indivíduos que compartilham da mesma cultura. “Nesse contexto, tem sido um dos veículos através do qual a identidade local é (re)atualizada e sintetizada” (Bezerra, 2008, p. 10).

2.2.3 Classificação dos eventos

Os eventos podem ser classificados em várias categorias, a depender de seus propósitos. As classificações mais comuns, de forma geral, são: abrangência, competição, demonstração ou exposição, data ou frequência, categoria e função estratégica, dimensão, objetivo ou área de interesse, perfil dos participantes e adesão (Martin, 2003). Ressalta-se, ainda, que um tipo de evento pode estar presente em diversas categorizações (Martin, 2003). Desse modo, adiante serão analisadas as classificações relevantes em que a Festa do Cavalo de Colina - SP (um dos objetos de estudo) se enquadra.

Frequência: conforme Tenan (2002), referenciado por Martin (2003), há quatro parâmetros nesse sentido: permanentes (acontecem de forma periódica), esporádicos (realizados em intervalos irregulares), únicos e de oportunidade, ou seja, que se aproveitam de condições favoráveis para ocorrer, como no caso de eventos internacionais ou marcantes, que movimentam um grande contingente de dinheiro e pessoas.

Dimensão: refere-se ao porte dos eventos, ou seja, ao número de participantes (Czajkowski; Czajkowski Júnior, 2017). Tal classificação é de suma importância para a organização dessas atividades, bem como para a formulação das diretrizes de projeto, no caso da arquitetura. Martin (2003) prevê a seguinte categorização:

Tabela 1 - Dimensão dos eventos

Porte do evento	Quantidade de Pessoas
Microeventos	Até 100 pessoas
Pequenos eventos	De 101 a 500 pessoas
Médios eventos	De 501 a 2500 pessoas
Grandes eventos	De 2501 a 5000 pessoas
Macroeventos	Mais de 5000 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martin, 2003, p. 23-24

Adesão: corresponde à forma de participação do público, subdivide-se em eventos fechados e abertos. Os eventos fechados possuem uma adesão limitada, ou seja, os participantes são convidados a comparecer. Já os eventos abertos, são acessíveis a todos os tipos de públicos, podendo ocorrer mediante o pagamento da participação ou de forma gratuita (Martin, 2003).

2.3 Instalações para equinos

Entender as instalações para equinos é de suma importância para o bem-estar dos animais, além de tornar o manejo do dia a dia mais simples. Para isso, é necessário se atentar à finalidade da criação e à funcionalidade de cada ambiente. Desse modo, é possível atender bem tanto os proprietários e funcionários, quanto os cavalos.

O manejo pode ser definido como:

um conjunto de medidas a serem adotadas visando a uma melhor correlação entre o animal e as pessoas envolvidas na atividade, valorizando-se sempre o bem-estar da espécie, bem como a segurança do ser humano e do animal (SENAR, 2018, p. 9).

Em vista disso, a seguir serão apresentadas as principais acomodações e aparelhagens para a criação de equinos, tendo como base a cartilha “Equideocultura: manejo e alimentação” da SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e o capítulo 10 do Guia brasileiro de produção, manutenção ou utilização de animais em atividades de ensino ou pesquisa científica do CONCEA (Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal).

2.3.1 Piquetes

O piquetes são as áreas de pastagem, essenciais para a boa alimentação e para o bom comportamento do animal, devido à sensação de liberdade proporcionada. Preferencialmente devem ser o mais plano possível. Além disso, têm que possuir um tamanho adequado para a quantidade de animais e contar com uma boa cobertura vegetal, água e abrigo para proteção contra adversidades climáticas. Vale destacar que os piquetes são separados por categoria animal, ou seja, éguas gestantes ou recém paridas, potros e potranças, garanhões, etc. (SENAR, 2018).

Figura 7 - Piquete



Fonte: <https://photos1.blogger.com/blogger/206/1584/1600/b2b3.jpg>

2.3.2 Cercas

A cercas se fazem necessárias para demarcar as áreas de circulação dos animais. Existem diversos tipos, tais como: cerca de régua (madeira), cerca elétrica, cerca de arame farpado, cerca de arame liso e cerca de fitas de pvc. Cada uma dessas possui vantagens e desvantagens, e deve cumprir alguns requisitos de segurança, como altura adequada (acima do solo), não ter superfícies cortantes e evitar curvas estreitas, tudo isso visando a segurança do animal (SENAR, 2018; Scarpelli *et al*, 2023).

Figura 8 - Cerca de PVC



Fonte: <https://www.arquiteturaequestre.com.br/conteudo/cerca-para-piquetes-qual-tipo-ideal>

2.3.3 Baias

As baias são os ambientes onde os cavalos são abrigados. Para proporcionar o conforto adequado para os animais, elas precisam: possuir um tamanho adequado (normalmente 4 x 4 m e, no caso dos garanhões e baia maternidade, 5 x 5 m), contar com uma altura mínima de 2,6 m, possibilitar temperatura e ventilação ideais, viabilizar o contato visual entre os equinos, ter portas que abram para fora ou de correr e, por fim, serem funcionais (SENAR, 2018).

Em relação aos tipos de baias, há uma variedade, alguns exemplos são: baias de alvenaria, baias de madeira, baias em sistema de galpão e baias individuais ou lanchonetes, utilizadas para alimentação e cuidados rotineiros (SENAR, 2018).

O piso, por sua vez, pode ser de concreto, areia, borracha ou terra. Seja qual for o material escolhido, é necessário garantir a sua resistência, higienização e drenagem, de forma a assegurar a saúde dos animais e simplificar o manejo (SENAR, 2018; Scarpelli *et al*, 2023).

Figura 9 - Baia



Fonte: <https://www.arquiteturaequestre.com.br/>

2.3.4 Cama

A cama é colocada sobre o piso da baia para proporcionar maior comodidade e higiene aos animais. Por receber seus dejetos, é

preciso realizar a limpeza do local diariamente. Os tipos de materiais mais empregados são capim seco cortado, feno, maravalha, casca de arroz, borracha, palha de aveia, entre outros (SENAR, 2018).

Figura 10 - Cama de maravalha



Fonte: <https://www.arquiteturaequestre.com.br/>

2.3.5 Cocho (comedouro) e bebedouro

É o local onde é oferecida a refeição (ração ou capim) aos cavalos. Ele precisa ser seco, limpo e de fácil higienização. Os materiais mais utilizados são madeira, alvenaria, plástico, fibra,

entre outros. Há ainda um cocho menor para a oferta de sal mineral. Já os bebedouros, normalmente, são de alvenaria, fibra ou plástico e devem estar sempre disponíveis com água limpa (SENAR, 2018).

Figura 11 - Cocho



Fonte: SENAR (2018)

Figura 12 - Bebedouro



Fonte: SENAR (2018)

2.3.6 Feneira ou manjedoura

No interior das baias ou nos piquetes, o feno pode ser oferecido aos cavalos em estruturas denominadas feneira ou manjedoura. Tal aparato geralmente é de ferro ou madeira, em rede ou no chão (SENAR, 2018).

Figura 13 - Feneira ou manjedoura



Fonte: <https://www.ruraltectv.com.br/beneficios-alimentacao-lenta-equinos/>

2.3.7 Depósitos

Em uma propriedade com criação de equinos, a existência de depósitos e espaços dedicados ao armazenamento de insumos é muito importante para a boa conservação dos materiais e dos alimentos. No geral, tais cômodos precisam possuir boa

ventilação e proteção contra sol, chuva e umidade, a exemplo das instalações para armazenar feno, ração, cama (SENAR, 2018).

Outras dependências fundamentais são os depósitos para os equipamentos usados no manejo dos animais, como carrinhos de mão, rastelos, garfos, pás, baldes, sacarias e outros, e para os aparatos utilizados nos cavalos, tais como cabresto, cabeçada, bridão, freio, manta ou baixeiro, sela ou arreio, espora, etc. Em ambos os casos, devem ser guardados de forma organizada e limpa (SENAR, 2018).

Figuras 14 a 17 - Tipos de depósitos



Fonte: SENAR (2018)

2.3.8 Outras estruturas

Além das estruturas já citadas, há ainda outras tão relevantes quanto. A farmácia para manter medicamentos e instrumentos veterinários é uma delas, bem como o escritório, onde se resolvem questões técnico-administrativas e é guardada toda a documentação (SENAR, 2018).

Por fim, podem ser citados o tronco de contenção para procedimentos, área para manuseio (tais quais rasqueamento, casqueamento, ferrageamento, etc.), lavador, embarcadouro (para embarque e desembarque de caminhões) e esterqueira (local onde são colocados os dejetos ou feita a compostagem) (SENAR, 2018).

Figuras 18 a 22 - Demais instalações para equinos



Fonte: SENAR (2018)

2.4 Perspectiva do tema na cidade de Colina, SP

Localizada na região norte do estado de São Paulo, a cidade de Colina é um pequeno núcleo urbano que ocupa uma área de aproximadamente 424 Km² e possui 18 486 habitantes (IBGE, 2022). Com uma altitude média de 590 metros, o município situa-se em região de relevo levemente ondulado e vegetação de mata alta e cerradão, segundo informações disponibilizadas no site da Prefeitura Municipal.

Figura 23 - Localização da cidade de Colina no estado de São Paulo

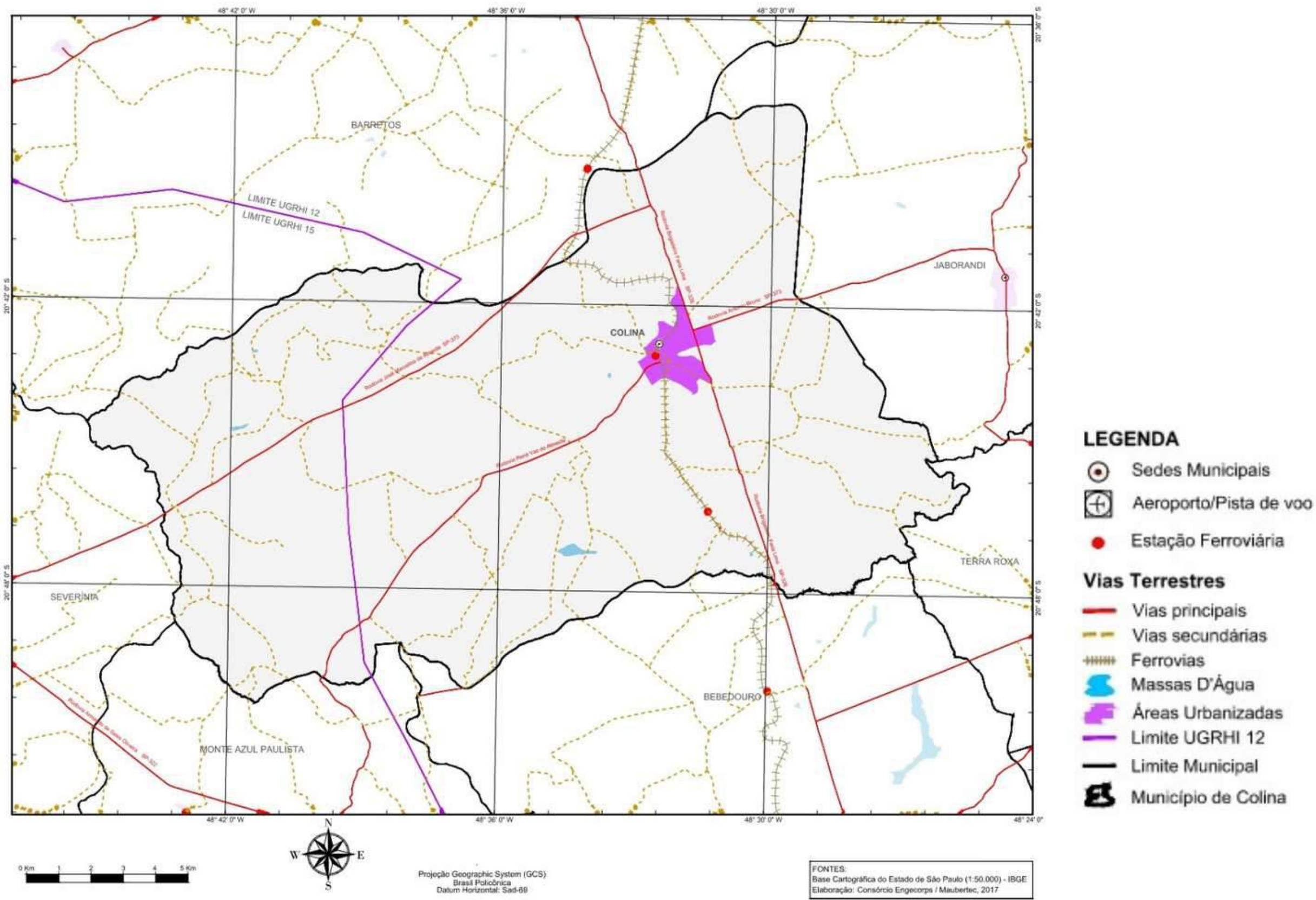


Fonte: Autora (2024)

Colina está situada na bacia do Baixo Pardo/Grande e seu sistema de drenagem natural inclui os seguintes cursos d'água: Rio da Cachoeirinha, Córrego do Retiro, Córrego José Venâncio e Ribeirão das Palmeiras. Além disso, seu clima é classificado, de acordo com a classificação de Köppen-Geiger, como Aw, ou seja, tropical chuvoso com inverno seco (SSRH; CSAN, 2018).

Em relação à economia, as atividades que apresentam maior participação no PIB da cidade são dos setores de serviços (52,51%) e industrial (40,58%), conforme os dados de 2018 da SEADE. O setor agropecuário, nesse mesmo ano, correspondia a apenas 6,92% do produto interno bruto do município, apesar de sua grande área rural e produção agrícola (SEADE, 2018). Segundo a Prefeitura Municipal de Colina, os principais itens agrícolas produzidos são laranja, cana de açúcar, soja, látex, café, algodão, milho, feijão e amendoim. Já no setor industrial destacam-se as indústrias Sucocítrico Cutrale e Usina São José (que produz açúcar, etanol e energia elétrica), além das duas usinas de látex, metalúrgica e outras.

Figura 24 - Mapa de Colina, SP



Fonte: SEADE (2018), adaptado pela autora

2.4.1 Breve contexto histórico do Município

A fundação de Colina deve-se, principalmente, aos esforços de três personalidades: José Venâncio Dias, Luciano de Mello e Antônio Junqueira Franco.

Ao primeiro coube, entre tantas outras coisas, a doação de terras de sua propriedade, a Fazenda Colina, à Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que, por volta de 1900, já havia estendido seus trilhos até Bebedouro, mas necessitava de verba para a aquisição do leito que completaria o trecho Bebedouro-Barretos (Drubi, 2007).

Segundo Drubi (2007, p. 39),

A fazenda Colina, que deu origem à cidade, constava de três partes: Baixada (atual centro da cidade), Baixadinha (que incluía parte do bairro próximo ao cemitério) e Cabaças (atual sede da Coudelaria Paulista).

Além disso, o núcleo urbano teve início com o loteamento, custeado por José Venâncio, da área compreendida entre as atuais avenidas Antônio de Paulo Miranda, Moacir Vizzotto, 13 de Maio e Coronel Antenor Junqueira Franco, conforme a figura 25 (Drubi, 2007).

Figura 25 - Esquema de origem da cidade de Colina, SP



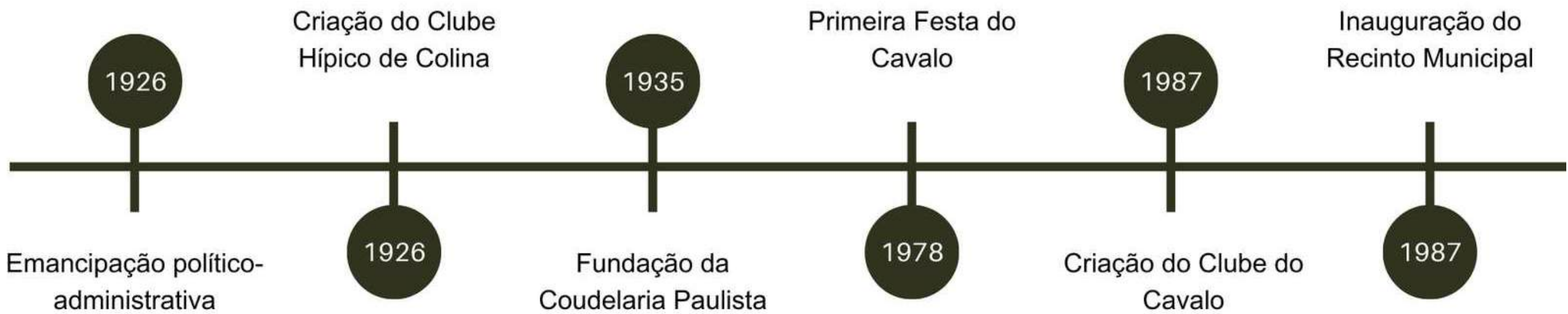
Fonte: Autora (2024)

Em 1917 foi criado o Distrito de Paz de Colina, um passo importante para a criação do município, o qual ocorreu em 1925, pela Lei Estadual nº 2096. Porém, sua emancipação político-administrativa aconteceu apenas no ano seguinte, em 21 de abril de 1926. A partir daí, e graças a produção do café, aos poucos substituída pela pecuária e outras lavouras, a cidade passou a se expandir (Prefeitura Municipal de Colina, 2024).

Desde sua formação, Colina possui uma forte tradição hípica, que teve início com a família Junqueira, a qual era proprietária de extensa área de terras na região e criava cavalos da raça Mangalarga para caça e locomoção. Impulsionados pela fundação da cidade, os Junqueiras, em parceria com demais figuras influentes da época, introduziram oficialmente o esporte equestre na cidade, já praticado por eles. Desse modo, em 1926, foi criado o Clube Hípico de Colina, consolidando a prática do Pólo na comunidade. Quase uma década depois, em 1935, a

Coudelaria Paulista, atual APTA (Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Polo Regional da Alta Mogiana) foi fundada, visando o desenvolvimento de pesquisas de melhoramento genético, reprodução e criação de bovinos e, principalmente, equinos, destinados, em sua maior parte, à cavalaria montada e à prática de equoterapia. Posteriormente, em 1978, aconteceu a primeira Festa do Cavalo, com o intuito de potencializar as tradições colinenses. Por fim, o Clube do Cavalo foi instituído em 1987, para gerenciar as futuras festas e o Recinto 9 de Julho, onde, hoje em dia, também ocorrem as aulas de equitação do Projeto Municipal "Equitação Educativa", além de demais eventos e atividades (Drubi, 2007; Prefeitura Municipal de Colina, 2024).

Figura 26 - Linha do tempo de formação da tradição equestre do município

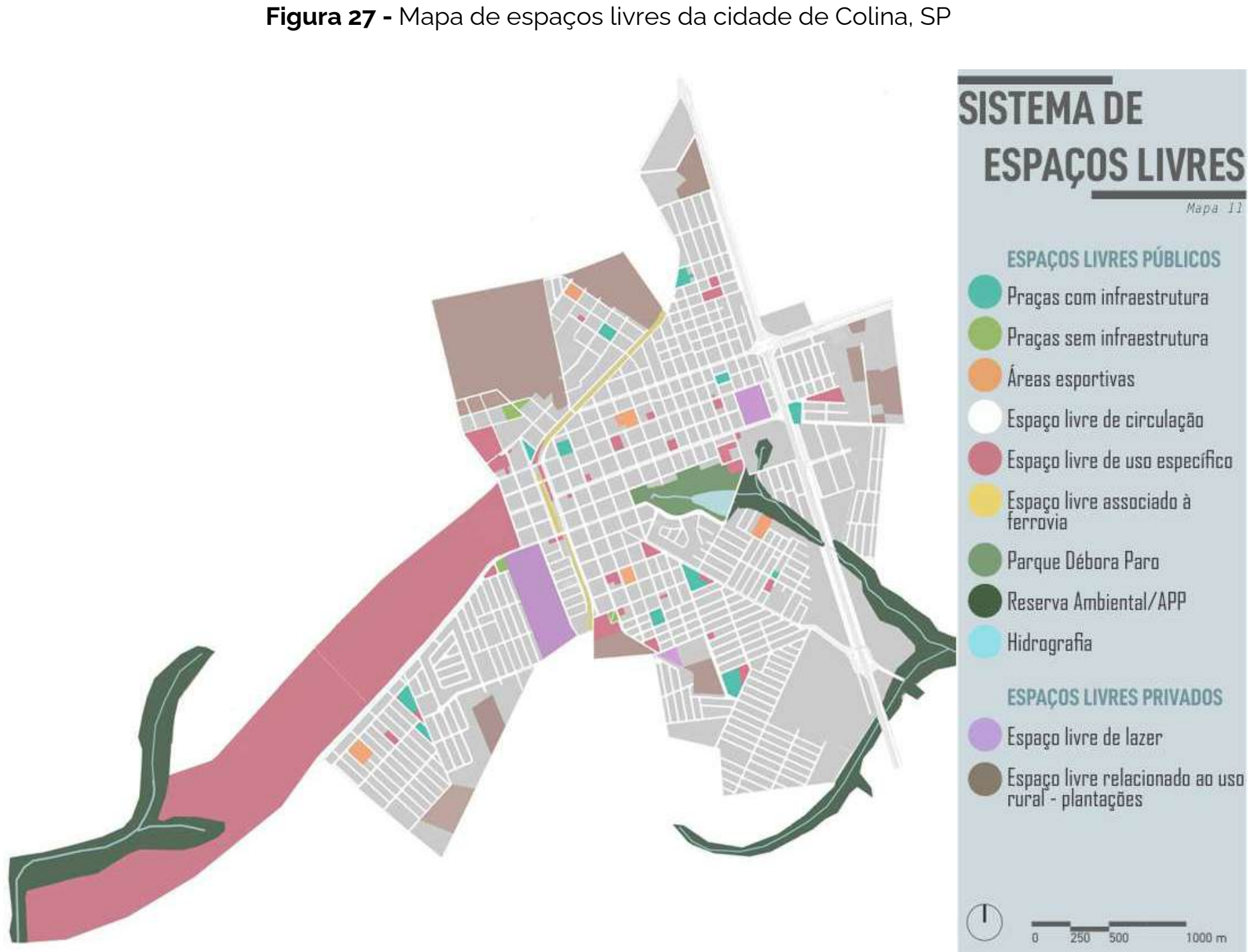


Fonte: Autora (2024)

2.4.2 Espaços livres em Colina, SP

A cidade de Colina possui um sistema de espaços livres bem distribuído pela zona urbana, sendo as praças e as áreas esportivas as tipologias mais comuns voltadas ao lazer da

população. Contudo, cabe avaliar que nem todos os equipamentos têm infraestrutura adequada, muitos deles, mesmo dispondo de certa infraestrutura, não possuem seu potencial bem explorado e acabam sendo subutilizados.



Fonte: Pinto (2021, p. 47)

O núcleo a partir do qual o município se formou abriga alguns dos principais espaços livres da cidade, são eles: Praça Dona Inácia Junqueira de Toledo (Praça da Matriz), Praça Pref. Fernando P. Viana e a Estação Ferroviária. Em uma breve análise desses locais, pode-se inferir que a Praça da Matriz, apesar de ser uma das mais relevantes para a cidade e estar diretamente ligada ao comércio, é pouco utilizada pela população, em breves permanências ou em eventos esporádicos. Já a Praça Pref. Fernando P. Viana, que abriga um programa mais voltado aos

esportes e playground, é bem frequentada no dia a dia, principalmente por jovens, adolescentes e crianças. Enfim, a Estação Ferroviária dispõe de um espaço interessante, com o Museu Municipal, a Ponte Alice Dias e uma grande área verde. Nela acontecem algumas comemorações, porém, no cotidiano, seu potencial é pouco explorado, o que a torna mais um espaço subutilizado.

Figuras 28 a 33 - Praça da Matriz (1), Praça Pref. Fernando P. Viana (2) e Estação Ferroviária (3)



Fonte: Autora (2024)

Além disso, o Parque Débora também se apresenta como uma das áreas livres de maior relevância para os colinenses. Construído para sanar o problema erosivo da região, seu programa é composto por equipamentos de permanência, esportes e lazer, como: academia ao ar livre, pista de skate, pista de caminhada, playground, quadras de *beach tennis* (em construção), lago, mobiliário de permanência e, principalmente,

uma trilha ecológica e um Centro Integrado de Educação e Cultura, nunca finalizado (vide figura 42). Contudo, apesar de tais pré-existências, sua infraestrutura básica é insuficiente e pouco qualificada. Desse modo, percebe-se que o parque ainda carece de maiores investimentos e planejamento, como mostra as figuras 34 a 41.

Figuras 34 a 41 - Parque Débora



Fonte: Autora (2024)

Figura 42 - Programa Parque Débora Paro



Fonte: Autora (2024)

Outros espaços que merecem destaque são: a Praça das Cohabs e o Recinto Municipal “9 de julho”. O primeiro está localizado em uma área de bastante comércio e serviços, em especial de restaurantes, e é intensamente frequentado nas noites dos finais de semana, devido aos “food trucks” que se instalaram no local. Essa praça não possui um programa bem elaborado, contando com equipamentos para permanência básica e academia ao ar livre (pouco apropriada), como mostrado nas figuras 43 e 44. Desse modo, apresenta um problema comum associado aos equipamentos da cidade: a subutilização de seu potencial. O recinto municipal, por sua vez, é o principal atrativo do município e será apresentado em um tópico específico mais adiante.

Figuras 43 - Praça das Cohabs



Fonte: Autora (2024)

Figuras 44 - Praça das Cohabs



Fonte: Autora (2024)

2.4.3 Eventos em Colina, SP

Cabe ainda fazer uma breve análise da realização de festas e eventos na cidade, bem como dos espaços em que eles acontecem, de modo a compreender se suas estruturas são adequadas e embasar futuras discussões e decisões projetuais. Nesse sentido, a fim de facilitar tal diagnóstico, a tabela número 2 foi elaborada.

Tabela 2 - Principais eventos em Colina no ano de 2023

Eventos em Colina – 2023		
Mês	Evento	Local
Janeiro	–	–
Fevereiro	Carnaval	Recinto Municipal
Março	–	–
Abril	Inauguração da decoração especial de Páscoa	Praça da Matriz
	Aniversário da Cidade (shows)	Praça do Museu Municipal
	Aniversário da Cidade (Motocross)	Recinto Municipal
	Aniversário da Cidade (Campeonato de Futebol)	Estádio do Colina Atlético/Campo Municipal da Nova Colina
Maio	–	–
Junho	–	–
Julho	Festa do Cavalo	Recinto Municipal
Agosto	–	–
Setembro	Ato Cívico (Independência do Brasil)	Praça do Museu Municipal
Outubro	–	–
Novembro	–	–
Dezembro	Inauguração das Festividades Natalinas	Praça da Matriz
	Programação Artística e Cultural de Final de Ano	Praça da Matriz

Fonte: Autora (2024)

A partir do exposto, é possível traçar algumas observações. Primeiramente, o local em que cada evento é realizado varia ao longo do tempo, com exceção da Festa do Cavalo. Entretanto, atualmente há uma preferência por três lugares, basicamente: Praça da Matriz, Praça do Museu Municipal e Recinto Municipal (que será analisado posteriormente).

A Praça do Museu Municipal (figuras 45 e 46) é uma novidade no

calendário festivo da cidade. Tal espaço tornou-se uma opção para a realização de festas há poucos anos e, por se tratar de um lugar sem estrutura para esse tipo de situação, exige uma grande interferência no entorno, principalmente em relação ao trânsito. Além disso, o conjunto da Estação Ferroviária abriga uma grande área verde em desuso, a qual poderia ser qualificada para o lazer da população, incluindo a promoção de eventos.

No que se refere à Praça da Matriz, ressalta-se que ela sempre sediou variadas comemorações. Porém, esteve afastada dessa função por algum tempo, devido a reclamações feitas pelos moradores do entorno a respeito dos impactos causados na vizinhança, como a poluição sonora e os problemas de tráfego. Em 2023, os 16 dias de festividades das programações de final de ano ocorreram no local pela primeira vez (figuras 47 e 48), sendo uma alternativa ao Parque Débora que, durante anos, abrigou o “show da virada” colinense, que foi interrompido por questões de violência e segurança.

Portanto, torna-se evidente que os espaços utilizados para a prática de eventos públicos em Colina não possuem, nem recebem, estrutura e preparo adequados para tal fim, o que acaba gerando diversos problemas em suas vizinhanças. Essa situação faz com que haja certa instabilidade na organização das festas, que por vezes deixam de acontecer pela falta de local e planejamento apropriados.

Figuras 45 e 46 - Comemoração dos 98 anos de Colina na Praça do Museu Municipal



Fonte: Prefeitura Municipal de Colina (2024)

Figuras 47 e 48 - Programação Artística e Cultural de Final de Ano 2023



Fonte: Prefeitura Municipal de Colina (2024)

Figuras 49 e 50 - Réveillon de 2019 no Parque Débora Paro



Fonte: Prefeitura Municipal de Colina (2019)



3. ESTUDOS DE CASO

Neste capítulo serão apresentadas análises projetuais que servirão de base para a realização do projeto. A escolha dessas referências levou em consideração a proximidade com a temática trabalhada ou a presença de características e soluções relevantes para o desenvolvimento do trabalho, tais como estrutura, materialidades, funcionalidade e organização espacial.

3.1 Parque do Peão de Barretos

De acordo com o site oficial da Festa do Peão de Boiadeiro, de Barretos, o Parque do Peão, palco do maior rodeio da América Latina, foi inaugurado em 1985 e está localizado na Rodovia Brigadeiro Faria Lima, quilômetro 428. Com uma área de cerca de 2 milhões de metros quadrados e capacidade para 35 mil espectadores sentados, o parque conta com inúmeras atrações, incluindo a arena projetada por Oscar Niemeyer.

Entretanto, nem sempre foi assim. De acordo com Silva (2014), a primeira edição da Festa de Peão ocorreu em 1956, um ano após a formação da associação “Os Independentes”, sob uma lona de circo no Recinto Paulo de Lima Correa. Posteriormente,

As exigências de sempre aprimorar e aumentar o evento, fez com que os ‘Independentes’ adquirissem um terreno, em 1980, de maior vulto para a instalação do Parque do Peão. Resolveram dois problemas: o imediato da organização da Festa e dos moradores da cidade, visto que, durante os dias de Festa, a “cidade não

dormia”, e os habitantes locais eram obrigados a conviver com festas na rua, som alto dos carros, buzinas, a multidão que tomava e se aglomerava nas ruas centrais e de toda espécie de acontecimento e enfrentamentos entre moradores e turistas e demais reclamações, já descritos anteriormente nos blogs. (Silva, 2014, p. 148)

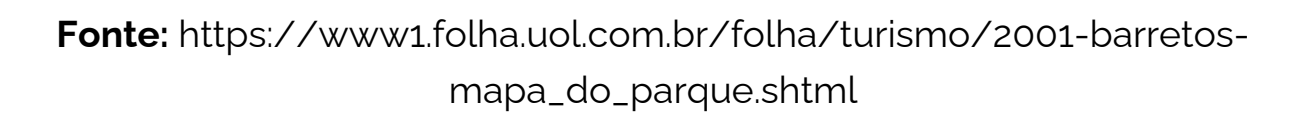
Desse modo, ao longo dos anos o parque desenvolveu um longo e complexo programa, responsável por mostrar a cultura e o folclore sertanejo, o qual inclui: rodeios, hípica, exposições, shows e áreas de cultura e lazer, à exemplo do Rancho do Peãozinho, de 30 mil metros quadrados, inaugurado em 1999 como um espaço lúdico voltado às crianças. (IBGE, 2016).

Conforme elaborado por Silva (2014), vale destacar que o parque também conta com: estacionamento de 120 mil metros quadrados, podendo alojar até 14 mil carros, área de camping com 21 mil metros quadrados dividida em Camping de Solteiros e Camping de Casados e mais de 40 ranchos destinados à festas particulares.

Como já citado anteriormente, um dos pontos de maior relevância do complexo é o estádio idealizado por Oscar Niemeyer. Analisando o conjunto da obra, pode-se notar algumas características do desenho do arquiteto, tais quais a sinuosidade e os espaços amplos e fluidos, como bem apontado pela revista Casa Vogue (2015). Sobre o projeto, Niemeyer escreveu:

Acabamos concordando com a densidade do projeto,

Figura 51 - Programa Parque do Peão de Barretos



O PARQUE DO PEÃO
segundo Oscar Niemeyer

homenagem às cores, uma estrutura
pública leve, reservada ao esporte,
e, inclusive, às grandes festas populares
e ao recreio de forma perfeita.

Sua área, estendida ao longo da
avenida principal, é o eixo
divisor, difusor de todos os pontos
concentrados neste eixo.

20/1/1988

parque habitação

A hand-drawn sketch of a park layout. It features a central horizontal path with several structures along it, including a large circular structure on the right and a smaller one on the left. There are also paths branching off from the main one, and various small structures and trees indicated by simple lines and dots. The drawing is done in a sketchy, expressive style.

1ª etapa

- Estacionamento 5.000 vagas
- Instalações administrativas
- Armas livres para stands e diversões
- Restaurantes
- Estádio
- Mini-shopping
- Plata de cross
- Hípica
- Carnelódromo

2ª etapa

- Hotel Fazenda
- Zoo regional
- Lago com peixes

Figura 53 - Arena do Parque do Peão de Barretos



3.2 Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina, Distrito Federal

a construção do Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina (DF, Brasil), que abrange espaços de recreação e lazer, espaços de encontro, esporte, educação e cultura, além do programa de Parque de Exposições e Eventos Agropecuários" (ArchDaily, 2013).

Dessa forma, conforme o que foi exibido no concurso e descrito no Archdaily (2013), o grupo baseia-se em quatro pontos orientadores para o projeto: escala, programa, estratégia e performance. Em síntese, trabalha-se com: escala metropolitana, um vasto programa que inclui “atividades culturais, de divulgação, esportivas, de ensino e lazer” (MAAM; Studioparalelo, 2012, p. 1), uma estratégia de conexão entre cidade e campo, e, por fim, a performance, ou seja, “seu comportamento na realidade de usos atuais e futuros” (MAAM; Studioparalelo, 2012, p. 1), distanciando-se da validação apenas formal.

Este mapa mostra a localização da Reserva Municipal de Mata Atlântica em relação à cidade de São Paulo. A cidade é representada em cinza, a margem em verde claro e a reserva em verde escuro. Linhas de conexão indicam a proximidade entre a reserva e a cidade.

43

O programa do complexo foi disposto linearmente, de forma a organizar as atividades de acordo com a interferência que desempenham no meio. Em vista disso, o terreno foi setorizado em “zona A” e “zona B”, em que a intensidade de perturbação no ambiente aumenta gradualmente de “A04” para “B06”, conforme a figura 54.

Já a proposta da estrutura é definida pelos arquitetos como “montar mais que construir” (MAAM; Studioparalelo, 2012, p. 2), fazendo uso, dessa maneira, de elementos pré-fabricados, responsáveis por diminuir o tempo de obra e os desperdícios. Tal “lógica modular (intrínseca à esta tecnologia) se faz presente nos diferentes elementos que compõem o projeto (cobertura, pavimentação, fechamentos e etc...)” (MAAM; Studioparalelo, 2012, p. 2).

Somado a isso, a sustentabilidade atua como uma das principais diretrizes da proposta e pode ser sintetizada em quatro eixos: sombreamento, insolação, regulação térmica e aproveitamento de água da chuva. A cobertura é o grande destaque nesse quesito, além de fazer o sombreamento, sustenta um filtro de radiação direta e, deslocada do programa abaixo, possibilita a ventilação cruzada e, como consequência, o conforto térmico. Por fim, realiza o recolhimento da água da chuva (MAAM; Studioparalelo, 2012).

LEGENDA PARA FIGURA 56: Com base em MAAM; Studioparalelo (2012)

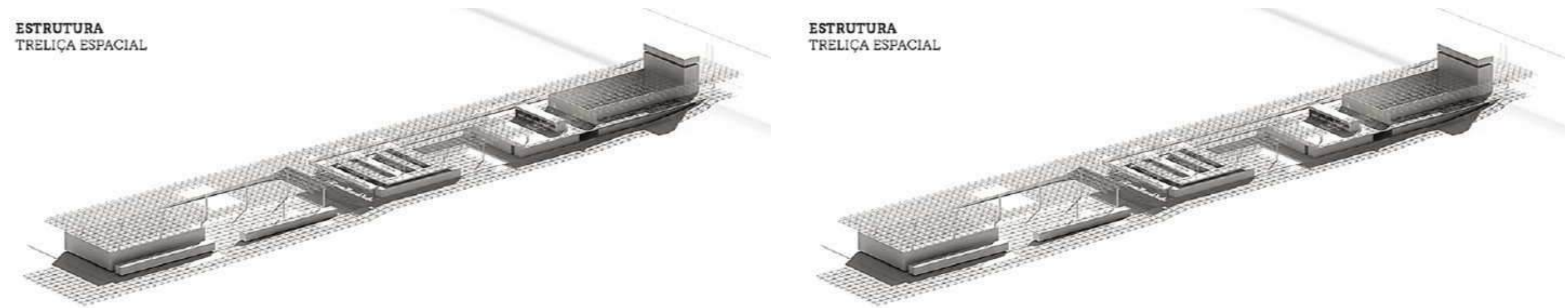
- A04 | Reserva Ecológica: Estado puro da natureza.
- A03 | Área de Parque Agreste: Área de mínima intervenção, o programa se resume a trilhas e mirantes.
- A02 | Faixa ativa do “parque reserva”, com áreas de reflorestamento, trilhas e equipamentos de esporte e lazer.
- A01| Fronteira de Convivência: Região de conexão entre os espaços de serviço e os programas flexíveis. Serve tanto à zona A quanto à B, com sanitários, vestiários, espaços de descanso e leitura, serviços de apoio ao grande palco.
- B02 | Área Disponível: Para atividades de grande porte, como mega espetáculos, parques de diversões, exposição de veículos e máquinas agrícolas, eventos ao ar livre, etc.
- B03 | Promenade: Estrutura conectiva, passarela de espaços intensos, flexíveis e híbridos. Abriga os acessos ao complexo.
- B04 | Marquise: Volume edificado em que os diversos programas e usos ocorrem de forma livre e flexível sob uma marquise.
- B04 | Erupção: Comporta o programa administrativo. As fachadas ventiladas proporcionam a otimização da luz e ventilação.
- B05 | Estacionamento/Bosque: Transição entre cidade e natureza. Possui pavimentação permeável e árvores para sombreamento das vagas.
- B06 | Cidade.

Figura 56 - Setorização do projeto - Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina



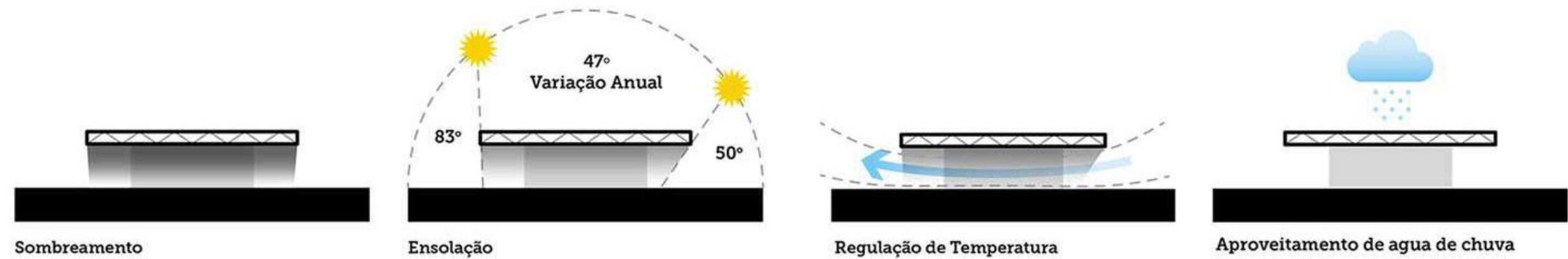
Fonte: MAAM; Studioparalelo (2012), modificado pela autora

Figura 57 - Estrutura e cobertura - Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina



Fonte: MAAM; Studioparalelo (2012)

Figura 58 - Esquema sustentabilidade - Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina



Fonte: MAAM; Studioparalelo (2012)

Ademais, em um estudo mais detalhado da área “Bo4”, é possível dizer que o grupo tomou partido da topografia para criar espaços “híbridos e flexíveis onde acontecem programas e atividades diversas” (MAAM; Studioparalelo, 2012, p. 2). Dito isso, os acessos são diversos e se dão por meio de rampas e escadas. Dentre as programações que ocorrem nesse amplo espaço podem-se citar: áreas de leilão, exposição, curral, estandes,

praça de alimentação, galpão multiuso, museu da moagem e mirante. Finalmente, as áreas administrativas encontram-se no volume acima da cobertura.

Em última análise, merecem atenção, em primeiro lugar, o estacionamento/bosque que, “construído com pavimentos permeáveis, auxilia na drenagem e irrigação do solo. O plantio de

árvores para sombreamento das vagas e caminhos conformam uma nova área verde” (MAAM; Studioparalelo, 2012, p. 2). Em segundo lugar, as cabanas de refúgio primitivo na área “A02”, além da atalaia para observar a paisagem e, é claro, os demais

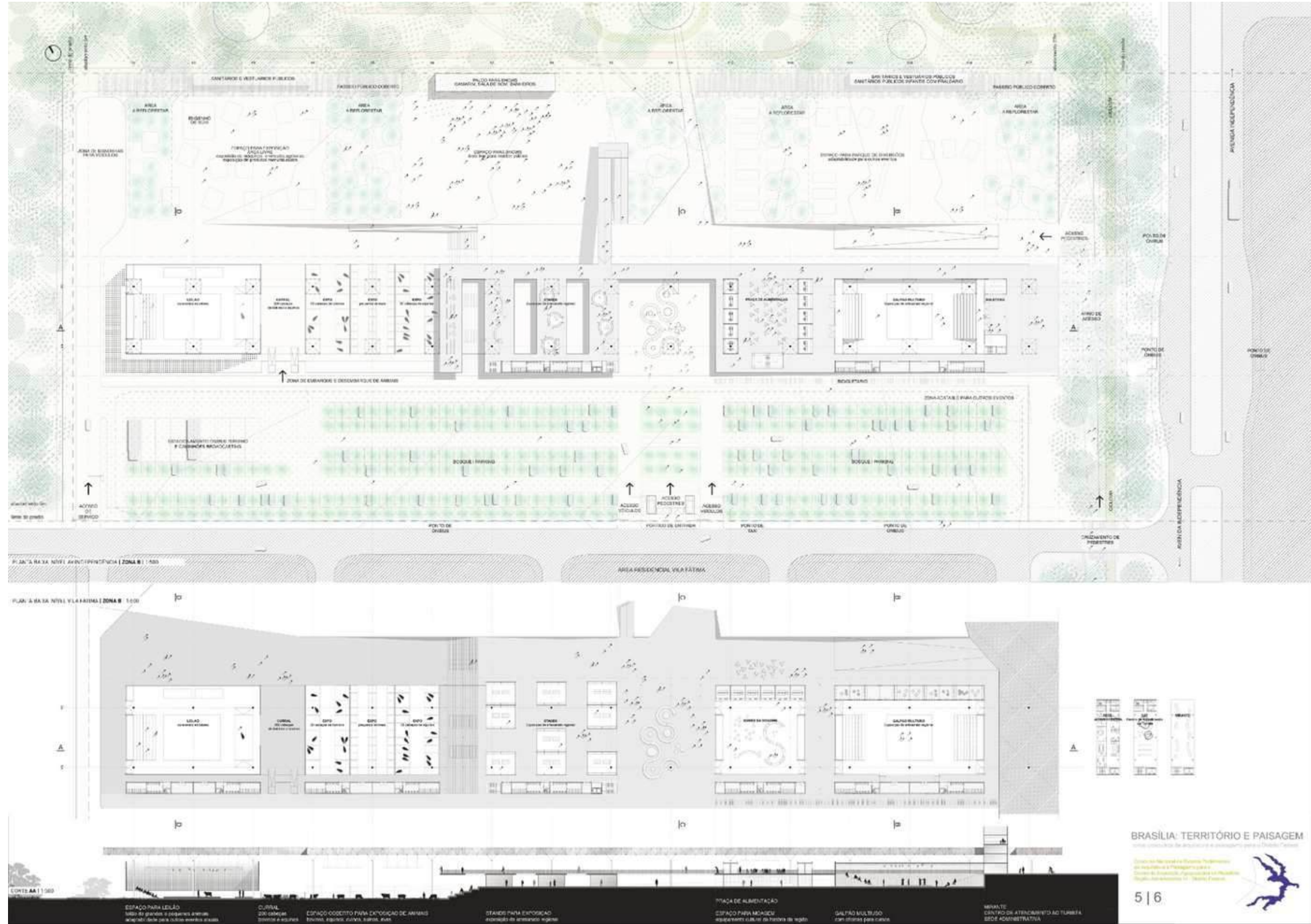
programas, entre eles: paraciclo, ciclovia, cooper, trilha ecológica, parque infantil, pontos de encontros, entre outros.

Figura 59 - Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina



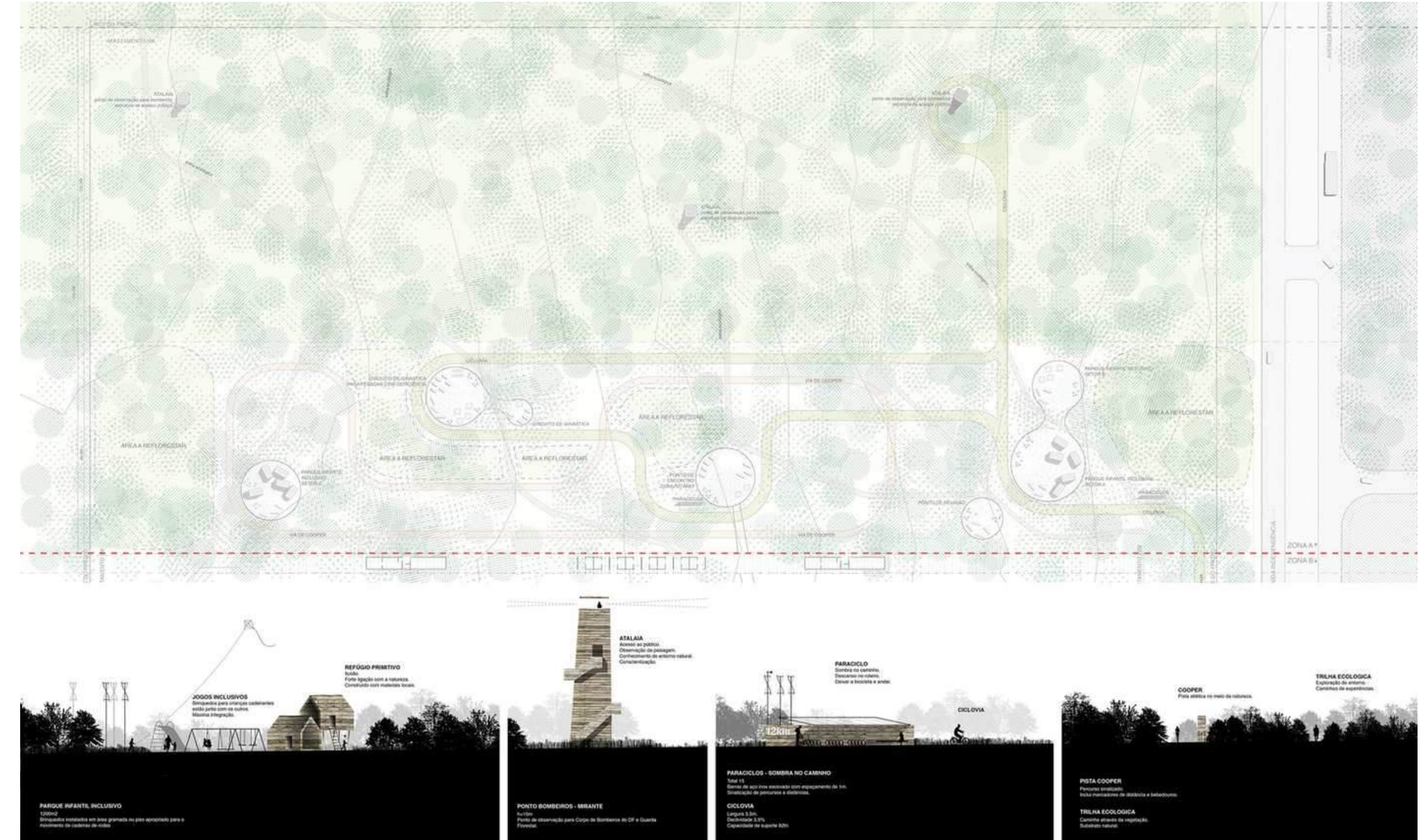
Fonte: MAAM; Studioparalelo (2012)

Figura 60 - Plantas e corte Zona B04 - Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina



Fonte: MAAM; Studioparalelo (2012)

Figura 61 - Zona A02 - Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina



Fonte: MAAM; Studioparalelo (2012)

3.3 Centro Equestre, Leça da Palmeira – Portugal

Localizado próximo à praia do Cabo do Mundo, em Leça da Palmeira, ao norte de Portugal, o projeto do estúdio Carlos Castanheira e Clara Bastai chama a atenção pela sua funcionalidade e pelo conforto oferecido aos que nele vivem. Tais pontos foram os principais guias para os arquitetos, que afirmam: “Somos funcionalistas até porque a Arquitetura o deve ser e a isso nos obriga. Não o sendo, estaremos destinados ao desconforto, ao absurdo e logo ao ridículo” (Castanheira; Bastai, 2012).

De acordo com o escritório, um dos principais desafios da proposta foi a exigência dos clientes em utilizar a madeira não só na estrutura, como também, nas divisórias, paredes e teto. Por falar em estrutura, essa é aparente tanto no interior quanto no exterior (Mairs, 2015).

Figura 62 - Interior do Centro Equestre em Portugal



Fonte: Guerra (2015)

Em relação à volumetria e ao programa, pode-se dizer, com base no descrito por Mairs (2015), no site “Dezeen”, que são: um estábulo com dois picadeiros cobertos, um celeiro e um volume social. Vale ressaltar que separar o espaço em partes foi uma estratégia da equipe para que o complexo parecesse menor, evitando, assim, um possível conflito com o entorno, conforme elucidado pela jornalista.

Figura 63 - Exterior e entorno do Centro Equestre em Portugal



Fonte: Guerra (2015)

Além disso, as arenas são cobertas e conectadas uma à outra para proteção contra adversidades climáticas e suas paredes laterais são inclinadas para fora, conferindo um perfil de pentágono aos volumes (Mairs, 2015). Enfim, os grandes beirais e janelas que se sobressaem ao telhado contribuem para o bem-estar dos usuários na medida que proporcionam abrigo ao clima e iluminação natural, respectivamente.

Figura 64 a 66 - Imagens externas e interna do Centro Equestre em Portugal



Fonte: Guerra (2015)

Finalmente, ainda conforme Mairs (2015), cada estábulo conta com áreas de banho e tosa e o último bloco acomoda o programa administrativo, lounge e refeitórios, além de um

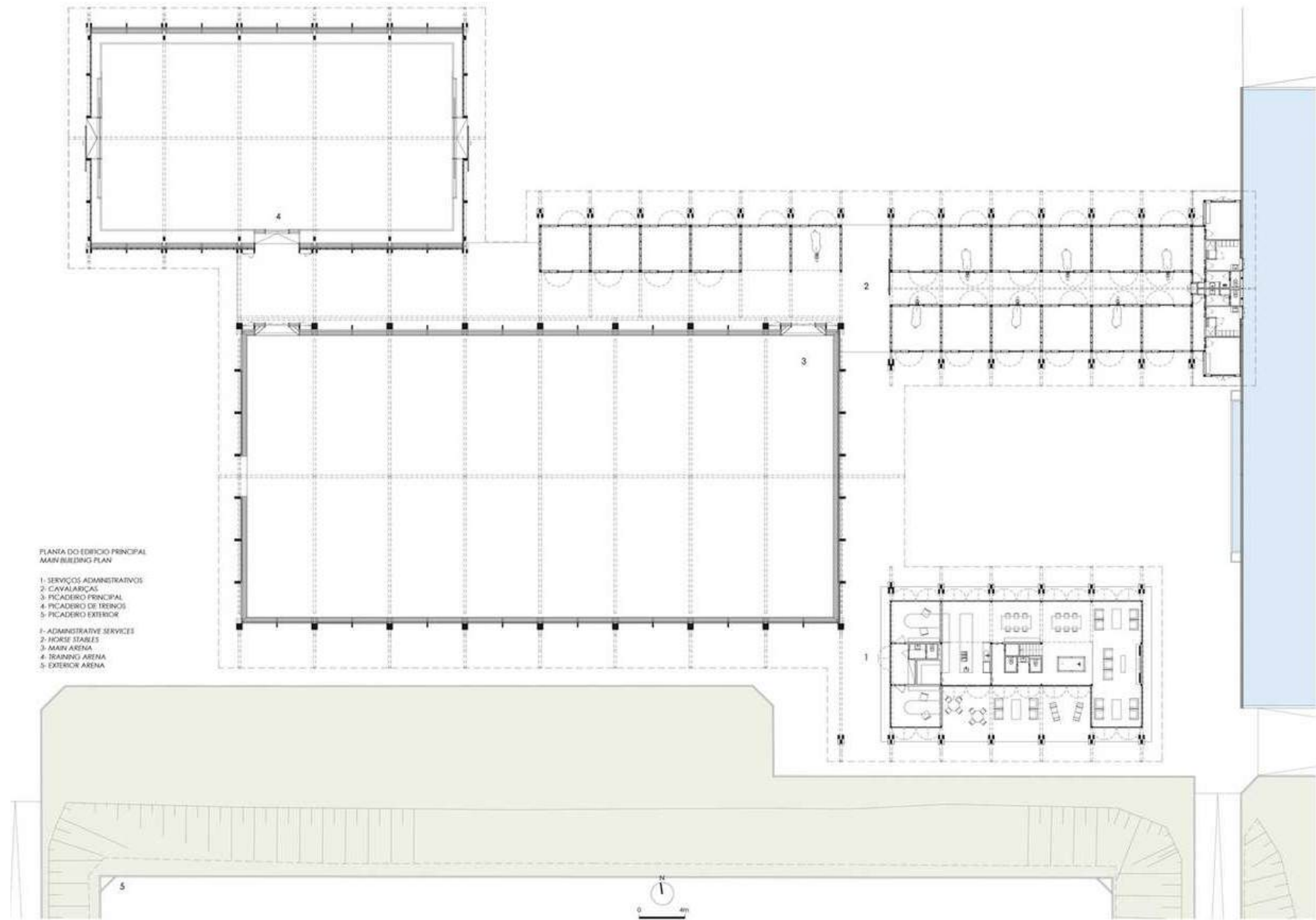
mezanino com quartos para pernoites. No exterior, nota-se a presença de um pátio gramado, uma piscina, um lago e áreas para treinamento e pastagens descobertas.

Figura 67 - Implantação do Centro Equestre em Portugal



Fonte: Archdaily (2020)

Figura 68 - Planta do edifício principal do Centro Equestre em Portugal



Fonte: Archdaily (2020)

3.4 Centro Hípico Polana, Campos do Jordão

O Haras Polana, projeto de Mauro Munhoz, está situado no fundo de um vale, entre os municípios de Campos do Jordão e São Bento do Sapucaí, e tem como pretensão criar uma arquitetura fora dos padrões tradicionais de instalações rurais, sem, no entanto, prejudicar a funcionalidade (Projeto Design, 2005²).

Figura 69 - Inserção do Haras Polana na paisagem

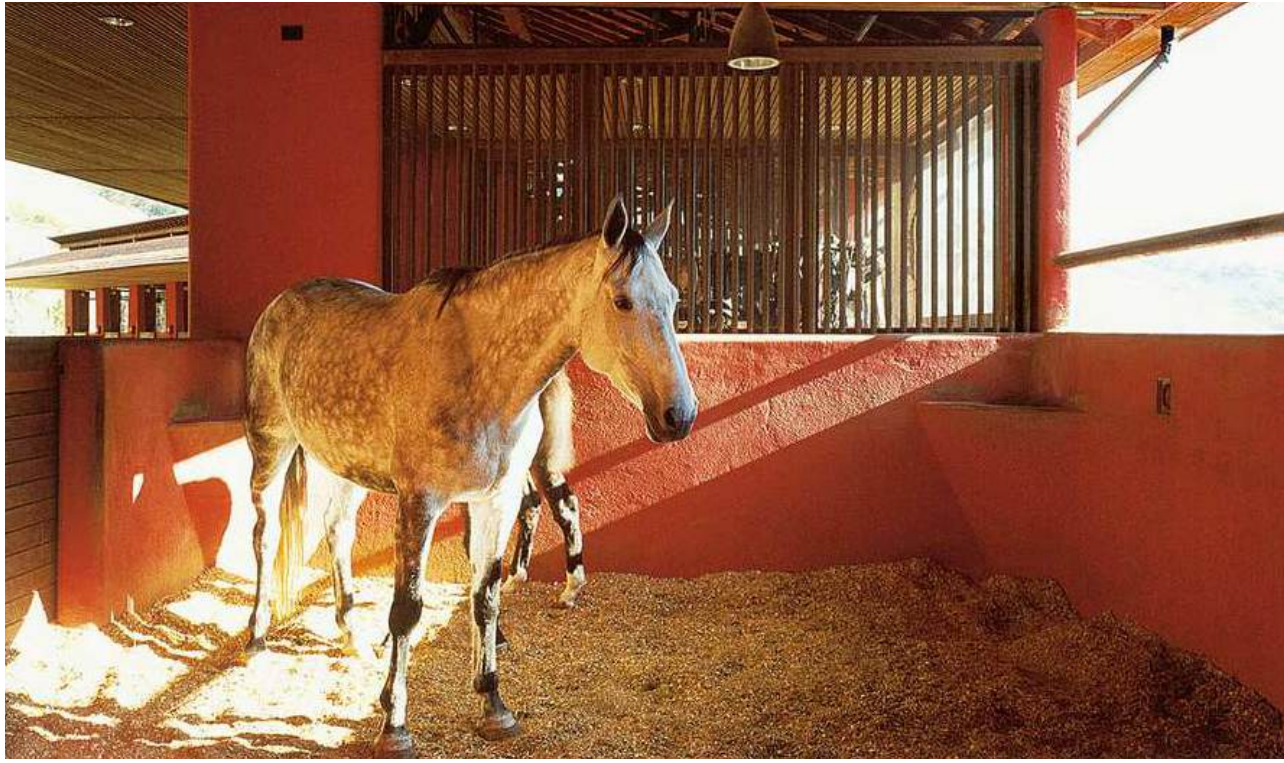


Fonte: Kon (2005)

No que diz respeito às decisões projetuais, conforme análise trazida na revista “Projeto Design” de 2005, as baias possuem um fechamento em alvenaria até a altura de 1,4 metro, para que os cavalos mantenham um campo de visão amplo. Acima dessa parede, há um muxarabi de aço corten, o qual permite a divisão do espaço mantendo a permeabilidade visual.

Outros pontos de destaque na composição das baias são: portas de correr, cantos arredondados, cor terracota e revestimentos sem brilho. Tais escolhas foram feitas visando o bem-estar dos cavalos. Com esse mesmo intuito, optou-se pelo revestimento de borracha no piso para diminuir as consequências negativas do impacto entre os cascos e o chão (Projeto Design, 2005).

Figura 70 - Baia do Centro Hípico Polana



Fonte: Kon (2005)

No picadeiro, o piso é composto por uma camada impermeável de brita e solo-cimento, e por cima, uma de poliéster bentonita e areia, proporcionando elasticidade para a absorção de impactos (Projeto Design, 2005).

Figura 71 - Picadeiro, Centro Hípico Polana



Fonte: <https://www.360cities.net/image/centro-hipico-haras-polana-campos-do-jordao-sp-brasil>

Em relação ao forro, há duas técnicas que chamam atenção: borrifadores de água e citronela para o controle da temperatura e de insetos, e uma espécie de shaft horizontal. Além disso, as faces laterais não possuem fechamento (Projeto Design, 2005).

Figura 72 e 73 - Técnicas utilizadas no forro, Centro Hípico Polana



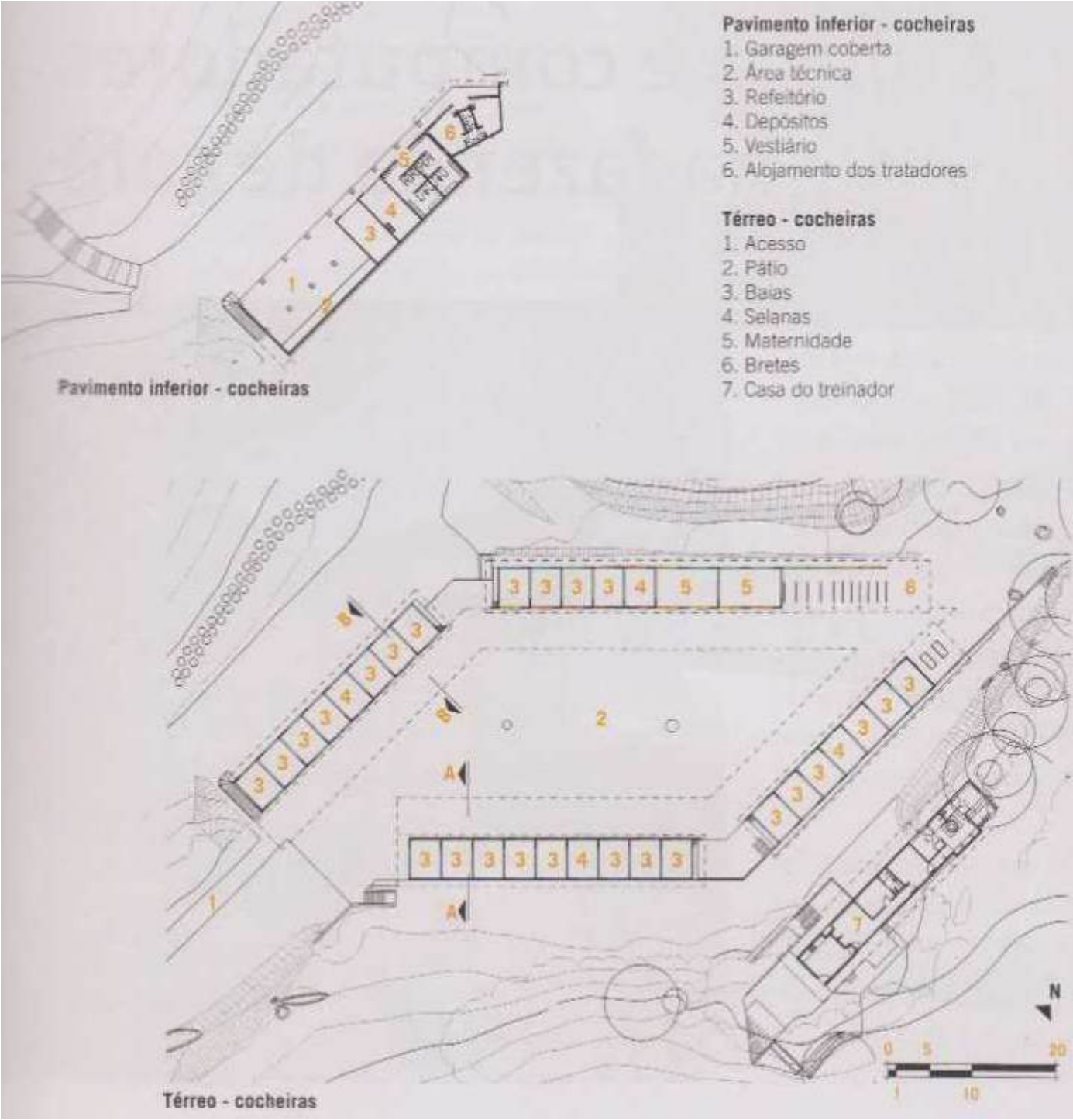
Fonte: Kon (2005)

² Edição número 307 da revista, texto de autoria de F.S.

Quanto à organização espacial, a análise da planta revela que a cocheira é constituída por quatro pavilhões dispostos de forma trapezoidal e com um pátio ao centro. Esse arranjo surgiu a partir

das curvas de nível, visando a maior área plana possível (Projeto Design, 2005).

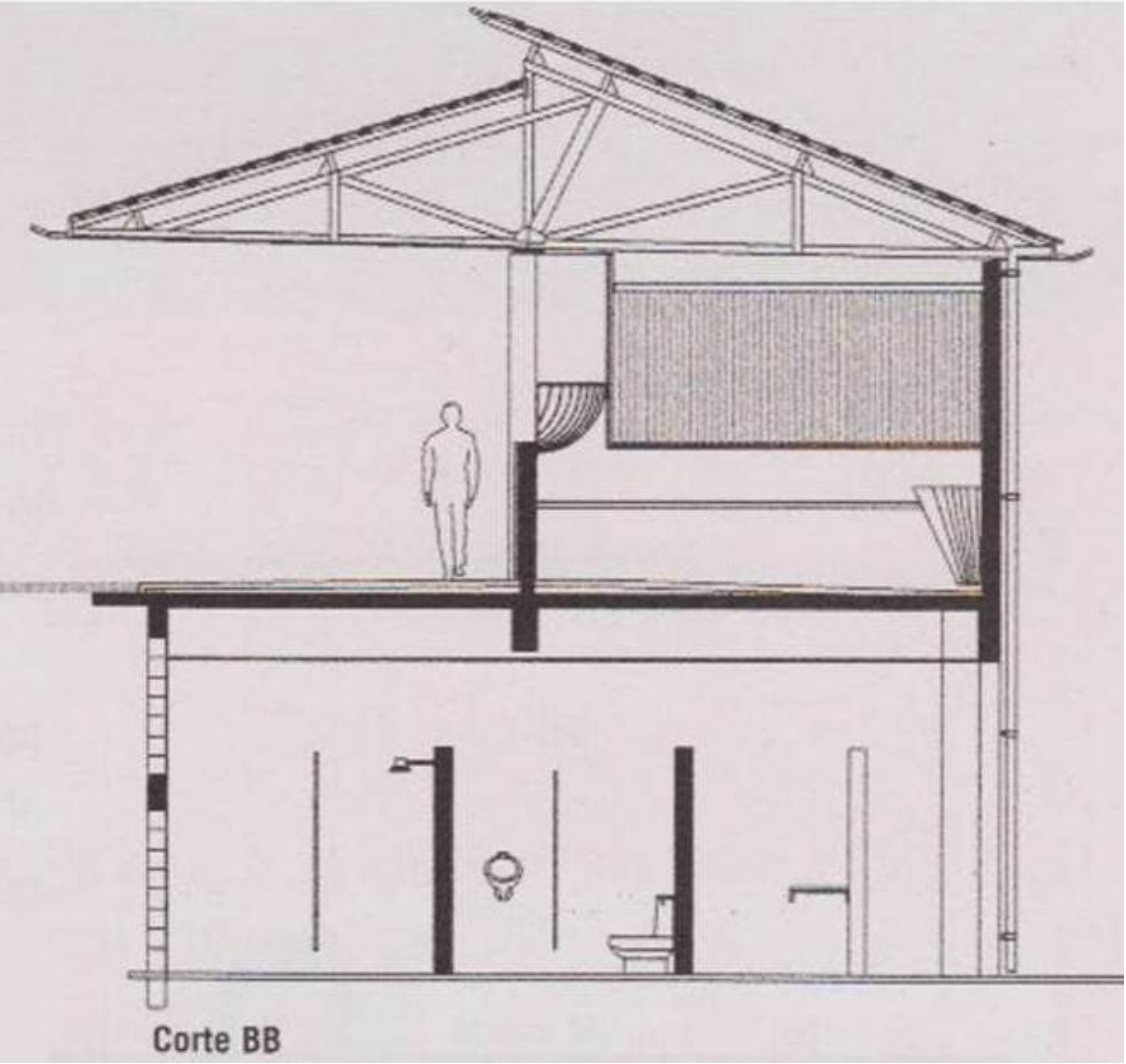
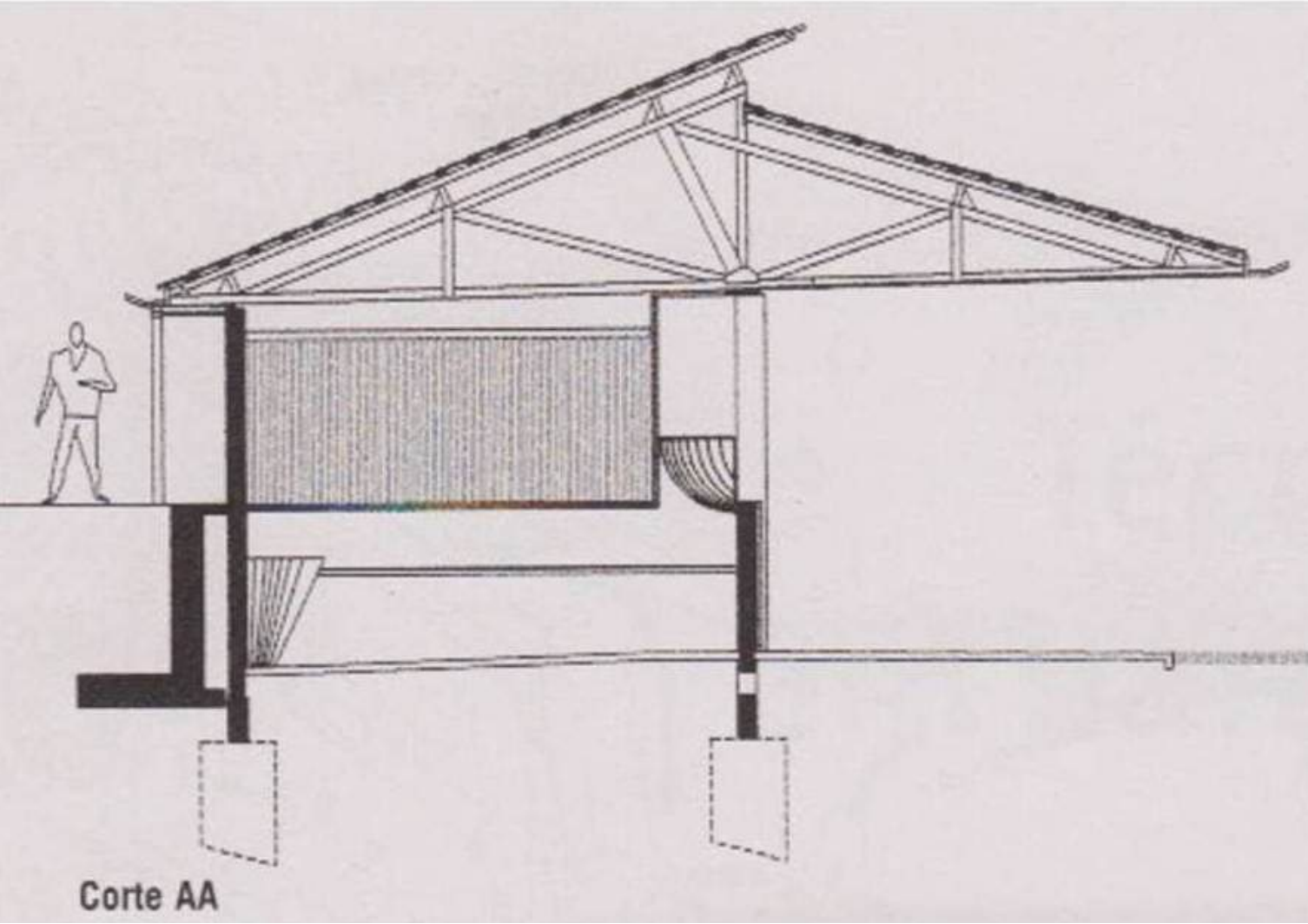
Figura 74 e 75 - Implantação e Planta do Centro Hípico Polana



Fonte: Projeto Design 307 (2005)

Por último, ainda de acordo com a revista, destaca-se as soluções pensadas para o telhado e para disposição espacial: a cobertura possui duas águas deslocadas entre si, criando um shed para saída de ar quente, e, como nota-se nas figuras 76 e 77, as baías estão localizadas abaixo da água de fora, enquanto a circulação fica na de dentro, em um balanço de 4,5 metros.

Figuras 76 e 77 - Cortes do Centro Hípico Polana



Fonte: Projeto Design 307 (2005)



4. RECINTO MUNICIPAL 9 DE JULHO

Neste capítulo será feita uma análise do objeto de estudo deste trabalho: o Recinto Municipal 9 de Julho. Tal análise contará com o estudo da legislação que compreende a área, a interpretação dos resultados das pesquisas aplicadas e o levantamento do entorno.

A escolha do Recinto Municipal de Colina como tema deste TFG tem como ponto de partida a relevância desse equipamento para o lazer, história e cultura da cidade. Como elaborado anteriormente, existe uma relação direta entre a promoção de espaços públicos qualificados e o bem estar dos cidadãos, bem como a criação de identidade popular, o que também se aplica à realização de festas e eventos. Desse modo, decidiu-se pela ressignificação e requalificação do local, tendo em vista sua baixa apropriação cotidiana e o potencial a ser explorado.

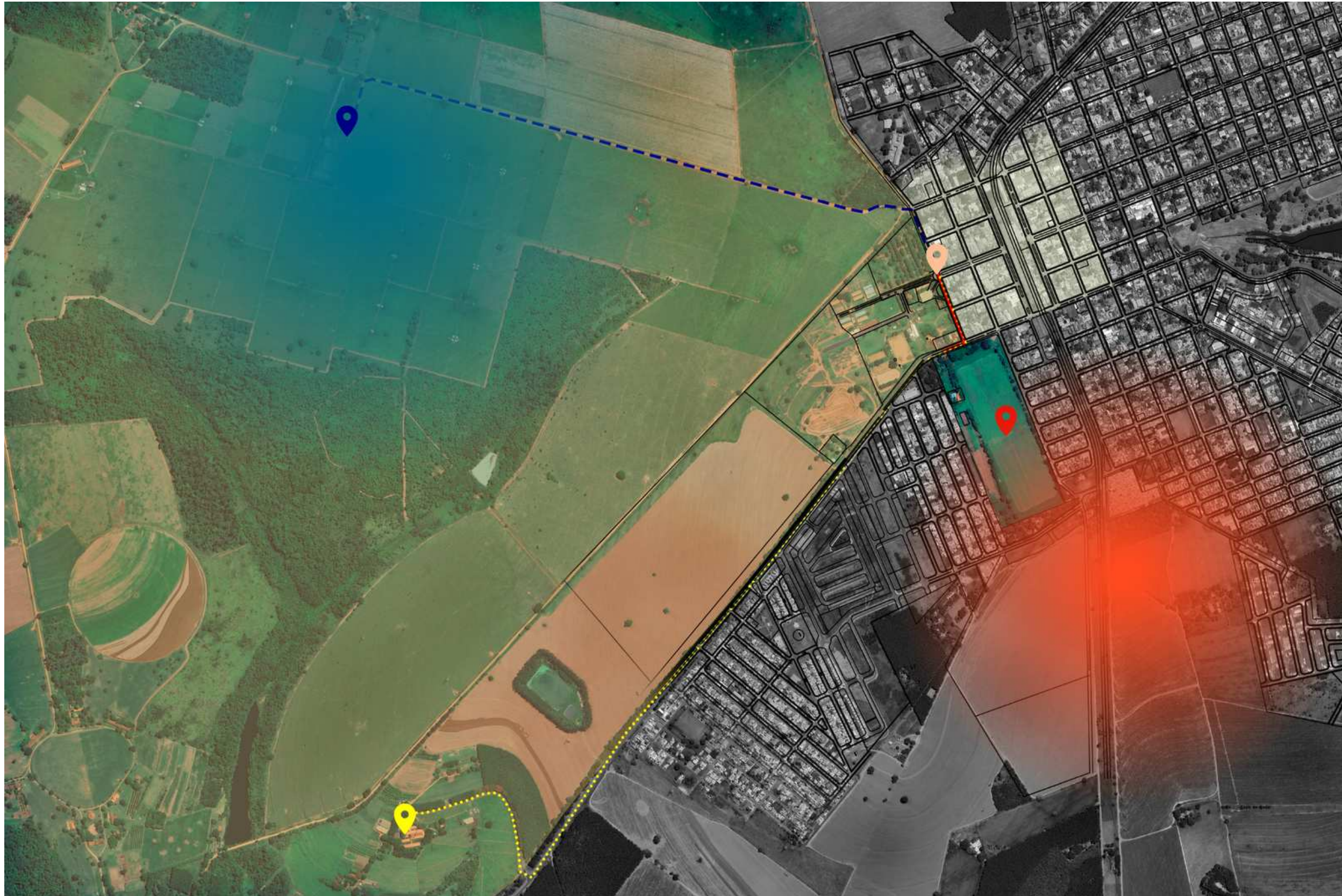
4.1 Levantamento do entorno

Localizado no bairro “Centro”, o Recinto Municipal de Colina ocupa uma área de 254 317, 17 m² e foi inaugurado no ano de 1987, quando o Governo do Estado de São Paulo e a secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento concederam ao município o uso de parte das terras da Fazenda do Estado para a instalação, não apenas do Recinto Municipal, como também da Estação de Tratamento de Esgoto e a Escola Técnica Agropecuária Municipal “São Francisco de Assis” (Prefeitura Municipal de Colina, 2022). Nesse sentido, pode-se compreender a relação entre tais espaços, bem como a ligação que possuem

com as origens da cidade pelo mapa da figura 78.

Atualmente, o recinto sedia inúmeros eventos, sendo a Festa do Cavalo o principal deles. Além disso, seu programa inclui: aulas de equitação, Secretaria Municipal de Esportes, Turismo e Lazer, Museu do Cavalo, ginásio de esportes, pavilhões de baias para os cavalos, campo de bocha, entre outros pormenores que serão listados mais adiante.

Figura 78 - Tradição Equestre



Fonte: Autora (2024)

- Recinto Municipal
- Clube Hípico de Colina
- Escola Técnica Municipal
Agropecuária São Francisco de Assis
- APTA Colina
- Fazenda do Governo
- Primeiro Núcleo Urbano (Baixada)
- Baixadinha
- Cabaças

Trajetos sugeridos:

2,3 km

32 min

4 min

Trajetos sugeridos:

3,4 km

48 min

6 min

Trajetos sugeridos:

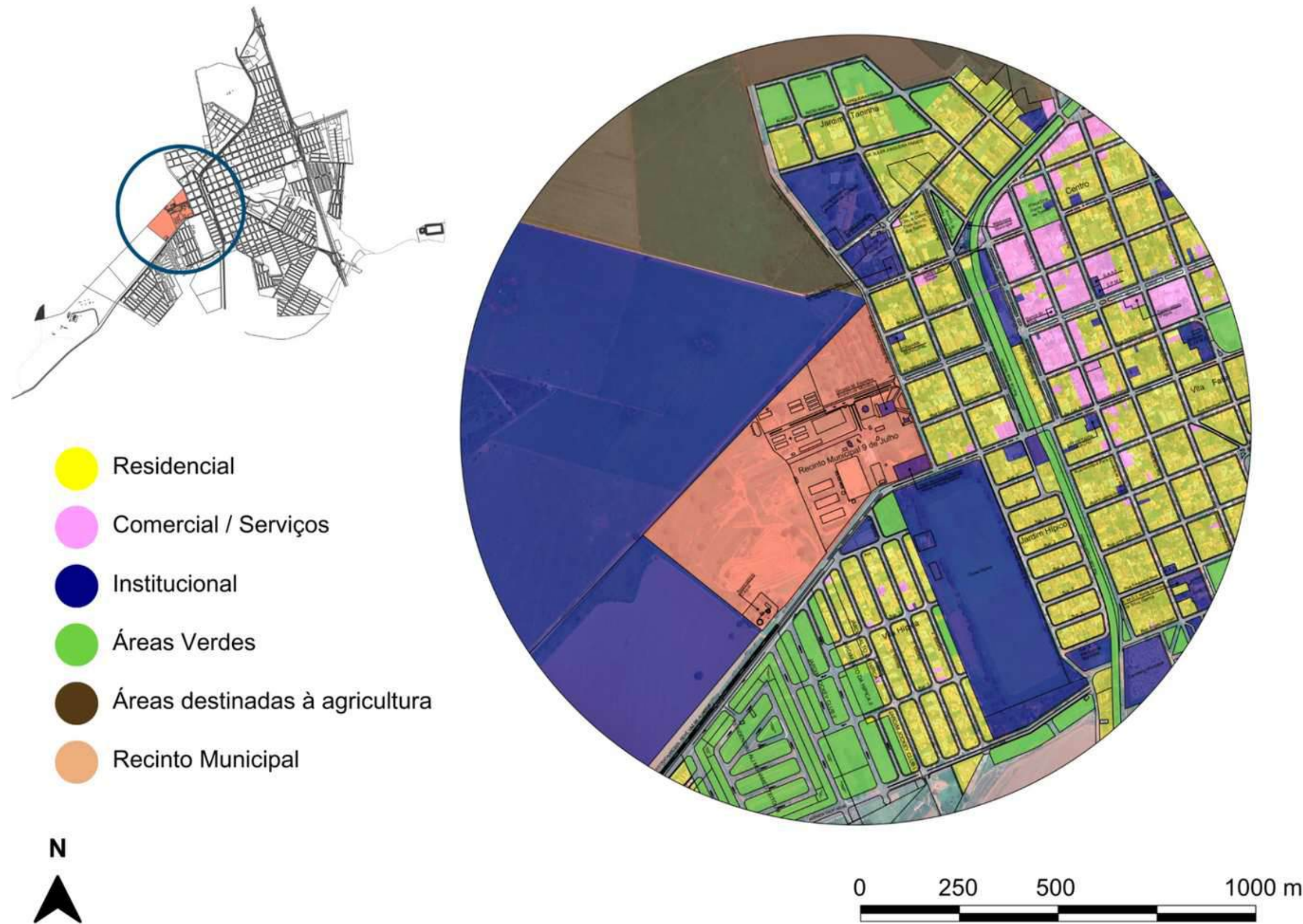
350 m

5 min

Quanto à localização, seu entorno direto é majoritariamente residencial e institucional, devido, principalmente, à Fazenda do Governo, onde se localiza a Coudelaria Paulista (atual APTA). Também se encontram próximos (em um raio de 1 km) outros equipamentos institucionais de relevância, como: Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Esportes, Turismo e Lazer, Câmara Municipal, Escola Estadual Lamounier de Andrade, Hospital José Venâncio, Pronto Socorro Municipal, Secretaria de Educação, entre outros, incluindo equipamentos de cultura e lazer, detalhados adiante. Já o comércio e os serviços encontram-se concentrados a oeste da ferrovia, ao longo da rua Sete de Setembro e da Avenida Luís Lemos de Toledo, conforme a figura 79.

Nesse mesmo raio de 1 km, encontram-se algumas das principais áreas verdes e espaços livres da cidade, sendo elas: Praça Dona Inacia Junqueira de Toledo, Praça Pref. Fernando P. Viana e a ferrovia, onde está situada a Praça do Museu Municipal, já citadas anteriormente. Os equipamentos esportivos, por suas vez, estão localizados, em sua maioria, para além do recorte estipulado, com exceção do ginásio de esportes e daqueles destinados aos esportes hípicos, que ocorrem no próprio recinto e no Clube Hípico (privado). Por fim, todos os equipamentos públicos voltados para a cultura em atividade na cidade estão inseridos a, no máximo, 950 metros do Recinto Municipal, sendo eles: Museu do Cavalo, Museu Municipal, Biblioteca Municipal e o Centro de Educação Complementar Antônio Hideo Ikuma, destinado a projetos sociais e oficinas culturais, como aulas de música, dança, artesanato e outras atividades (figura 80).

Figura 79 - Mapa de Uso e Ocupação do Solo



Fonte: Autora (2024)

Figura 80 - Mapa de equipamentos esporte, cultura e lazer



Fonte: Autora (2024)

Fora do raio definido, o Parque Débora (Figuras 81 e 82) ganha destaque. Como já citado anteriormente, seu programa carece de melhorias e investimentos, porém ainda é o único da tipologia na cidade, oferecendo um tipo de lazer mais completo do que nos demais locais voltados para tais fins (figura 82), como é o

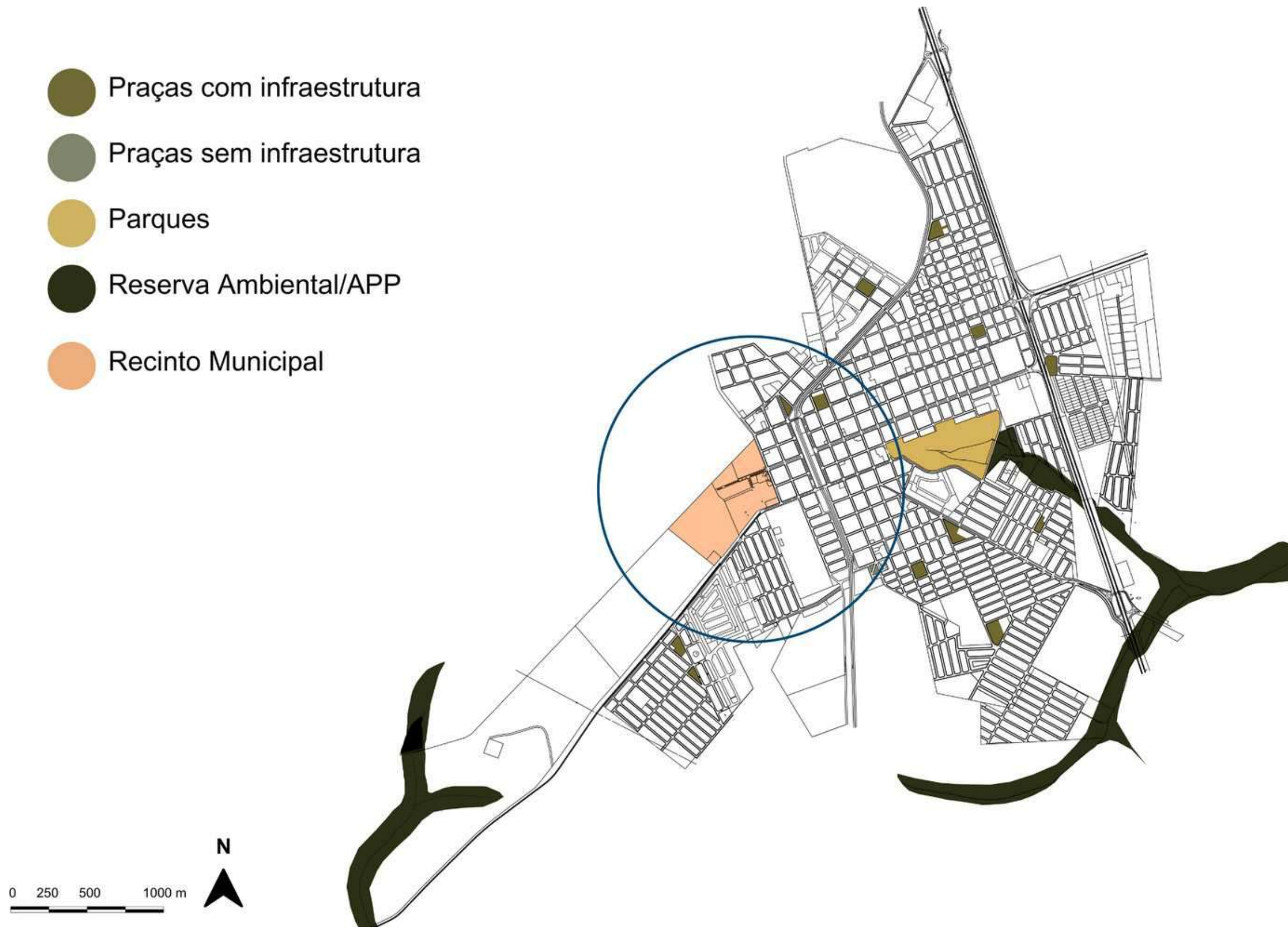
caso das praças que, apesar de se apresentarem em quantidade satisfatória, no geral, ainda são pouco apropriadas e qualificadas.

Figura 81 - Relação Parque Débora / Recinto



Fonte: Autora (2024)

Figura 82 - Áreas Verdes

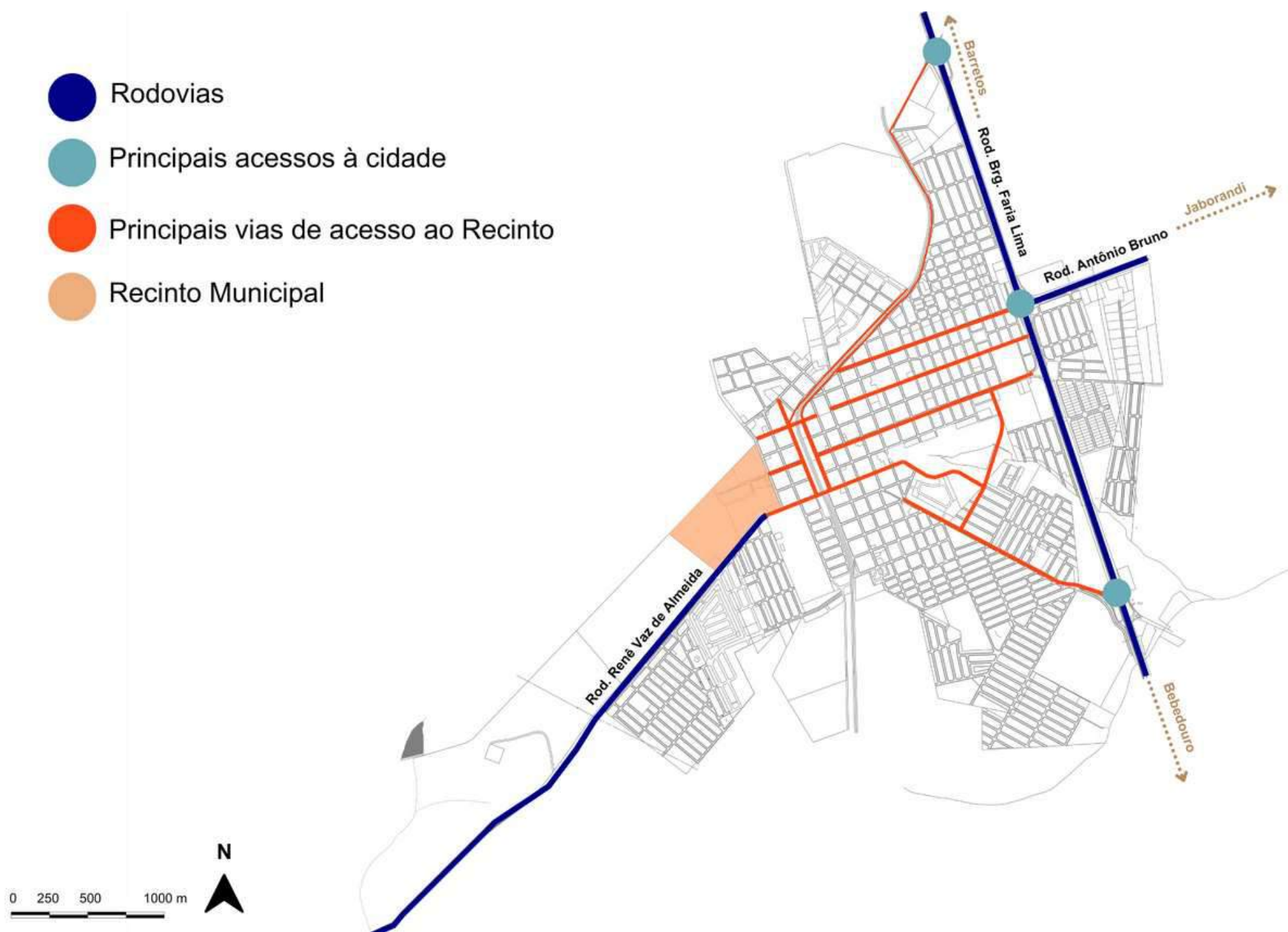


Fonte: Autora (2024)

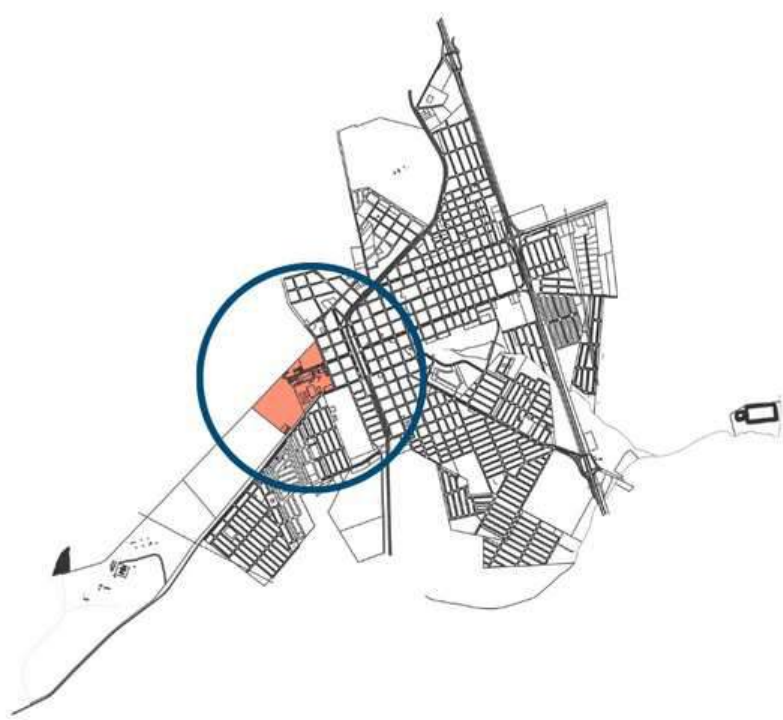
O Recinto 9 de Julho está localizado no limite urbano do município e o acesso a ele pode ser feito, direta ou indiretamente, através das principais vias da cidade, ou seja, aquelas que possuem maiores fluxos, como é possível ver nas

das figuras 83 e 84. Além disso, é necessário assinalar que Colina não possui redes expressivas de semáforos e ônibus, por se tratar de um núcleo urbano de pequeno porte, como mostrado na figura 84.

Figura 83 - Principais acessos



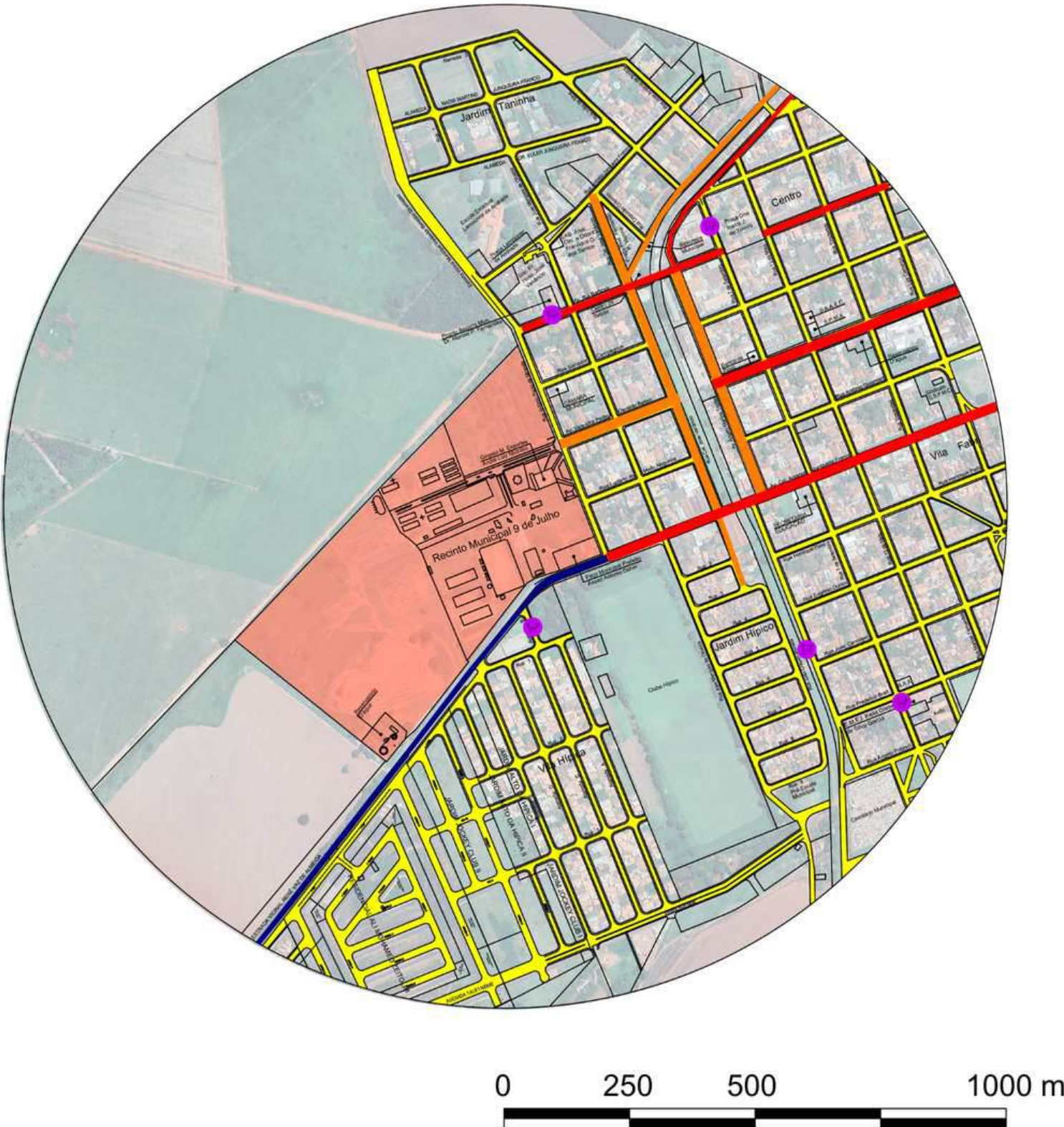
Fonte: Autora (2024)



- Via Arterial
- Via Coletora
- Via Local
- Rodovia
- Recinto Municipal
- Pontos de Ônibus



Figura 84 - Mapa de Vias



Fonte: Autora (2024)

4.2 Plano Diretor e Zoneamento

O Plano Diretor em vigor em Colina é de 22 de dezembro de 2020 e foi promulgado pela lei nº 285. Dele, podem-se destacar alguns pontos relevantes para a realização da proposta, a começar pelas seguintes diretrizes relativas ao turismo, presentes no Art. 14 do 1º Capítulo do Título III:

- III - promover o turismo no Recinto Municipal "9 de Julho", APTA, Estação Experimental de Zootecnia e Escola Agropecuária Municipal "São Francisco de Assis", hotéis-fazendas, Museu Municipal e Prédio da Antiga Estação Ferroviária, Museu do Cavalo, Ponte Alice Dias e toda a Zona Rural do Município;
- IV - preservar a história da cidade, com a revitalização de áreas e imóveis de valor histórico, como a Igreja da Paróquia de São José, a antiga Estação Ferroviária entre outros (Colina, 2020).

Tais passagens tornam clara a intenção da administração municipal em estimular o turismo e a preservação da história e identidade da cidade, o que seria feito, principalmente, através da requalificação de espaços e promoção do lazer, esporte e cultura, como elaborado no Art. 21 do Capítulo III, Título II:

- I - promover ações e eventos do setor;
- II - articular e integrar os equipamentos culturais públicos e privados;
- III - otimizar o uso dos espaços de lazer, esporte e cultura já existentes, dotando-os de melhor infraestrutura e acessibilidade;
- IV - apoiar iniciativas de criação de novos espaços culturais (Colina, 2020).

Quanto ao zonamento, toda área urbanizada do município se enquadra na “Macrozona Urbana”, a qual é dividida em zonas de uso e ocupação do solo, descritas no Plano Diretor. Com base nisso, a figura 85 foi desenvolvida, visto que o zoneamento disponibilizado em mapa está desatualizado por ser anterior à lei nº 285. São sete zonas de uso e ocupação do solo, conforme o Art.120, Capítulo II, Título IV:

- I - Zonas Residenciais (ZR): zonas de uso residencial unidomiciliar;
- II - Zonas de Predominância Residencial (ZPR): zonas permitidas para usos comerciais e de serviços de uso residencial;
- III - Zona Central (ZC): zona residencial com predominância de usos comerciais e de serviços;
- IV - Zonas de Corredor Comercial (ZCC): zonas residenciais com predominância de usos comerciais, serviços, oficinas e depósitos de pequeno porte;
- V - Zonas de Uso Misto (ZUM): zonas de comércio e serviços de grande porte;
- VI - Zonas de Uso Diversificado (ZUD): zonas de transição, permitidos para uso misto e industrial;
- VII - Zonas de Proteção Ambiental (ZPA): zonas de preservação permanente (Colina, 2020).

Dessas zonas, conforme a lei nº 285, a ZPR abrange todas as áreas não demarcadas pela ZR ou demais áreas não especificadas. A ZC inclui as quadras do perímetro desenhado e as faces das quadras frente às vias marcadas, essa mesma lógica vale para a ZCC. Já a ZUM corresponde às quadras cujas faces confrontam as linhas delimitadas. A ZUD, além das áreas hachuradas, engloba as faces que margeiam a Rodovia

Brigadeiro Faria Lima e a Rodovia Antônio Bruno. Por fim, a ZPA enquadra “as áreas e edifícios de interesse histórico, cultural e paisagístico, praças públicas, bem como as áreas protegidas não

urbanizadas contidas no perímetro urbano e, ainda, as faixas "non aedificandi" ao longo das margens do Córrego José Venâncio e Córrego Baixadinha” (Colina, 2020).

Figura 85 - Zoneamento



Fonte: Autora (2024)

O Recinto Municipal não é citado especificamente no zoneamento. Desse modo, a princípio ele será enquadrado na Zona de Proteção Ambiental Permanente. Em relação aos usos, ele se encaixa na categoria institucional de nível 1, a qual é descrita no Art. 147, seção IV, Capítulo III, Título V como:

Estabelecimentos ou instalações conflitantes com o uso residencial, destinados à educação, saúde, lazer, cultura, administrações públicas, associações, federações e organizações cívicas, políticas e religiosas, que implicam grande concentração de pessoas ou veículos, níveis altos de ruídos em vários padrões especiais (Colina, 2020).

Os parâmetros de coeficiente de aproveitamento para cada uma das áreas citadas seguem o especificado na tabela 3, enquanto os demais são apresentados pela tabela 4.

Tabela 3 - Coeficientes de Aproveitamento

COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO		
Zona	CA Básico	CA Máximo
ZR	1	10
ZPR	1	10
ZC	1	10
ZCC	1	10
ZUM	1	10
ZUD	1	10
ZPA	1	1

Fonte: Autora (2024)

Tabela 4 - Anexo III: Taxas, Coeficientes, Recuos e Garagens

USOS		TAXAS DE COEFICIENTE	COEF. DE OCUPAÇÃO	RECUOS			GARAGENS NÚMERO VAGAS
Frete	Lateral	Fundo					
Residência		70%	1	4 m	1.5 m		1
Com./Serv.		80%	1	0	1.5m		(1)
Industria		70%	1	5m	1.5 m		(2)
Edif. h>10 m altura	Res.	70%	3.5	4 m	1/6 x (H-2) min. de 3 m	1/6 x (H-2) minº 3 m	1 p/ un.
Com Uso Mis	80%	0	1 p/ un. + 1 p/ 50 m2				
Ed. Garagem		80%	4	0	1/6 x (H-2) min. de 3m	1/6 x (H-2) min. de 3 m	

Fonte: Colina (2020)

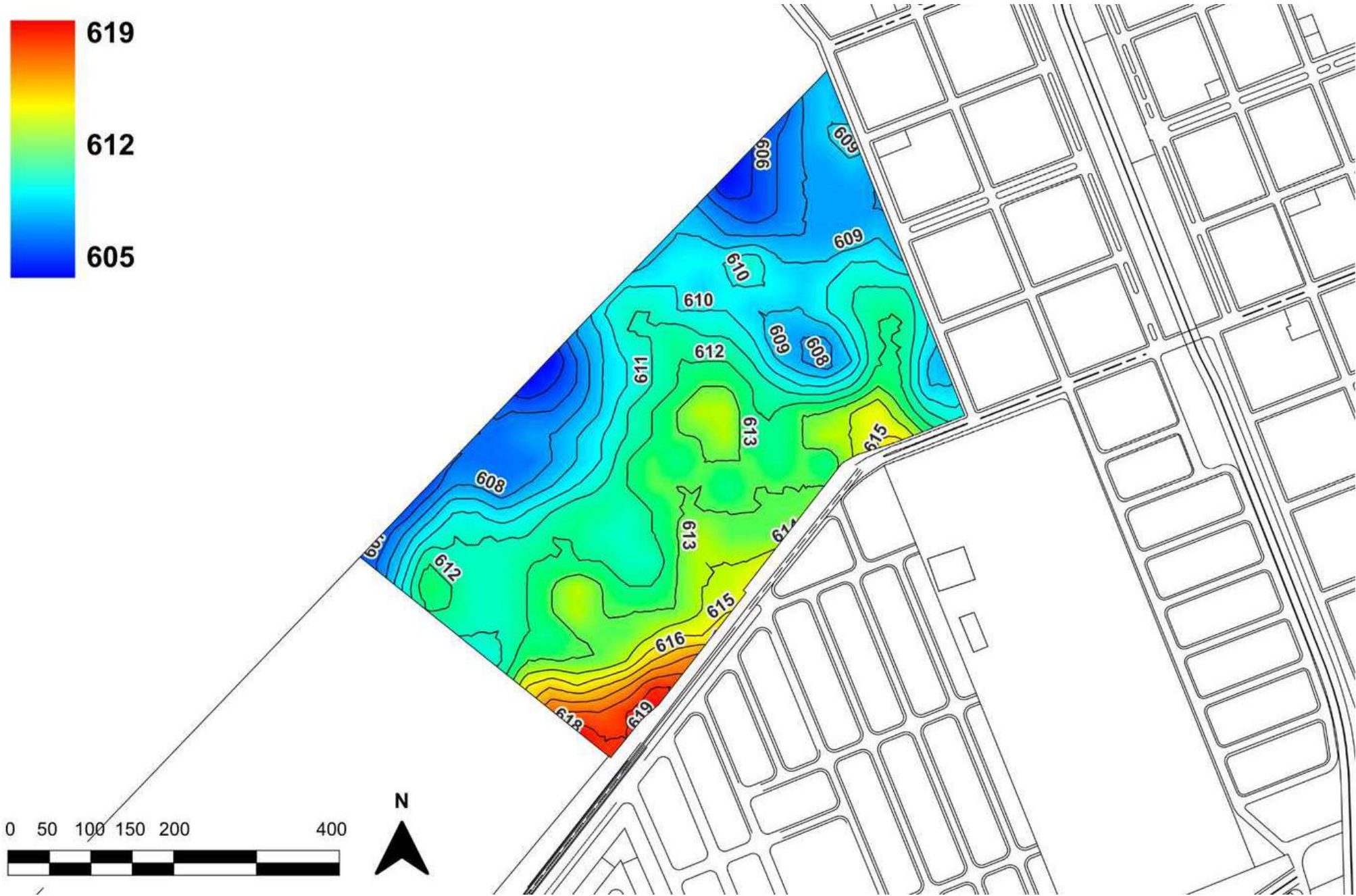
Finalmente, é válido enfatizar que a legislação da cidade não aborda critérios específicos a respeito de incomodidades como a emissão de ruídos, além de, é claro, a necessidade de um estudo de impacto de vizinhança no caso de obras ou de atividades que gerem grandes distúrbios no meio urbano e ambiental. Contudo, há de se atentar para as implicações da realização de eventos de grandes portes, não só no entorno, como também seu impacto nos animais (no caso do Recinto Municipal).

4.3 Análise do espaço

O levantamento topográfico do terreno em que o Recinto g de Julho está inserido foi obtido através do Google Earth Pro e do software de sistema de informação geográfica “QGIS”. Através

dos dados alcançados nota-se que a região apresenta um desnível de aproximadamente 14 metros, em uma área de 254.317,17 m². Por meio do mapa apresentado na figura 79, onde as curvas estão dispostas a cada 1 metro, percebe-se que a declividade, no geral, é mais acentuada nos extremos da área.

Figura 86 - Mapa topográfico do terreno



Fonte: Autora (2024)

A primeira disposição de um programa para essa área ocorreu em 1978, com um estudo preliminar para a implantação de um centro de exposições e um campo de polo. Tal ideia, entretanto, não foi levada adiante devido à proximidade do Clube Hípico, onde já se praticava polo desde 1926. Com o tempo, os usos e funções para o local foram se auto delineando e, assim como o campo de polo, as instalações voltadas para a exposição e leilão de animais também foram deixadas de lado. Fazendo uma comparação com o atual desenho do recinto, percebe-se que nada da proposta original se concretizou, porém, alguns elementos merecem atenção, como a organicidade das formas, a preocupação paisagística e a possibilidade de atividades de lazer. Algumas dessas características tornam esse projeto muito mais próximo de um parque urbano do que o existente atualmente, o qual parece ter se instalado sem um planejamento arquitetônico.

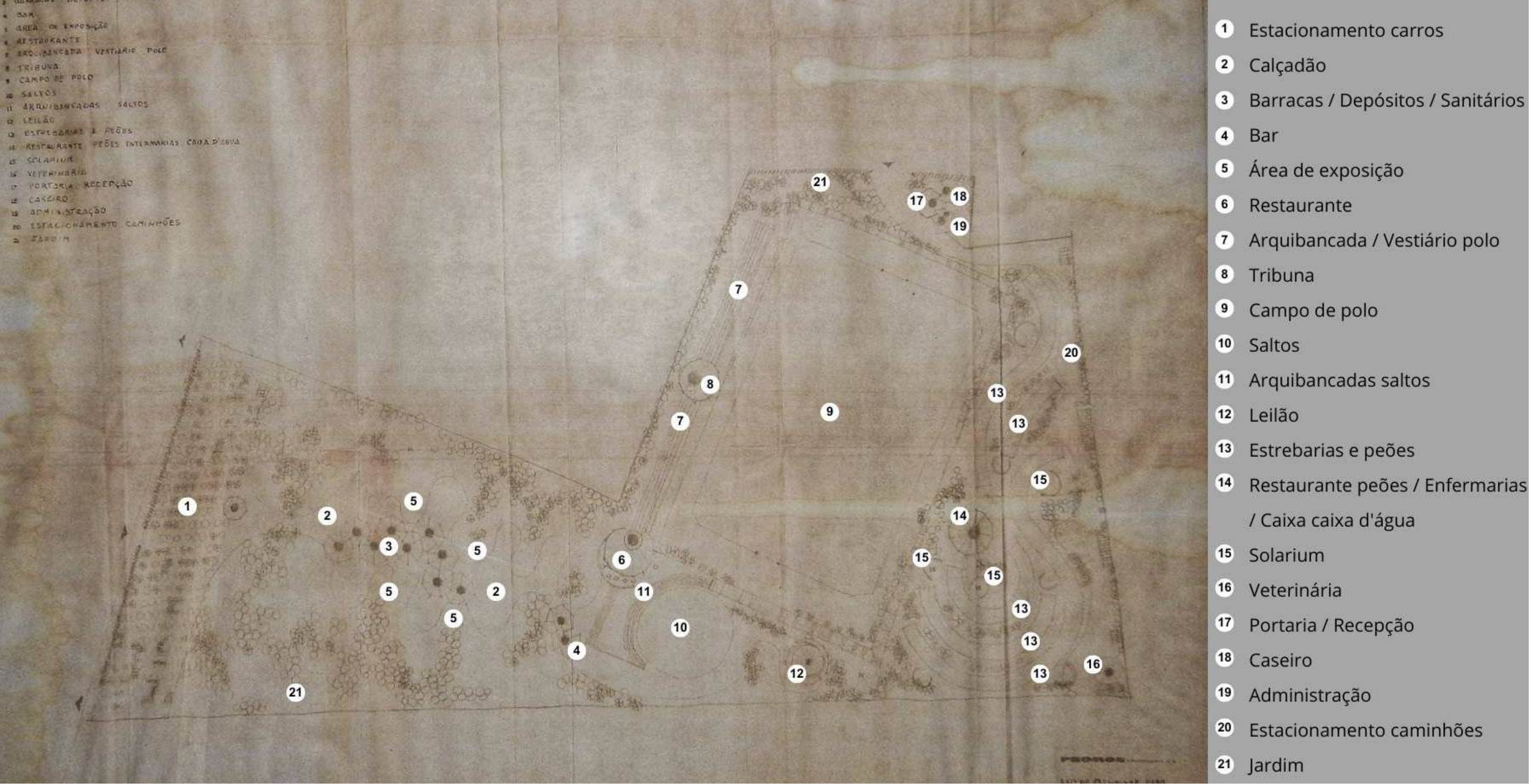


Figura 87 - Estudo preliminar de 1978
Fonte: Museu do Cavalo; Autora (2024)

Atualmente, o projeto pode ser definido como um recinto de festas e de prática de esportes equestres, excetuando o polo. As atividades esportivas são voltadas, principalmente, para a equitação, atendendo crianças e jovens de baixa renda por meio do projeto municipal “Equitação Educativa” e o público geral com aulas particulares. Entretanto, outros esportes também são desenvolvidos nesse espaço, se apropriando do Ginásio Municipal de Esportes e da cancha de bocha. Além disso, sucedem-se em suas instalações, anualmente, provas de CCE (Concurso Completo de Equitação, com testes de adestramento, saltos e *cross-country*) e *motocross*.

Figura 88 - Planta atual - Recinto 9 de Julho
Fonte: Autora (2024)



A Festa do Cavalo é o evento de maior relevância a ocupar o recinto. Já em sua 45ª edição, ela acontece todo ano no mês de julho, com cinco dias de shows e provas hípicas. Para isso, uma grande estrutura provisória é montada, incluindo tendas, palcos, camarote e parque de diversões. As demais festas realizadas na área são variáveis, demandam menos estrutura e atingem um público menor, como o carnaval.

Figura 89 - Show de Henrique e Juliano: 40ª Festa do Cavalo de Colina



Fonte: <https://x.com/HeJOficial/status/885179011634257920/photo/4>

Figura 90 - 37ª edição da Festa do Cavalo: Provas Hípicas



Fonte: Prefeitura Municipal de Colina (2014)

No decorrer do ano, os espaços onde essa infraestrutura é instalada tornam-se ociosos (figuras 91 a 95) e até mesmo os programas de cultura e lazer passam a ser pouco apropriados, como o Museu do Cavalo (figura 95) e o salão de eventos “Saloom” (figura 94), recentemente reformado e ainda sem uso. Esse cenário aponta para a falta de incentivo e planejamento por parte da gestão municipal, que não explora o potencial desse importante equipamento, o qual poderia ser ressignificado como um Parque Urbano e inserido no cotidiano da população.

Figuras 91 a 95 - Dependências Recinto 9 de Julho



Fig. 91 - Pavilhão de barracas



Fig. 92 - Espaço de shows



Fig. 93 - Espaço parque de diversões



Fig. 94 - Saloom



Fig. 95 - Museu do Cavalo

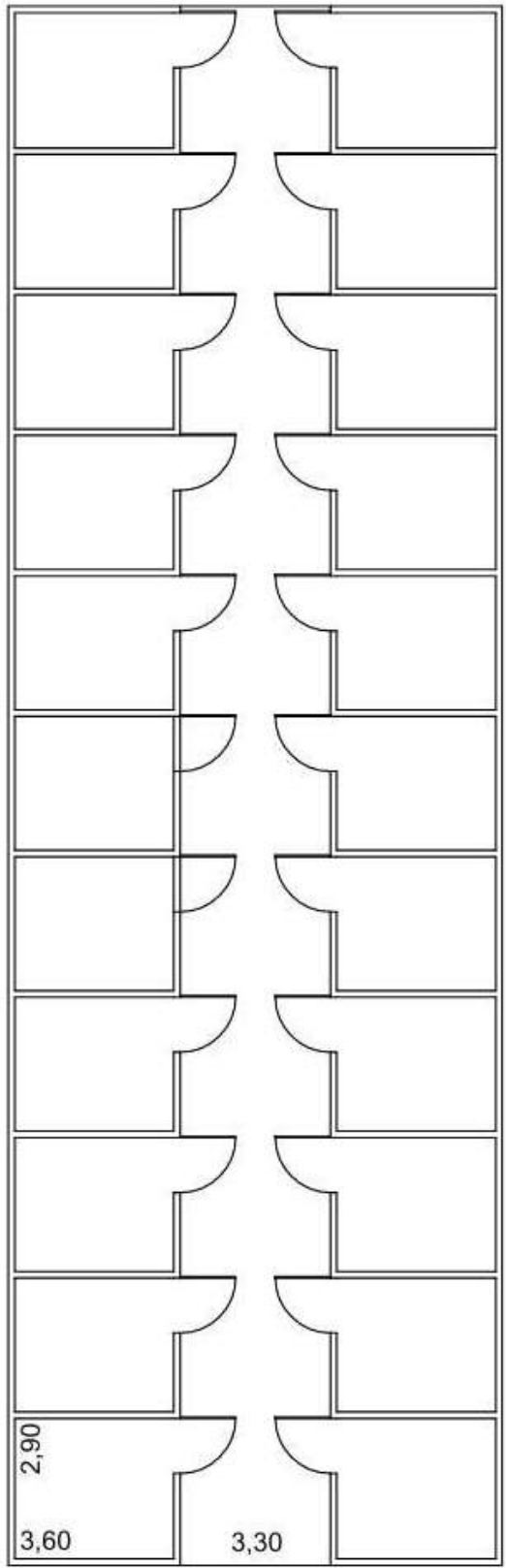
Fonte: Autora (2024)

No tocante às instalações para os equinos, ressalta-se a necessidade de comodidades adequadas para o bem estar dos animais, em questão de espaço, conforto térmico e sonoro. No Recinto Municipal há 7 pavilhões de baias, onde são abrigados entre 50 e 60 cavalos, sendo apenas 6 da prefeitura e os demais de propriedade particular. Todos os pavilhões seguem basicamente o mesmo modelo (figura 96): estrutura de blocos de concreto, 3,30 m de corredor central e 11 baias de aproximadamente 3,60 x 2,90 m de cada lado. Assim, nota-se um primeiro problema: tais ambientes não possuem as dimensões mínimas adequadas de 4 x 4 m, ou 5 x 5 m no caso das baias de garanhões e maternidade, o que acaba gerando lesões em animais maiores, como na figura 100.

O conforto ambiental também deixa a desejar, as instalações não possuem uma ventilação natural adequada, resultando na fixação adaptada de ventiladores comuns no teto (figura 101). Ademais, os abrigos se situam muito próximos à área de festas e não há um tratamento acústico para fazer os cavalos sentirem-se mais confortáveis e protegidos.

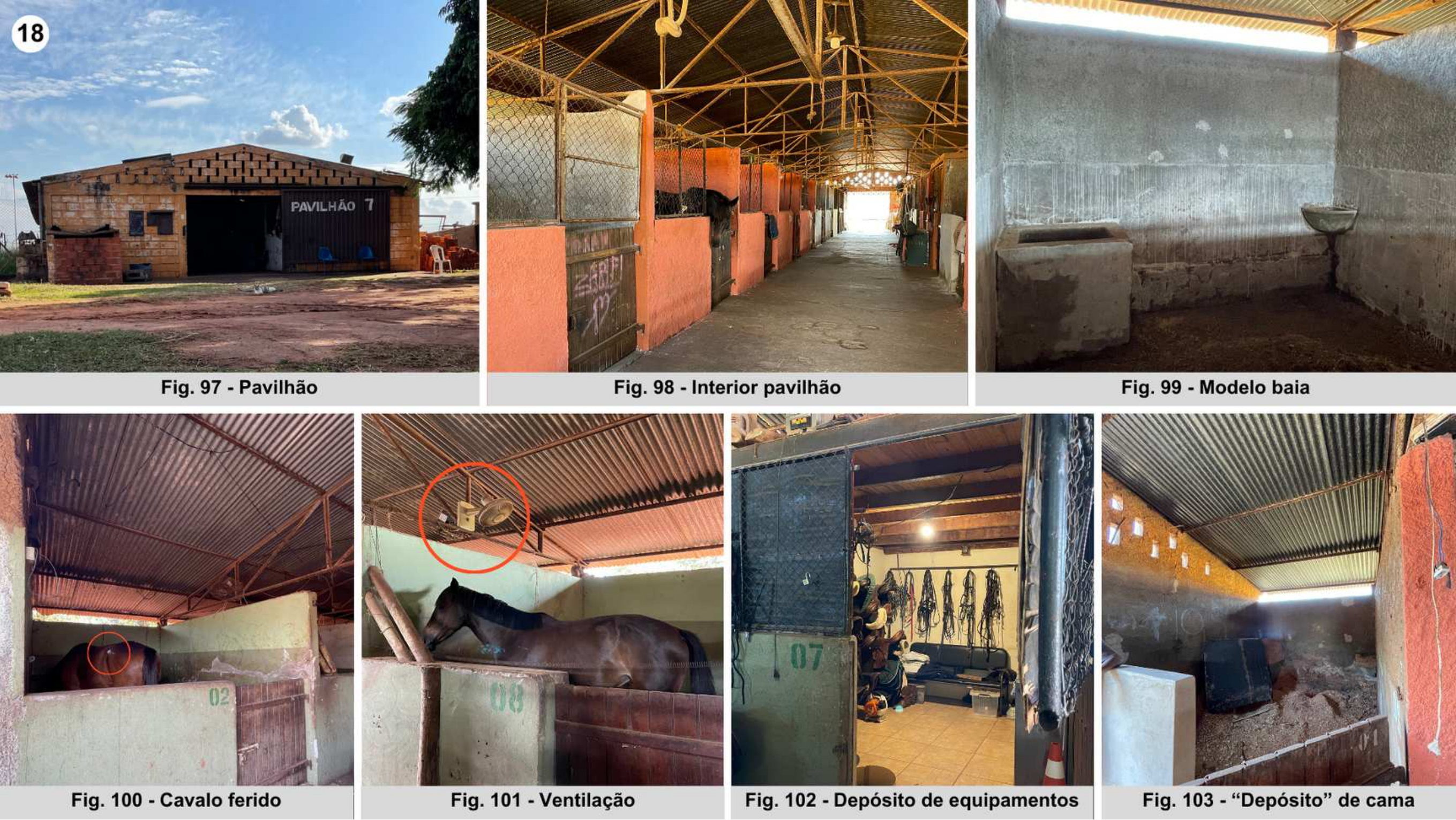
Há ainda outras questões percebidas nas visitas técnicas, como a falta de depósitos suficientes para armazenar feno, ração, cama e demais equipamentos necessários para o manejo diário. Desse modo, baias sem uso são destinadas para esses fins, não podendo garantir, assim, a completa integridade dos materiais (figura 103). Além disso, inexistente farmácia para manter medicamentos e instrumentos veterinários. Enfim, todos os cuidados de cavalos particulares são realizados por pessoas contratadas pelos proprietários, que normalmente alugam baias a mais para guardar os insumos necessários ao manejo de seus animais.

Figura 96 - Planta esquemática dos pavilhões



Fonte: Autora (2014)

Figuras 97 a 103 - Pavilhões



Fonte: Autora (2024)

Em sequência a essas análises, verifica-se que os piquetes são delimitados por cercas de arame liso e o estacionamento também tem essa função ao longo do ano, conforme as figuras 104 e 108. Não há problemas com as demais estruturas já detalhadas anteriormente neste trabalho.

Finalmente, a área demarcada como “Equoterapia”, figuras 105 a 107, nunca foi destinada para tal fim, apesar da tentativa de torná-la um projeto social. Assim, o picadeiro coberto encontra-se inoperante, enquanto os pavilhões adjacentes são utilizados como “baías diurnas” e depósitos.

Figuras 104 a 108 - Piquetes, estacionamento e equoterapia



Fig. 104 - Piquetes



Fig. 105 - Equoterapia: anexo de baias



Fig. 106 - Equoterapia: picadeiro



Fig. 107 - Equoterapia: anexo



Fig. 108 - Estacionamento

Fonte: Autora (2024)

Logo, o Recinto Municipal 9 de Julho carece de um planejamento arquitetônico, o qual possibilitaria não apenas o melhor aproveitamento de suas dependências como também a criação de espaços adequados e confortáveis para os animais,

essenciais a uma vida digna. Dessa maneira, sua ressignificação o inseriria no cotidiano da cidade como uma opção de turismo, cultura e lazer, além de o tornar mais preparado para sediar eventos, principalmente a Festa do Cavalo.

Figuras 109 a 116 - Algumas das demais instalações



Fig. 109 - Secretaria de Esporte Turismo e Lazer



Fig. 110 - Bocha



Fig. 111 - Concha Acústica



Fig. 112 - Banheiros



Fig. 113 - Pista de areia



Fig. 114 - Motocross



Fig. 115 - Cross country



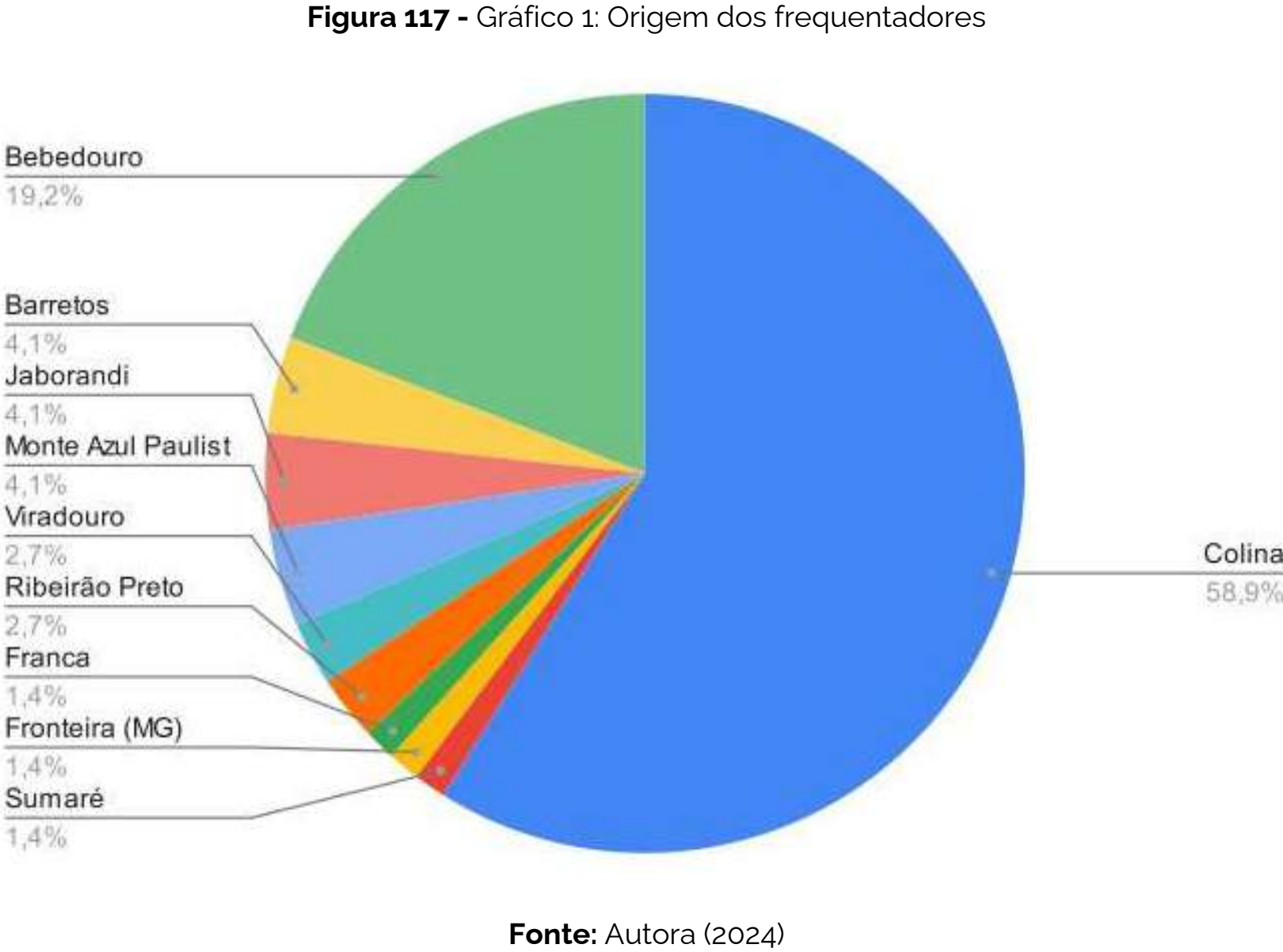
Fig. 116 - Lavador

Fonte: Autora (2024)

4.4 Pesquisa de opinião pública

Conhecer a opinião do público a respeito do espaço trabalhado é de suma importância para a realização de um projeto que atenda as reais demandas da população. Desse modo, foram realizadas duas pesquisas por meio de formulários online, as quais foram divulgadas através das redes sociais. A primeira delas voltou-se ao público geral frequentador do recinto e da Festa do Cavalo e a segunda às pessoas que trabalham, ou já trabalharam, no local, seja no dia a dia ou em eventos. Além disso, vale ressaltar que os dados obtidos não representam valores absolutos, mas sim valores relativos à parcela de indivíduos atingidos pelos questionários.

No formulário geral foram feitas nove perguntas, visando entender de onde os frequentadores são, em qual ocasião visitam o local e seus pareceres a respeito da infraestrutura do Recinto Municipal, da Festa do Cavalo e das demais áreas livres da cidade. Das 73 pessoas que responderam à pesquisa, 58,9% são da cidade de Colina e o restante de cidades da região, principalmente, com destaque para Bebedouro (19,2%), os resultados totais podem ser constatados pelo gráfico da figura 117:



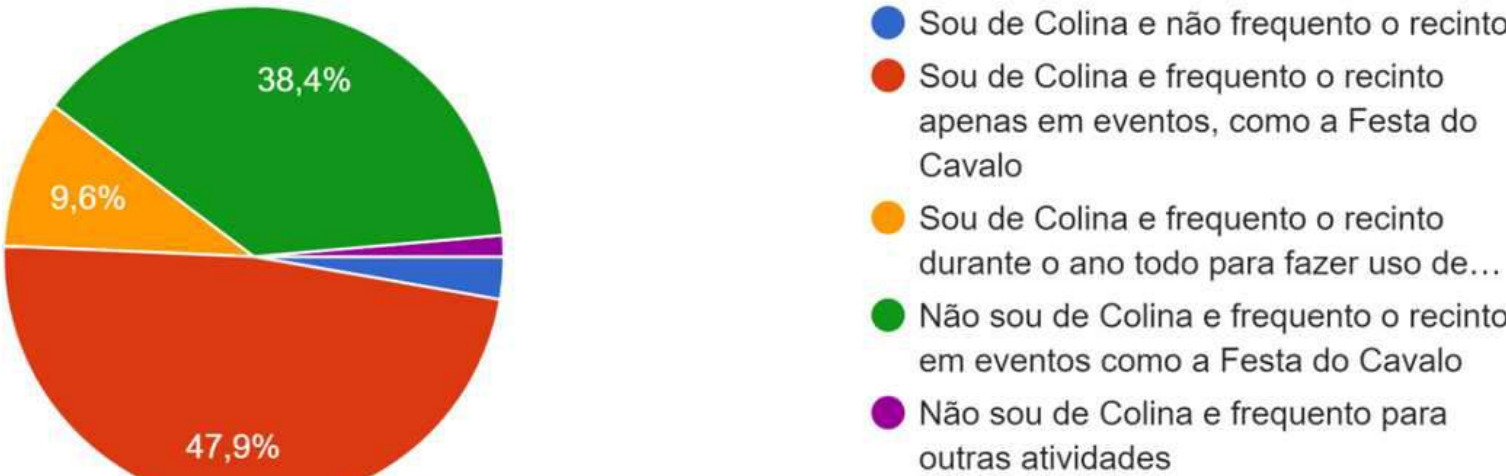
A respeito das circunstâncias em que frequentam o local, os resultados mostram que a grande maioria dos usuários estão presentes apenas durante eventos como a Festa do Cavalo, dando um valor de 86,3%, se somados as respostas das pessoas que moram em Colina ou não. Além disso, 9,6% disseram ser de Colina e frequentar o recinto durante o ano todo para fazer uso de sua estrutura, tais como: aulas de equitação, museu do cavalo, campo de bocha, entre outros. Por fim, 2,7% são de colinenses que não utilizam o espaço em ocasião alguma e 1,4% são de pessoas de outras cidades que o usam para outras atividades, conforme a figura 118.

Quanto à estrutura do Recinto Municipal, 80,8% não a consideram completa, enquanto 19,2% acham suficiente (figura 119).

Figura 118 e 119 - Gráfico 2: Ocasião de visita/Gráfico 3: Estrutura do Recinto Municipal "9 de julho"

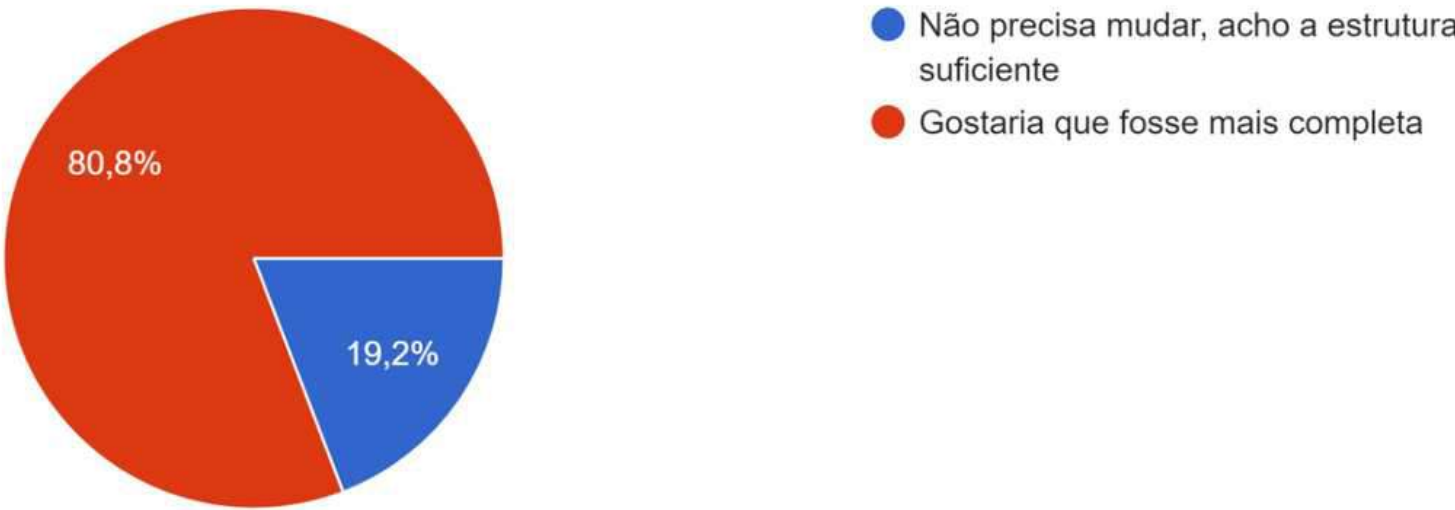
Em relação ao Recinto Municipal "9 de julho", escolha a opção com que mais se identifica:

73 respostas



Em relação à estrutura do Recinto Municipal "9 de julho", escolha a opção com que mais se identifica:

73 respostas

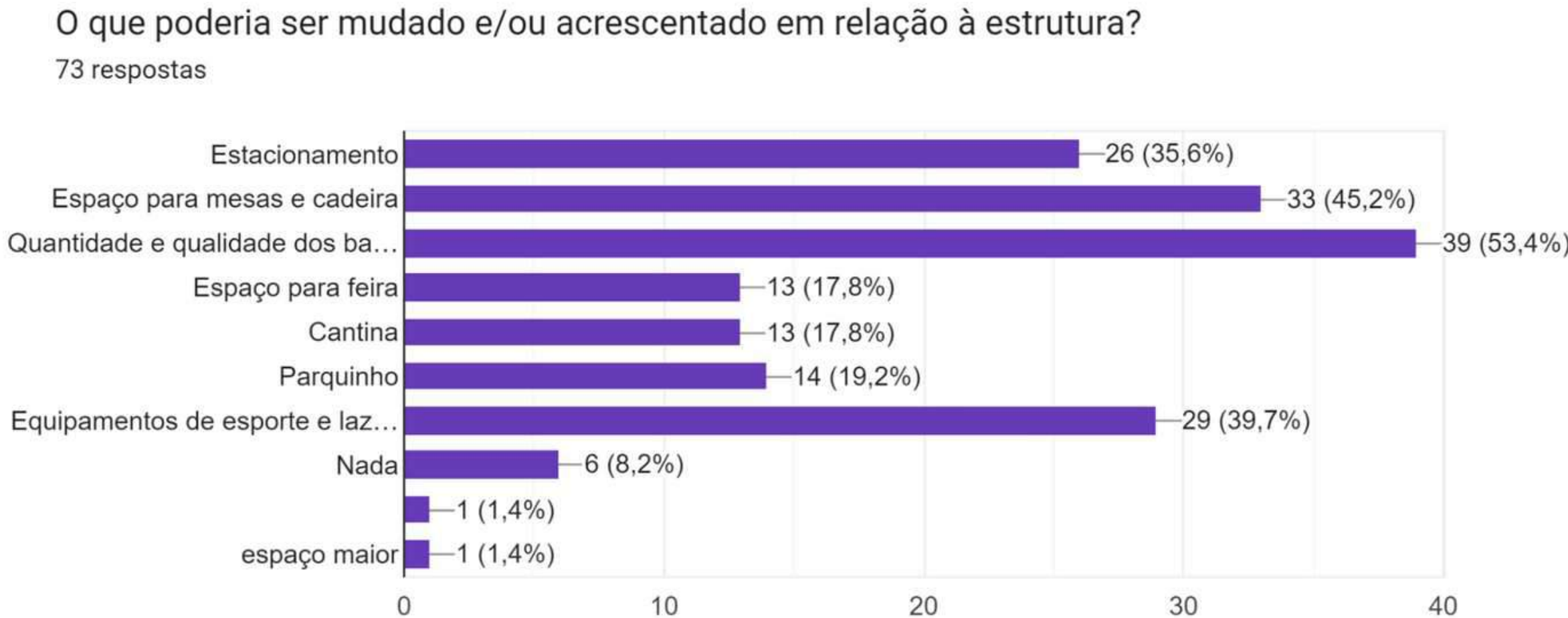


Fonte: Autora (2024)

³ Os formulários foram elaborados de forma a manter o anonimato das respostas, conforme estipulado pela Resolução CNS nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e pela Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei brasileira 13 709/2018).

Nesse sentido, as mudanças sugeridas são: banheiros (53,4%), mobiliário de permanência (45,2%), equipamentos de esporte e lazer (39,7%), estacionamento (35,6%), playground (19,2%), espaço para feiras e cantina (ambos com 17,8%), entre outros, como visto na figura 120.

Figura 120 - Gráfico 4: Mudanças sugeridas (Recinto Municipal)



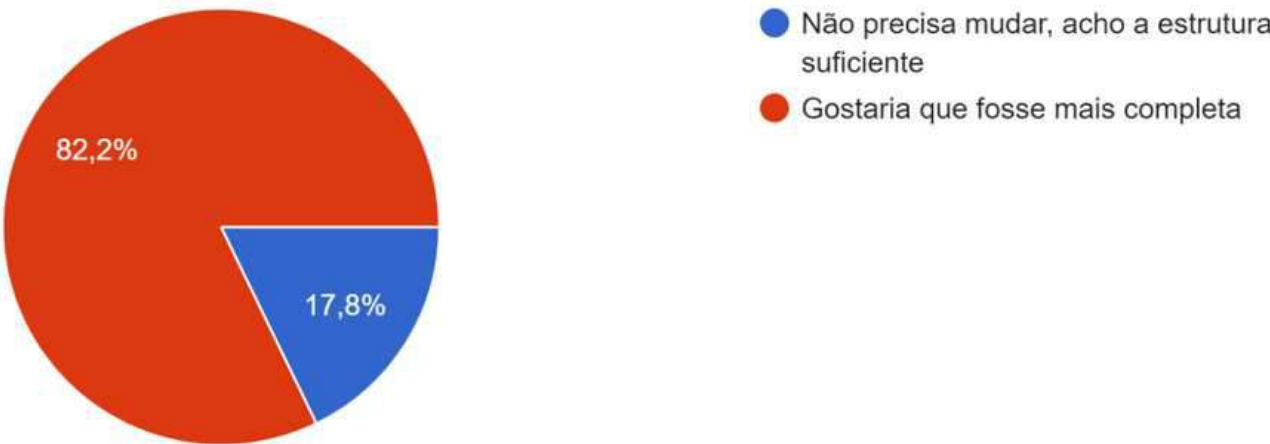
Fonte: Autora (2024)

No que se refere à Festa do Cavalo, 17,8% consideram sua estrutura suficiente e 82,2% gostariam que ela fosse mais completa. Dentre as sugestões de melhoria estão: maior área (56,2%), estacionamento (37%), mais espaços para barracas de alimentação (27,4%) e as demais recomendações vistas na figura 122.

Figura 121 e 122 - Gráfico 5: Estrutura da Festa do Cavalo/Gráfico 6: Mudanças sugeridas (Festa do Cavalo)

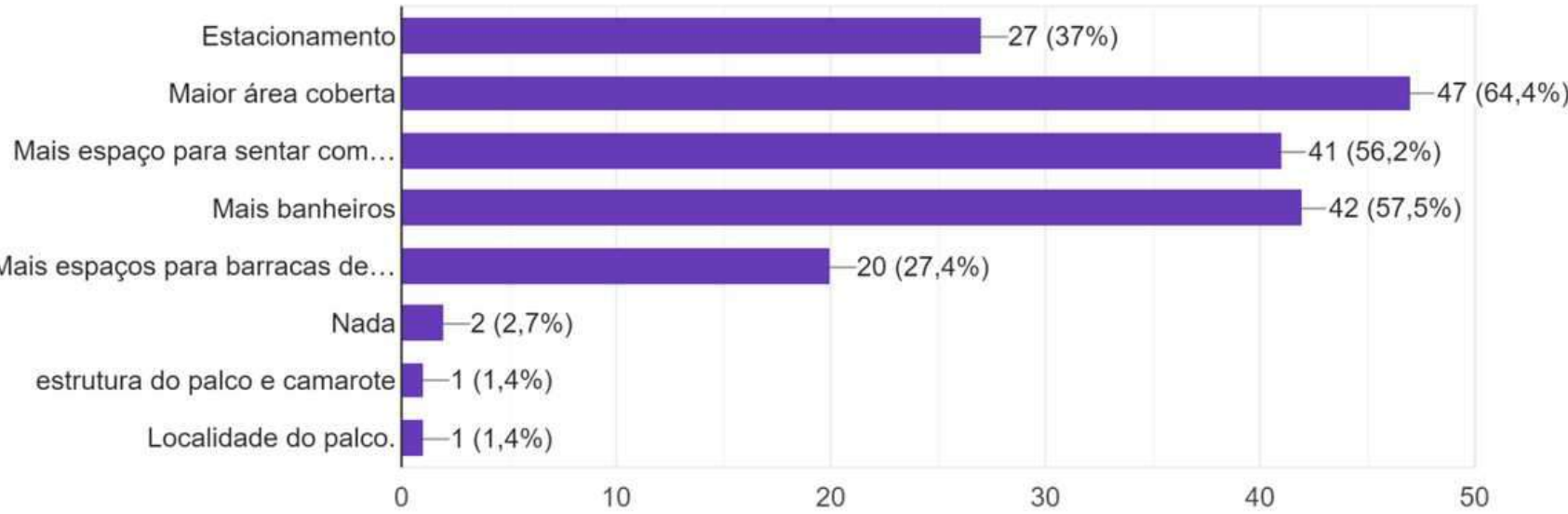
Em relação à estrutura da Festa do Cavalo, escolha a opção com que mais se identifica:

73 respostas



O que poderia ser mudado e/ou acrescentado em relação à estrutura da Festa do Cavalo?

73 respostas



Fonte: Autora (2024)

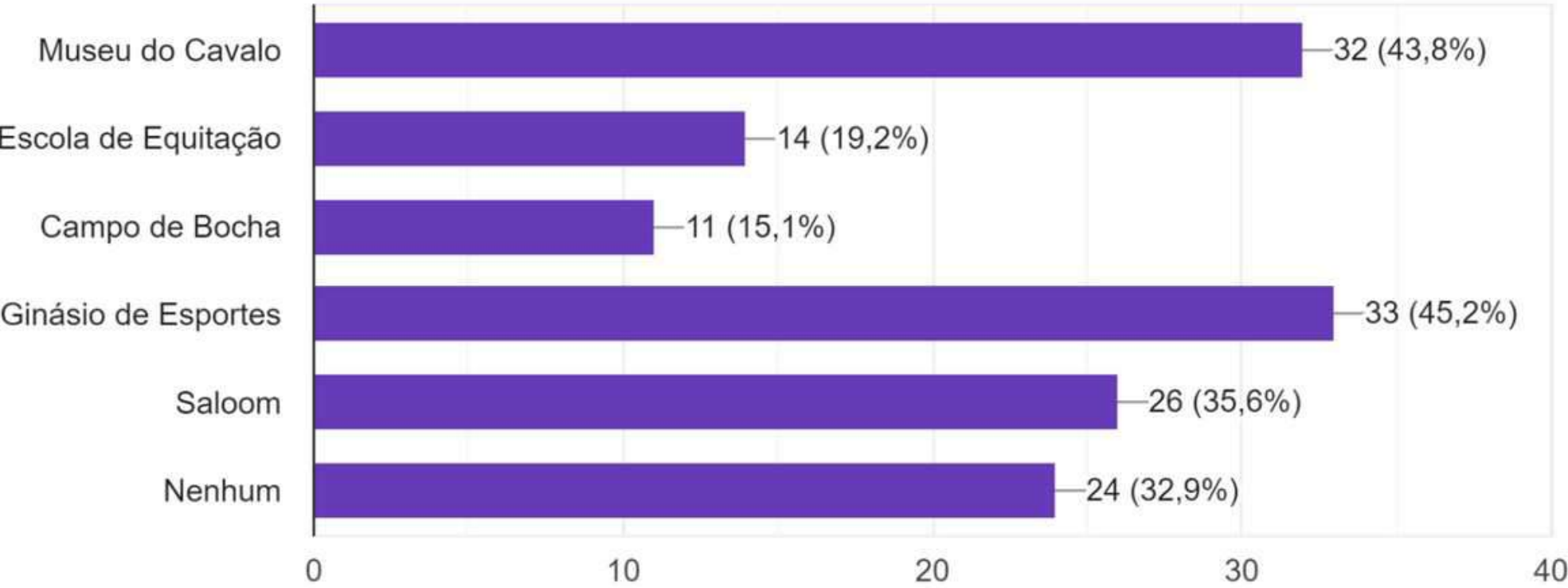
Em uma análise mais profunda a respeito da apropriação do recinto, é possível constatar que 32,9% dos participantes da pesquisa nunca frequentaram qualquer programa fixo do espaço, enquanto 45,2% afirmaram ter utilizado o Ginásio de

Esportes, 43,8% o Museu do Cavalo, 35,6% o Saloom (atualmente sem uso), 19,2% a Escola de Equitação e 15,1% o campo de bocha.

Figura 123 - Gráfico 7: Utilização dos programas fixos

Quais desses programas fixos do recinto você já frequentou?

73 respostas



Fonte: Autora (2024)

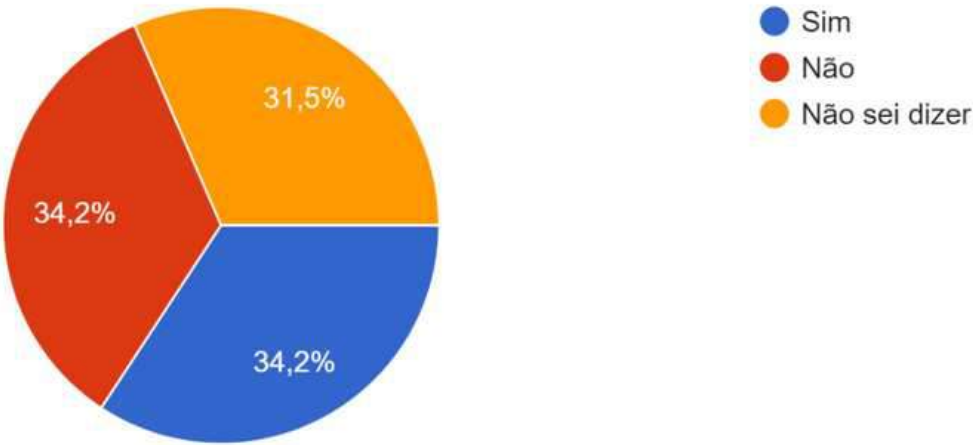
Por fim, em uma visão ampla da cidade, 34,2% das respostas julgaram que Colina possui espaços livres suficientes e adequados, uma parcela igual discorda de tal afirmação e 31,5% não souberam responder. Nesse cenário, é importante lembrar

que 41,1% dos participantes não são moradores da cidade. De qualquer forma, a grande maioria (95,9%) acredita que o Recinto Municipal 9 de Julho seria utilizado cotidianamente se possuísse uma melhor estrutura voltada ao lazer.

Figura 124 e 125- Gráfico 8: Opiniões a respeito dos espaços livres de Colina/Gráfico 9: Opiniões a respeito da apropriação do recinto

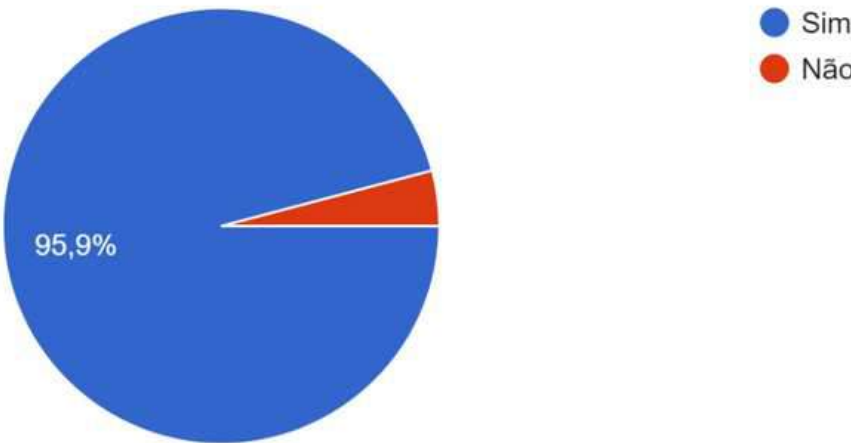
Você acha que a cidade de Colina possui espaços livres suficientes e adequados? Tais como praças e parques

73 respostas



Você acha que o Recinto Municipal seria mais frequentado ao longo do ano se possuísse uma estrutura melhor para o lazer?

73 respostas



Fonte: Autora (2024)

Já o formulário voltado aos trabalhadores contou com apenas três perguntas, as quais buscaram conhecer a ocasião da função exercida, a satisfação com a estrutura oferecida no Recinto Municipal e na Festa do Cavalo e sugestões de melhorias.

Apesar dos esforços de divulgação e envio do questionário, 100% das respostas recebidas correspondem a pessoas que trabalharam em eventos que ocorreram no local, como pode ser visualizado na figura 126.

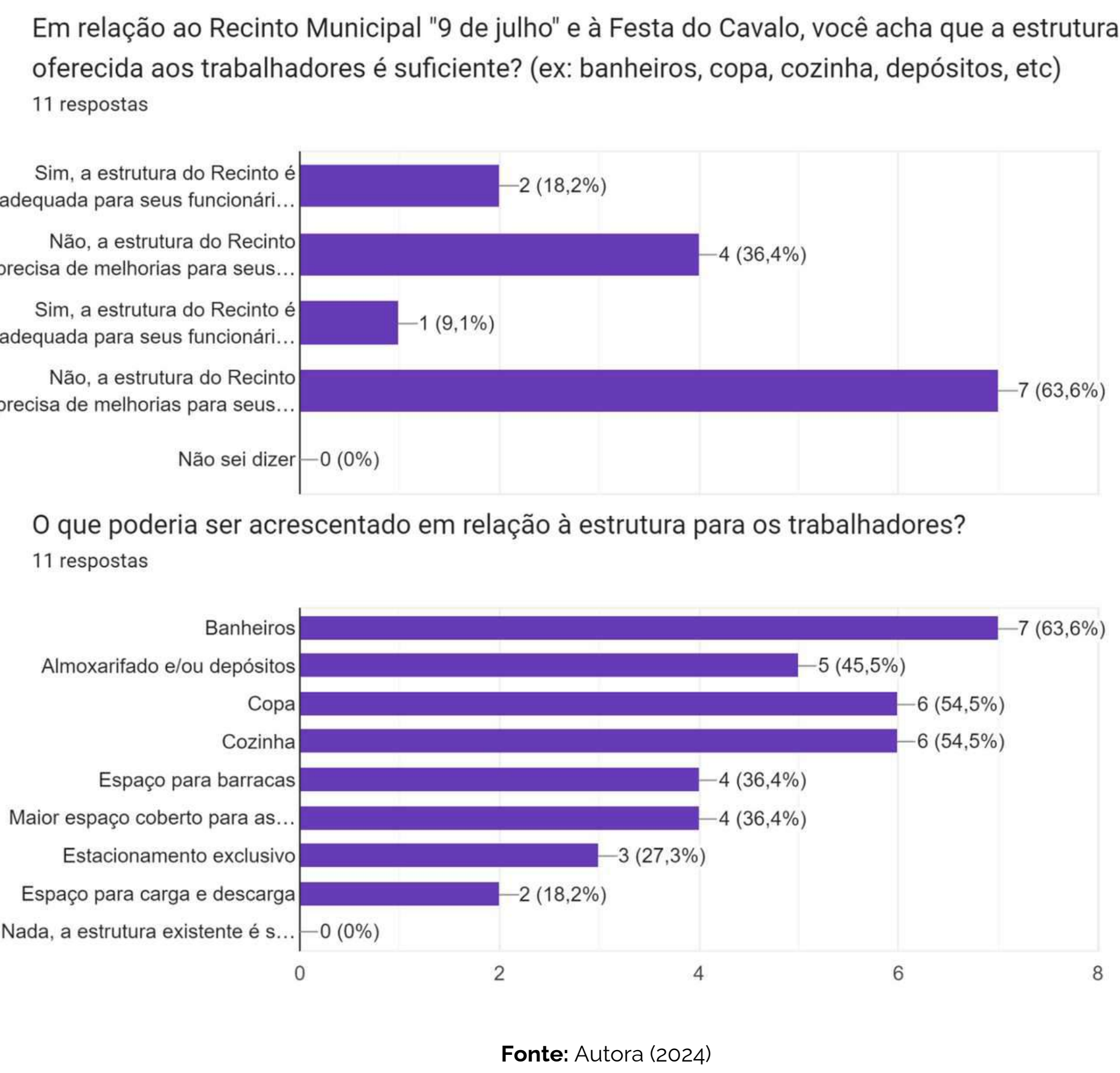
Figura 126 - Gráfico 10: Funções desempenhadas



Desses 11 participantes, 63,3% julgaram que a estrutura do espaço precisa de melhorias para os trabalhadores da Festa do Cavalo, enquanto 9,1% a consideraram adequada. Em relação à estrutura física destinada aos funcionários do dia a dia, 36,4% acreditam que ela é inapropriada e 18,2% pensam que, nesse sentido, ela é

suficiente. Contudo, tal resultado pode não refletir a opinião dos empregados do cotidiano do recinto, visto que esses não participaram da pesquisa.

Figura 127 e 128 - Gráfico 11: Opinião dos trabalhadores/Gráfico 12: Sugestões de melhorias



Nesse cenário, as proposições de mudanças incluem: banheiros para funcionários (63,6%), copa e cozinha (ambos com 54,5%), almoxarifado e/ou depósitos (45,5%), espaço para barracas (36,4%), maior espaço coberto para praça de alimentação (36,4%), estacionamento exclusivo (37,3%) e espaço para carga e descarga (18,2%).

Desse modo, conclui-se que a maior parte dos participantes das pesquisas (tanto visitantes quanto funcionários) demonstraram certa insatisfação a respeito da infraestrutura do Recinto Municipal 9 de Julho e da Festa do Cavalo, apontando melhorias a serem feitas. Assim, a requalificação desse espaço público, com base nas reivindicações da população, poderia torná-lo um equipamento de lazer ativo no cotidiano da cidade, de forma a estimular o convívio entre os cidadãos e gerar benefícios socioambientais significativos para a dinâmica municipal.



5. PROPOSTA PROJETUAL

5.1 Programa de necessidades

Com base no exposto até agora (fundamentação teórica, análises de casos e da região estudada e a opinião do público), inicia-se neste capítulo um esboço do programa proposto para a requalificação do Recinto Municipal 9 de Julho.

Nesse sentido, é possível traçar algumas premissas projetuais que elevariam o recinto a um parque urbano com capacidade para receber eventos:

- Criação de espaços de permanência e contemplação;
- Construção de espaços de lazer (playground e outros);
- Reformulação das instalações para os equinos;
- Estímulo à cultura (principalmente através de melhorias no Museu do Cavalo);
- Elaboração de espaços multifuncionais (diferentes funções ao longo do ano e apoio em eventos).

Também é importante ter em mente que as estruturas instaladas na Festa do Cavalo preveem as seguintes capacidades:

- Camarotes: 1021 pessoas
- Palcos: 42 pessoas
- Barracas montadas: 87 pessoas
- Barracas fixas: 100 pessoas
- Área de show: 8450 pessoas
- Capacidade total: 9900 pessoas

Assim, o local teria, finalmente, seu potencial explorado e, como consequência, seria mais apropriado e estimulante para o uso cotidiano. Além disso, a criação de espaços multifuncionais possibilitaria a realização de eventos com mais organização e estrutura, sem se tornarem ociosos nos demais dias do ano. Desse modo, as tabelas 5 e 6 foram elaboradas (considerando que o recinto de festa não inclui a prefeitura, o ginásio de esportes e o fundo social de solidariedade).

Tabela 6 - Programa de necessidades

PROGRAMA DE NECESSIDADES		
EXISTENTE	AMBIENTE	OBSERVAÇÕES
	Saloom	-
	Campo de Bocha	-
	Pavilhões (7)	-
	Equoterapia	-
	Secretaria de Esporte Turismo e Lazer	-
	Museu do Cavalo	-
	Bilheteria	-
	Pavilhão de Barracas	-
	Banheiros (3)	-
	Quiosque	-
	Concha Acústica	-
	Pista de adestramento	-
	Pista de distensão	-
	Desembarcador	-
	Estacionamento	Usado como piquete no cotidiano
	Motocross	Usado 1 vez no ano
	Cross Country Equestre	Realizado durante a Festa do Cavalo
	Museu do Cavalo	-
	Lavador (3)	-
Piquetes	Aproximadamente 15	
Depósito de obstáculos	-	
Arquibancadas	-	
Júri	-	

PROPOSTO	Área de Parque	Caminhos contemplativos e espaços de permanência
	Playground	-
	Esporte	Áreas de ginástica e outros
	Pavilhão com salas multifuncionais	Reformulação do pavilhão de barracas
	Áreas livres multifuncionais	Espaço de alimentação em eventos e outras possibilidades no dia a dia, como feiras e lanchonete
	Área de Funcionários	Copa, banheiros, vestiários e demais instalações necessárias
	Vestiário Equitação	-
	Depósitos (manejo equino)	-
	Farmácia	-

5.2 Plano de massas

[illegible]

Portanto, o próximo tópico deste trabalho, com base nas investigações teóricas realizadas, compreende a elaboração de um *masterplan* para o local, o qual inclui a setorização do programa e a especificação de acessos, fluxos e sistema viário interno. Além disso, são desenvolvidos: volumetrias para as construções e detalhamento da área de atividades equestres.

5.3 Projeto arquitetônico

O desenho para a nova implantação do Recinto 9 de Julho teve como ponto de partida as duas avenidas preexistentes, de forma a respeitar os fluxos já definidos e, a partir deles, materializar os propostos. Devido à grande área, optou-se pelo parcelamento do terreno em quadras, como no caso do Parque do Peão de Barretos.

As quadras foram projetadas para satisfazer a uma setorização racional por usos e funções, reorganizando, adequando e complementando o programa prévio, o que resultou em áreas de permanência equestre, cultura, esporte e lazer, além do espaço destinado à prefeitura e suas dependências.

Cabe ressaltar, ainda, que alguns elementos existentes foram suprimidos, pois entendeu-se que a proposição de espaços flexíveis, de alguma forma, contempla suas funções, ou que seu uso não condizia com os demais, como no caso da pista de *motocross*, substituída pelo *cross-country* equestre.

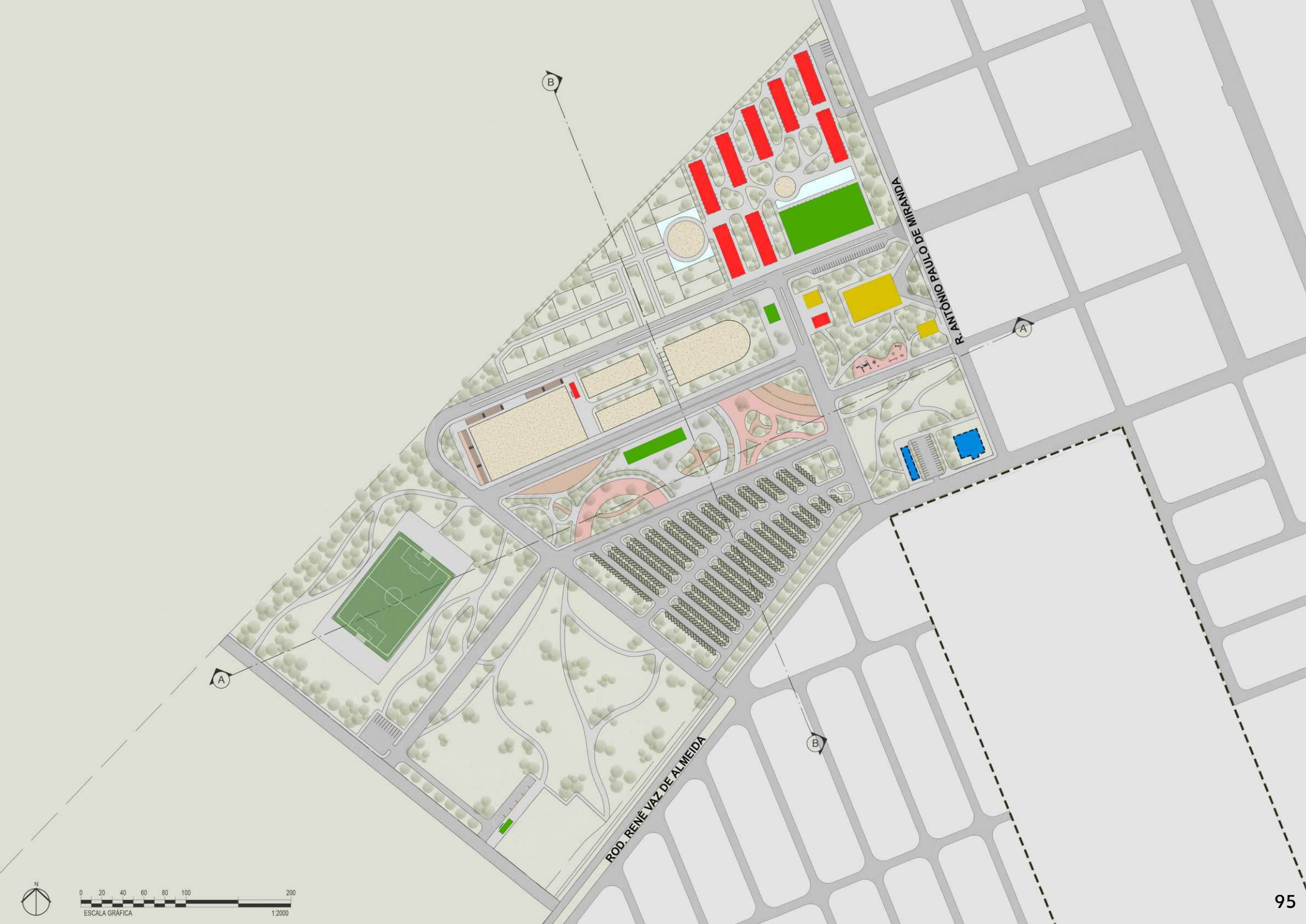
Quanto à topografia, decidiu-se remanejar o terreno para atender às soluções e ao programa de necessidades com o mínimo de alteração possível.



Figura 130 - Vista aérea Recinto Fonte: Google Maps (2024)

- MANTIDO SEM ALTERAÇÕES
- MANTIDO COM NOVA VOLUMETRIA
- ADAPTAÇÃO DO PROGRAMA EXISTENTE
- NOVO PROGRAMA

Figura 131 - Esquema de alterações Fonte: Autora (2024)



ARBORIZAÇÃO

Considerando a atual situação climática mundial, o plantio de vegetação, principalmente arbórea, nos espaços livres das cidades torna-se ainda mais essencial. Para isso, foram

selecionadas, com base no trabalho de Pinto (2021), algumas espécies nativas do Cerrado com portes e cores diversos como sugestão para compor a paisagem do parque.

Figuras 132 a 136 - Arborização Fonte: Pinto (2021)



Ipê-Amarelo-do-Cerrado
Tabebuia ochracea



Ipê-Roxo
Tabebuia impetiginosa



Pau-Ferro
Libidibia ferrea



Mulungu
Erythrina mulungu



Amora-Do-Mato
Rubus brasiliensis

IMPLANTAÇÃO

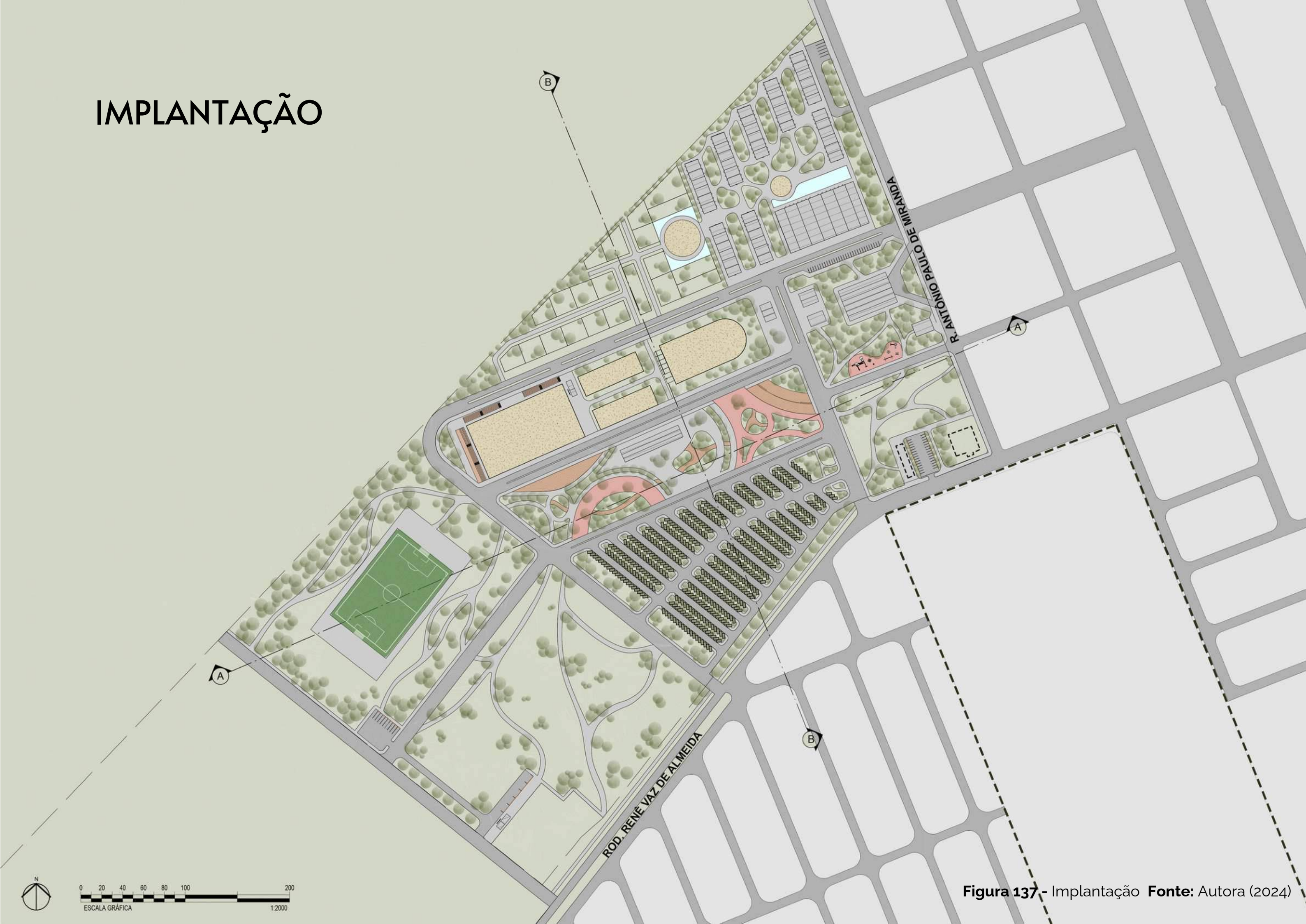


Figura 137 - Implantação Fonte: Autora (2024)

TOPOGRAFIA

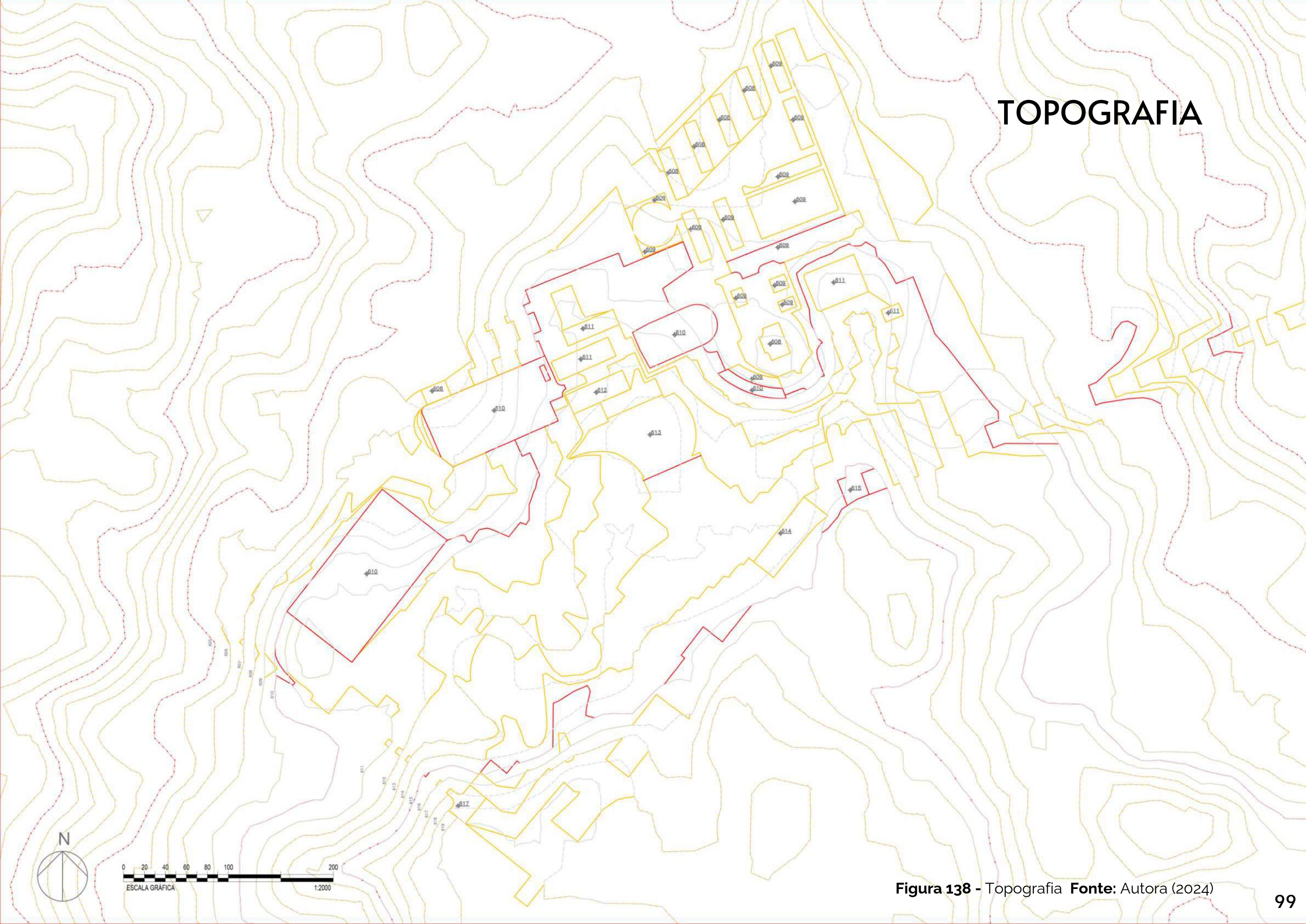
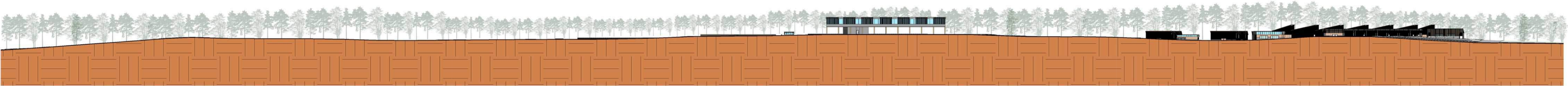
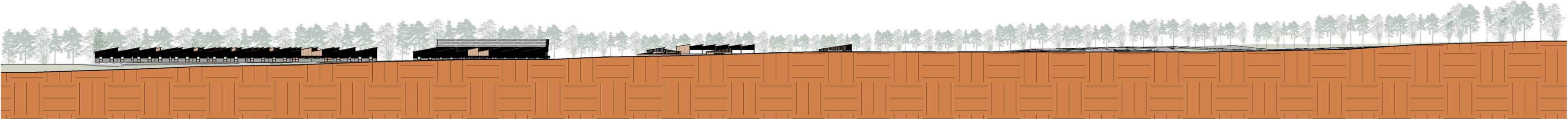


Figura 138 - Topografia Fonte: Autora (2024)

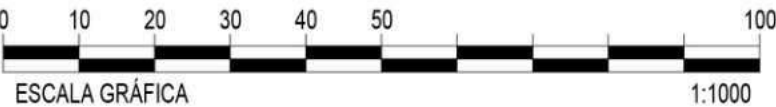
Nos cortes a seguir fica evidente a baixa declividade do terreno, são 14 metros distribuídos ao longo de uma área de 254.317,17 m².



CORTE AA



CORTE BB



QUADRA I

B

R. ANTÔNIO PAULO DE MIRANDA

- 1 PAVILHÃO DE BAIAS
- 2 PICADEIRO COBERTO
- 3 REDONDEL (ARENA REDONDA PARA TREINAMENTO)
- 4 PIQUETES
- 5 DESEMBARCADOR

Figura 141 - Aproximação quadra 1 Fonte: Autora (2024)



SEM ESCALA

VOLUMETRIA E MATERIAIS

A escolha dos materiais e volumetrias teve como inspiração a arquitetura rural tradicional, trabalhadas em uma releitura que equilibra o moderno com a simplicidade, visando, sobretudo, o conforto dos usuários, principalmente dos animais

Os volumes dos pavilhões e do picadeiro coberto foram dispostos de modo a criar uma praça central, já o posicionamento de cada um foi ditado pelas vias do entorno e pelo limite do terreno, além de levar em consideração a

orientação solar e a direção dos ventos, vindos, em sua maioria, pelo sul e sudeste.

Por esta razão, optou-se por trabalhar com galpões do tipo shed, uma alternativa para melhor aproveitamento da iluminação e ventilação naturais. Nos pavilhões, as aberturas estão voltadas de maneira ideal para o sul. Já no picadeiro coberto, devido às questões estruturais necessárias para satisfazer sua implantação, essa abertura volta-se para o leste, capturando a luz da manhã.



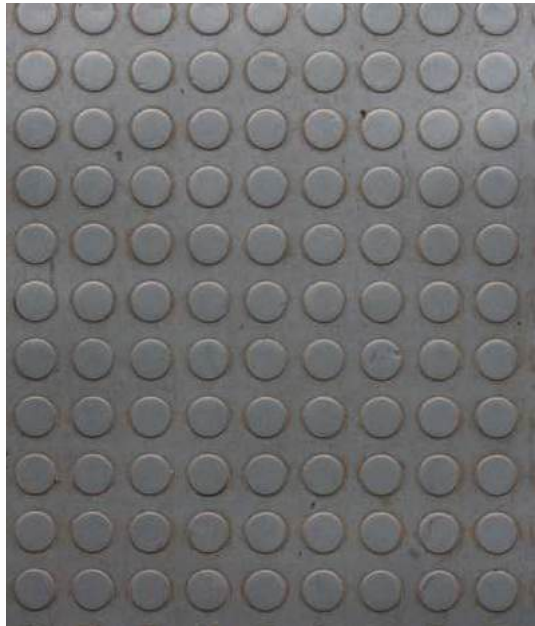
MADEIRA



BLOCO DE CONCRETO



PISO INTERTRAVADO



PISO EMBORRACHADO



TELHA SANDUÍCHE

Figuras 142 a 146 - Principais materiais Fonte: Canva (2024)

ESTRUTURA

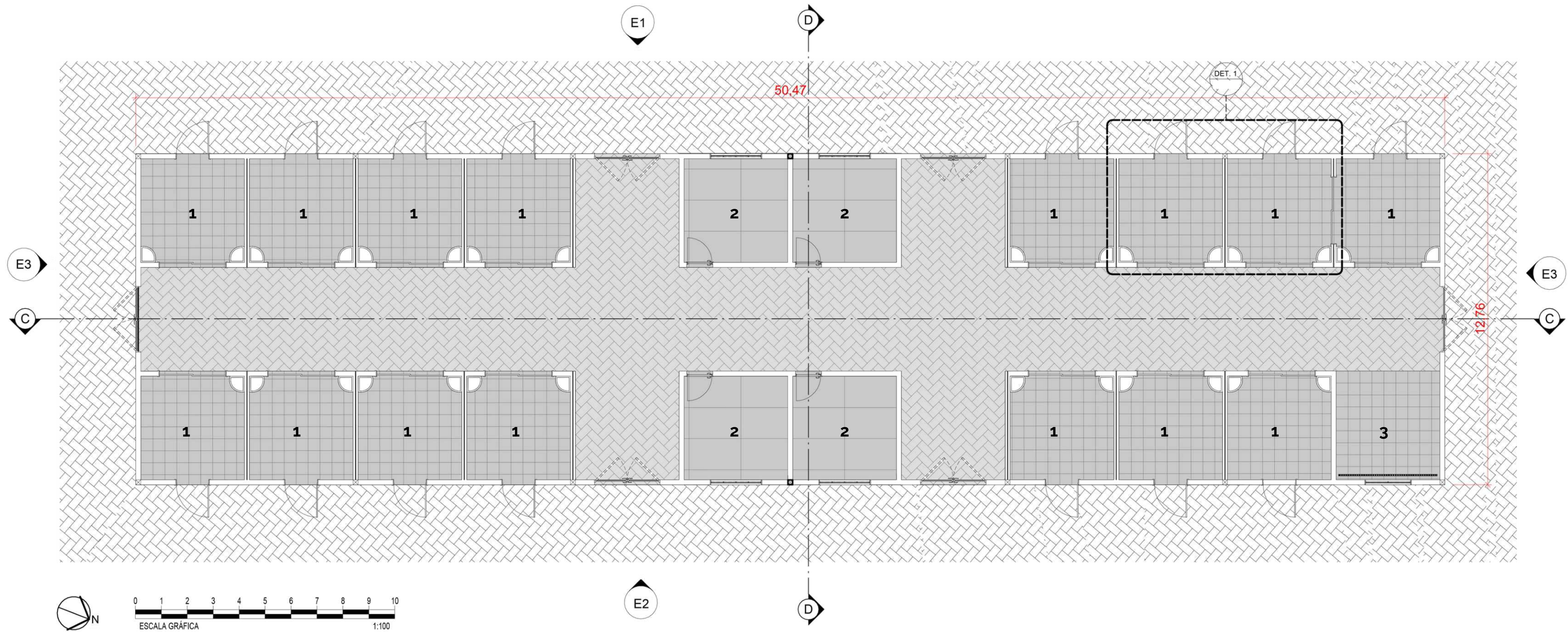
A estrutura escolhida consiste em um esqueleto metálico, ideal para vencer grandes vãos, com uma meia parede de 1, 5 m de alvenaria. Nas áreas destinadas aos cavalos, o fechamento ficou por conta de uma estrutura vazada de madeira, possibilitando

maior permeabilidade, bem como ventilação e insolação. Por fim, no restante dos ambientes optou-se por uma estrutura de madeira com espaço interno para isolante termoacústico, com revestimento também em madeira.



Figura 147 - Modelo estrutural Fonte: Autora (2024)

PLANTA - PAVILHÃO TIPO



PISOS

- PISO INTERTRAVADO
- PISO INTERTRAVADO EMBORRACHADO
- ESTRADO DE BORRACHA
- PLACA CIMENTÍCIA

- 1 BAIAS - 4,0 x 4,0 m TOTAL: 15
- 2 DEPÓSITOS - 4,0 x 4,0 m TOTAL: 4
- 3 LAVATÓRIO - 4,0 x 4,0 m

ÁREA DE CIRCULAÇÃO: 272,00 m²

Figura 148 - Planta pavilhão tipo Fonte: Autora (2024)

PLANTA DE COBERTURA - PAVILHÃO TIPO

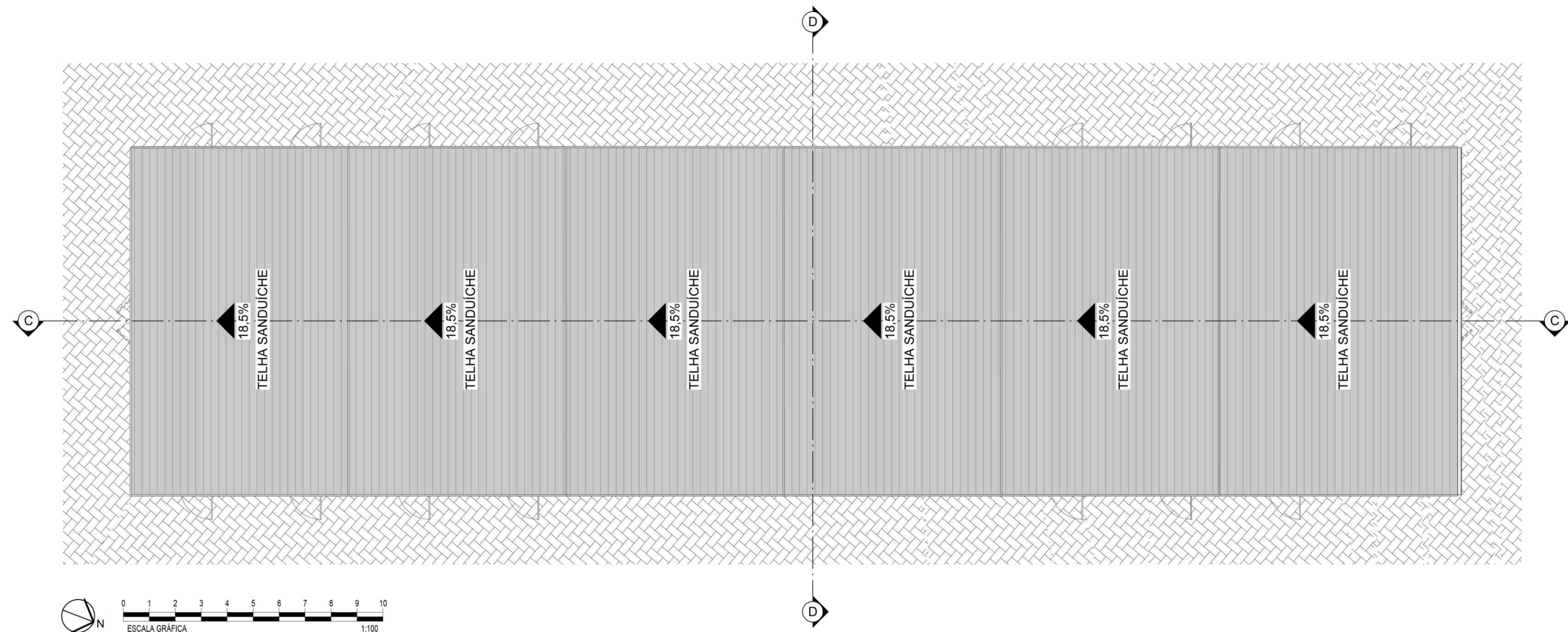


Figura 149 - Planta de cobertura pavilhão tipo **Fonte:** Autora (2024)

CORTE CC - PAVILHÃO TIPO

DETALHE SHED

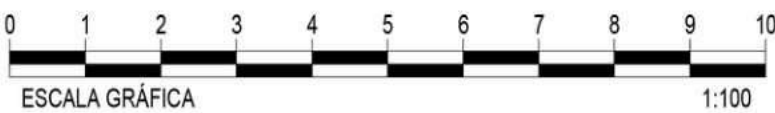
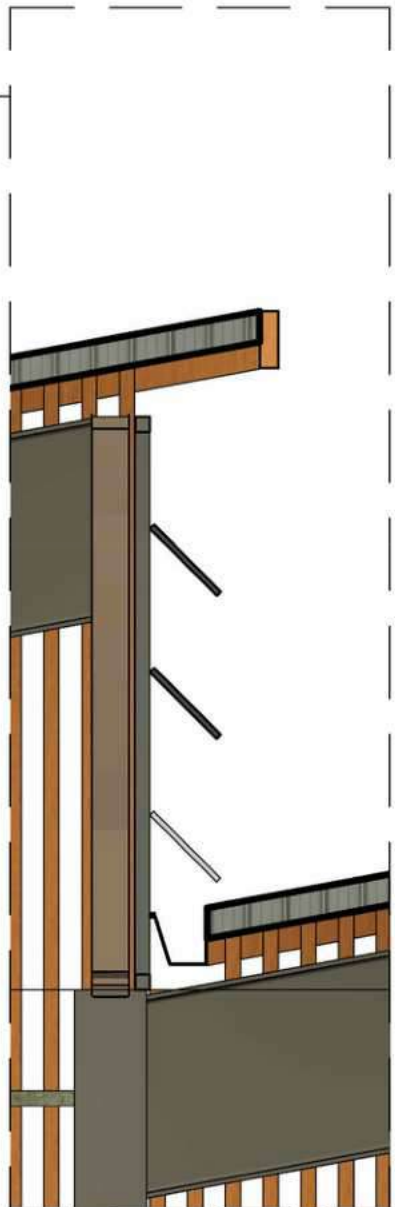


Figura 150 - Corte CC Fonte: Autora (2024)

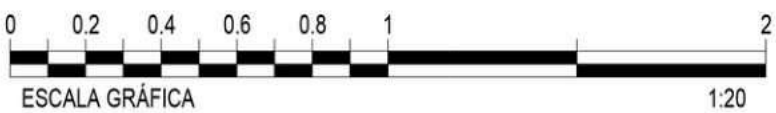


Figura 151 - Detalhe shed Fonte: Autora (2024)

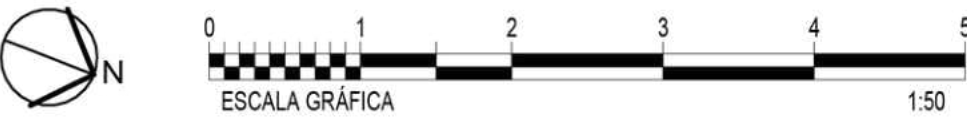
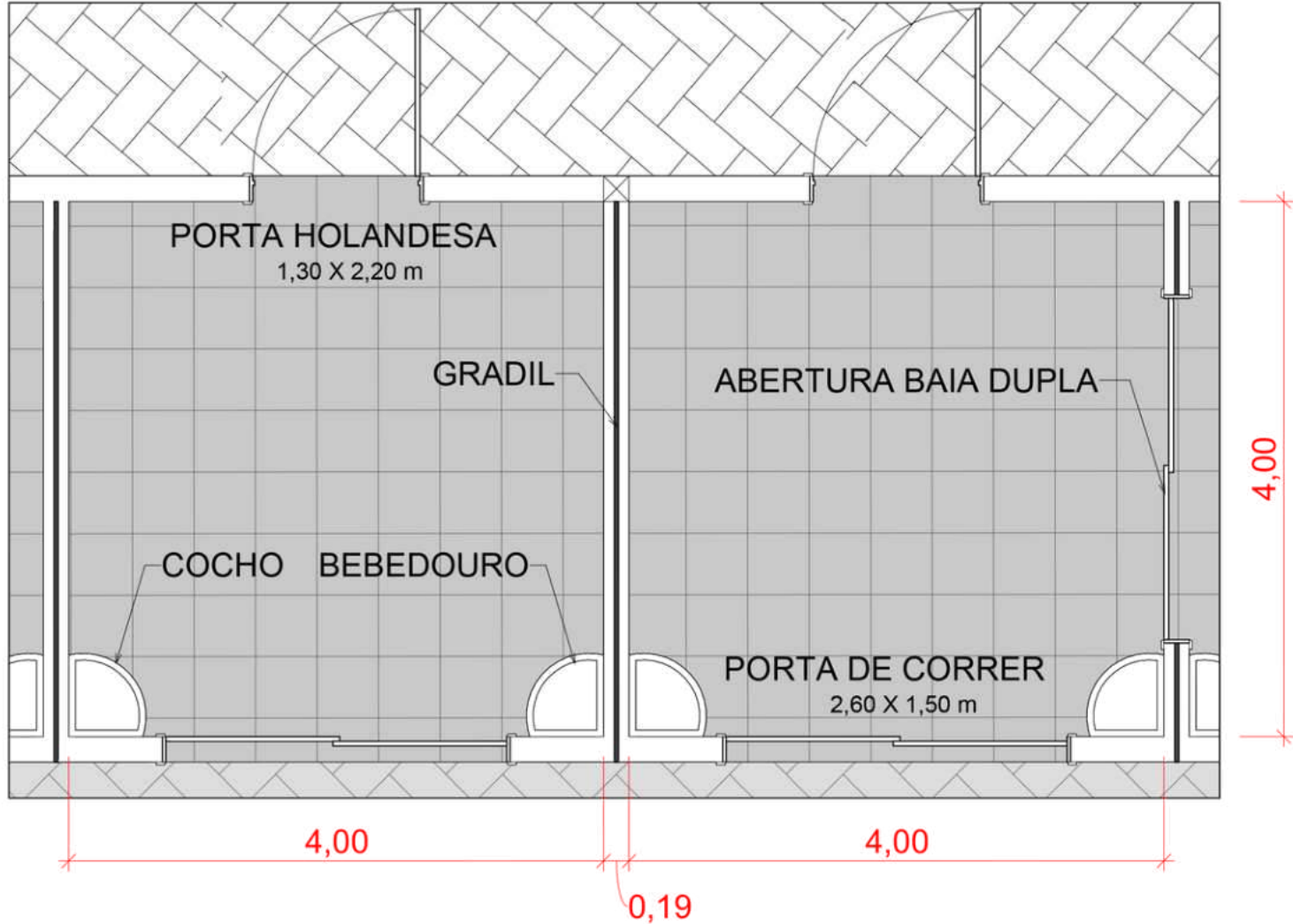
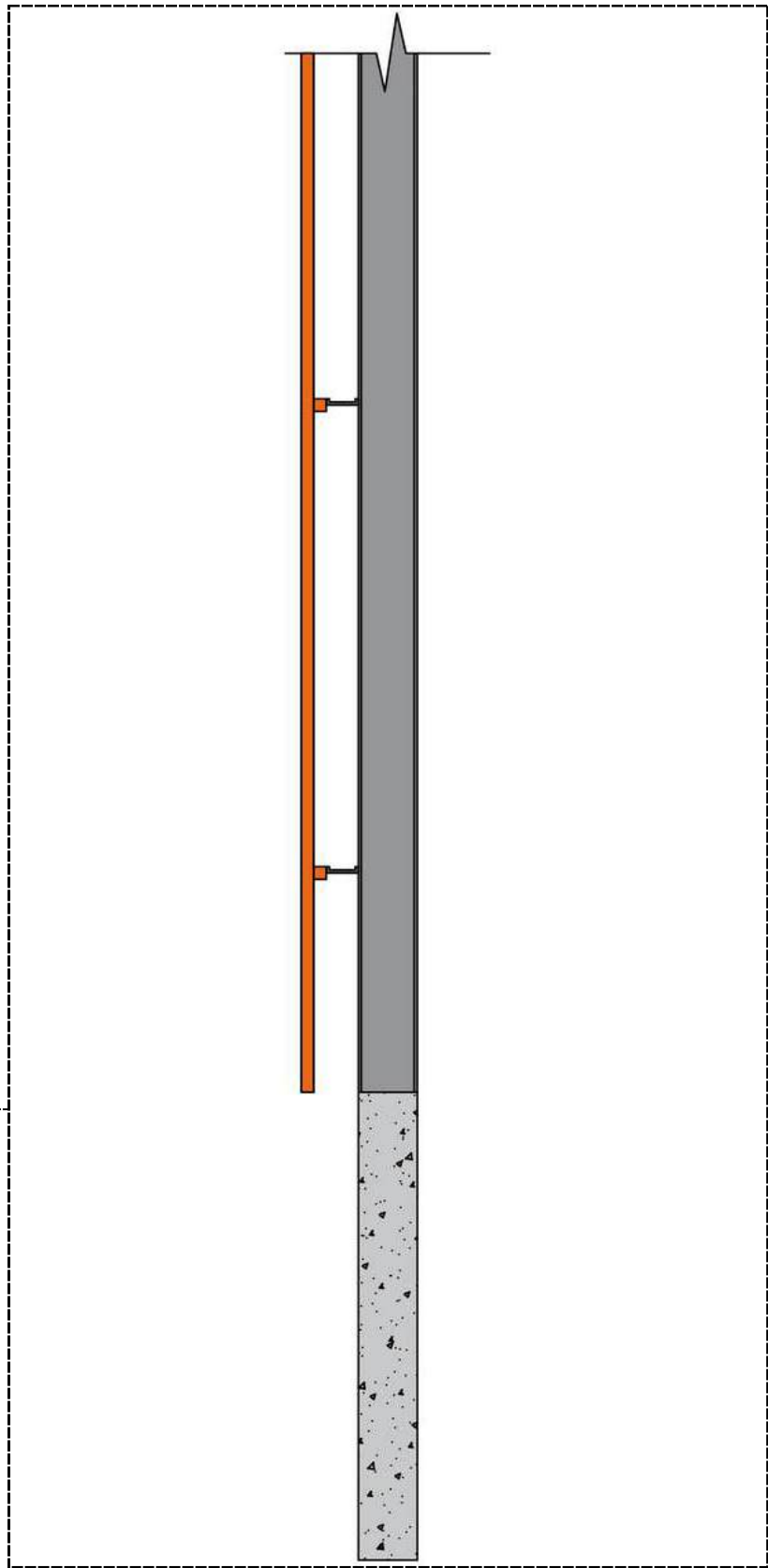
CORTE DD - PAVILHÃO TIPO



DETALHE ESTRUTURA DE MADEIRA
SEM ESCALA

Figura 152 - Corte DD Fonte: Autora (2024)

Figura 153 - Detalhe estrutura de madeira Fonte: Autora (2024)

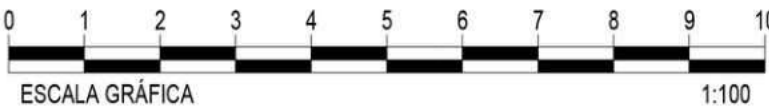


DETALHAMENTO BAIAS



Figura 154 - Detalhamento baía Fonte: Autora (2024)

Figura 155 - Isométrica baía Fonte: Autora (2024)



ELEVAÇÕES - PAVILHÃO TIPO



ELEVAÇÃO E1



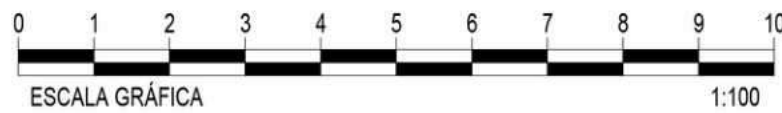
ELEVAÇÃO E3

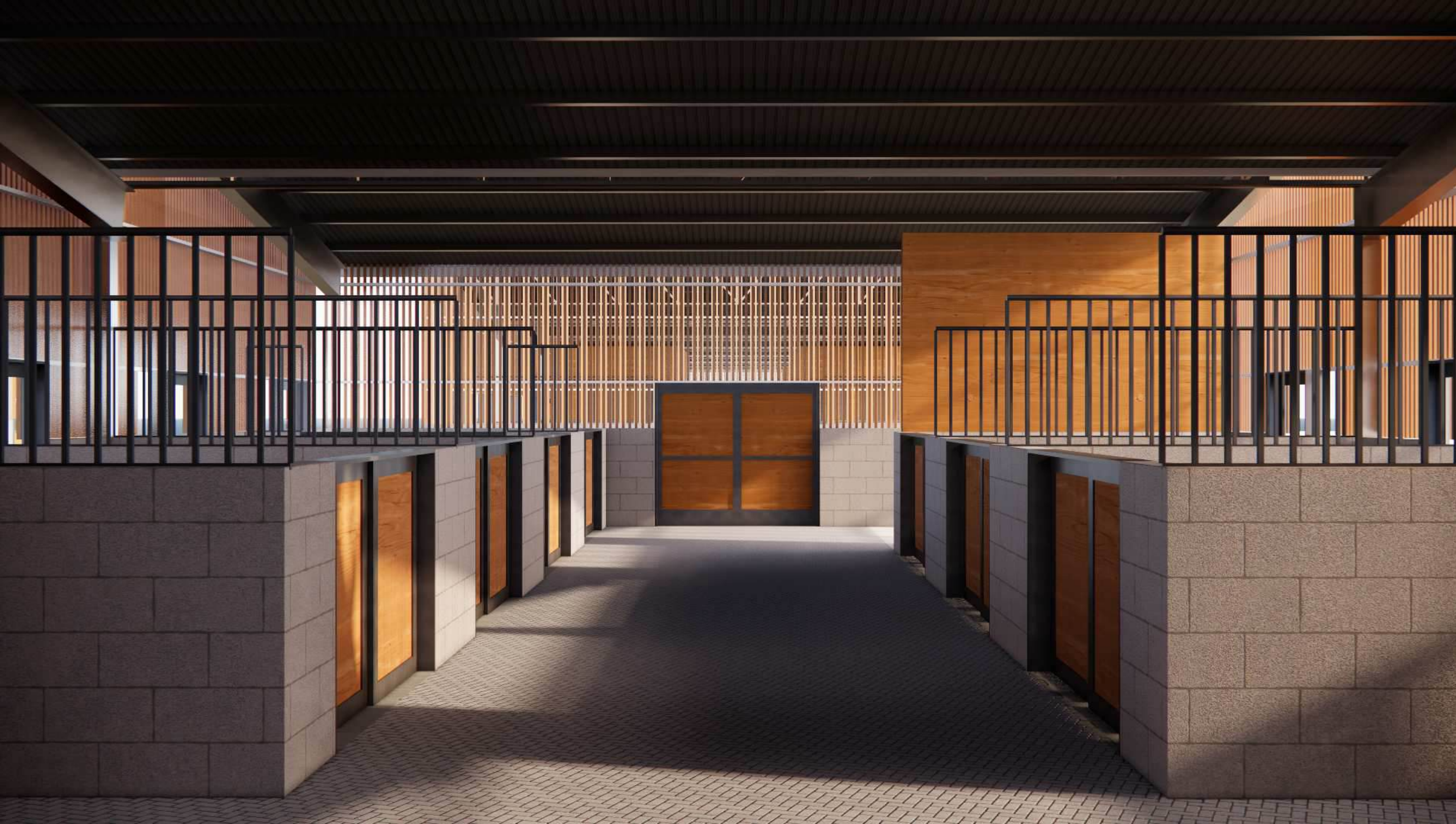


ELEVAÇÃO E2



ELEVAÇÃO E4





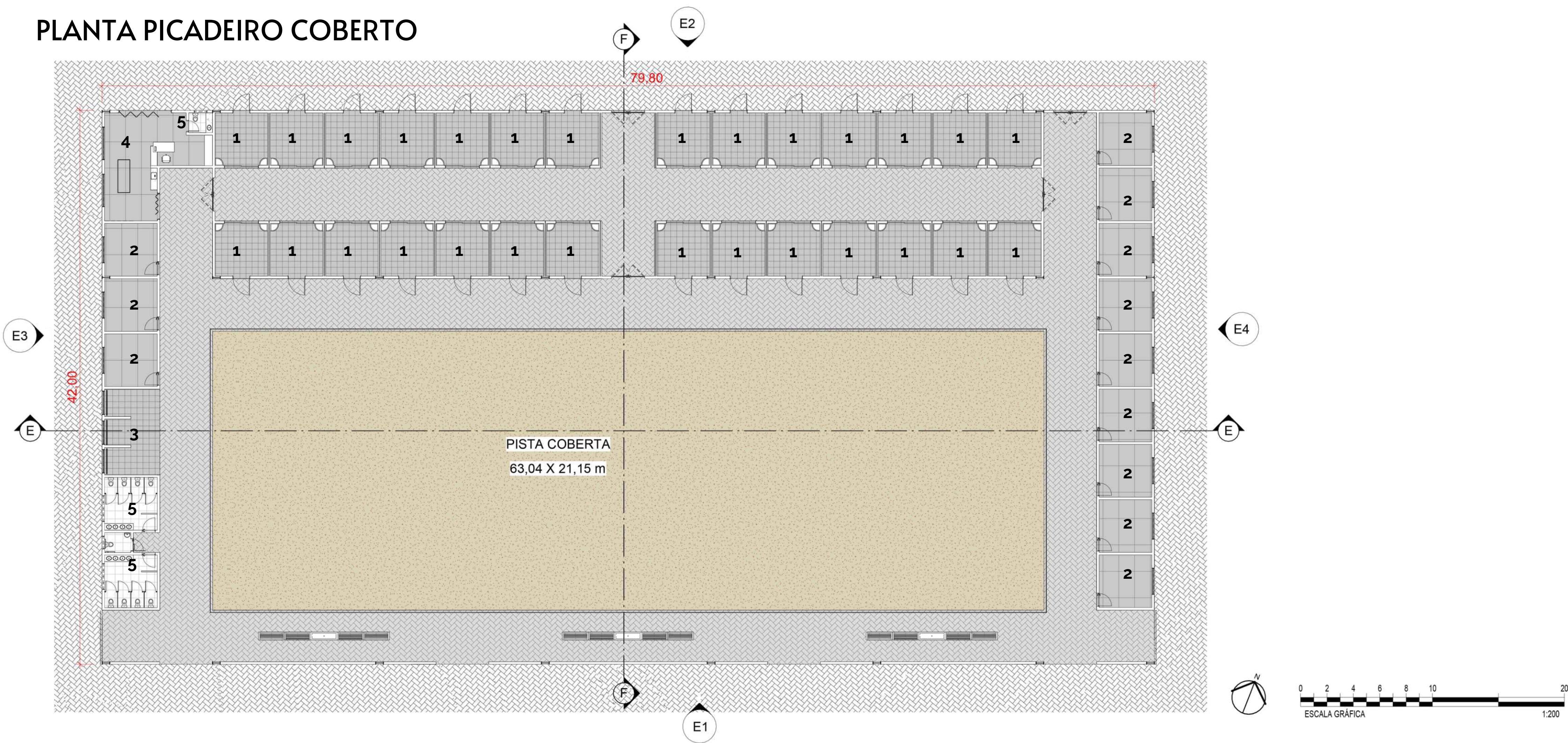
BAIAS

PAVILHÃO



Figura 161 - Perspectiva Fonte: Autora (2024)

PLANTA PICADEIRO COBERTO



PISOS

- PISO INTERTRAVADO
- PISO INTERTRAVADO EMBORRACHADO
- ESTRADO DE BORRACHA
- PLACA CIMENTÍCIA

1	BAIAS - 4,0 x 4,0 m	TOTAL: 28
2	DEPÓSITOS - 4,0 x 4,0 m	TOTAL: 12
3	LAVATÓRIO	ÁREA: 28,47 m²
4	SALA DE ATENDIMENTO VETERINÁRIO	ÁREA: 51,20 m²
5	BANHEIROS	ÁREA: 44,66 m²

ÁREA DE CIRCULAÇÃO: 1154,50 m²

Figura 162 - Planta picadeiro coberto Fonte: Autora (2024)

PLANTA DE COBERTURA PICADEIRO COBERTO

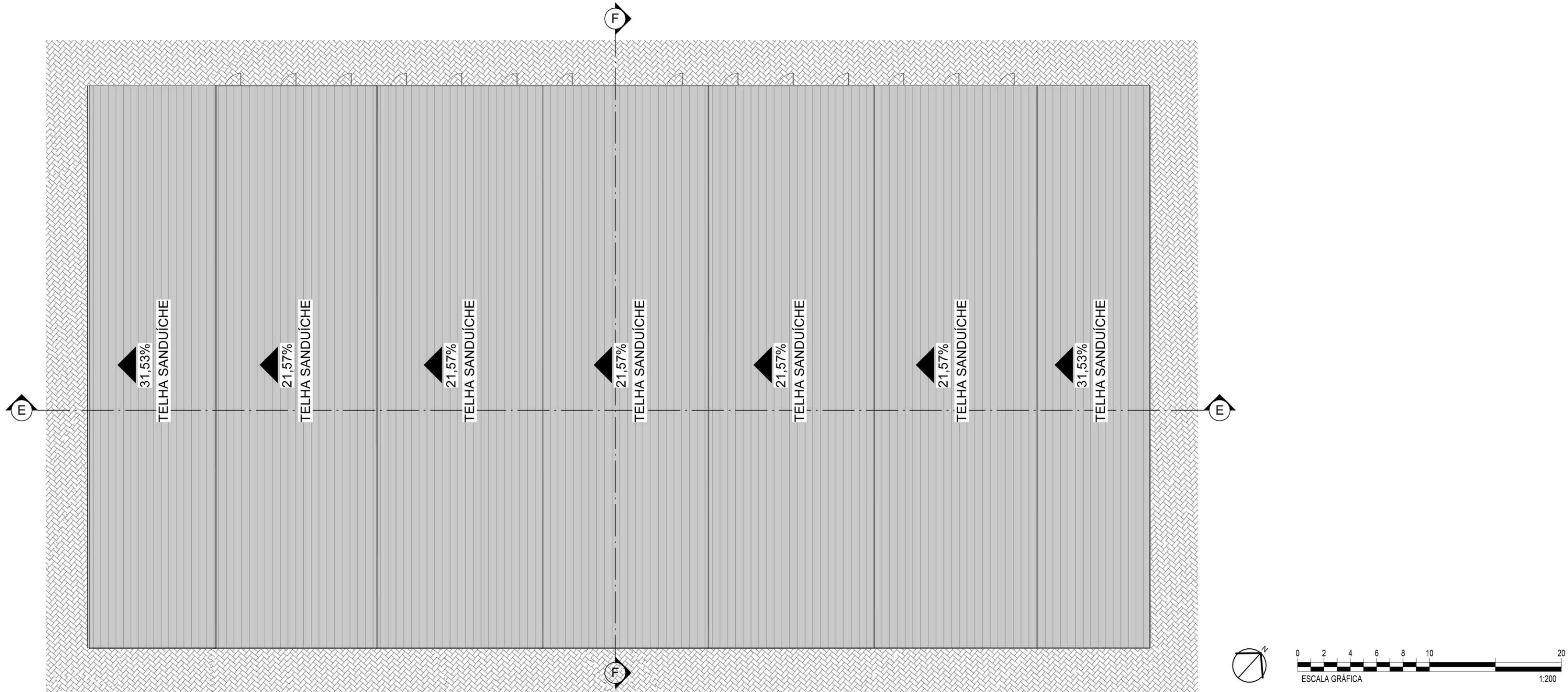


Figura 163- Planta de cobertura picadeiro coberto Fonte: Autora (2024)

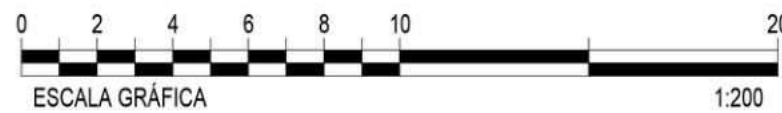
CORTES - PICADEIRO COBERTO



CORTE EE



CORTE FF



ELEVAÇÕES PICADEIRO COBERTO



ELEVAÇÃO E1



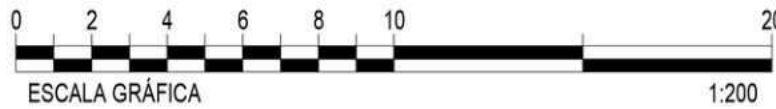
ELEVAÇÃO E3



ELEVAÇÃO E2



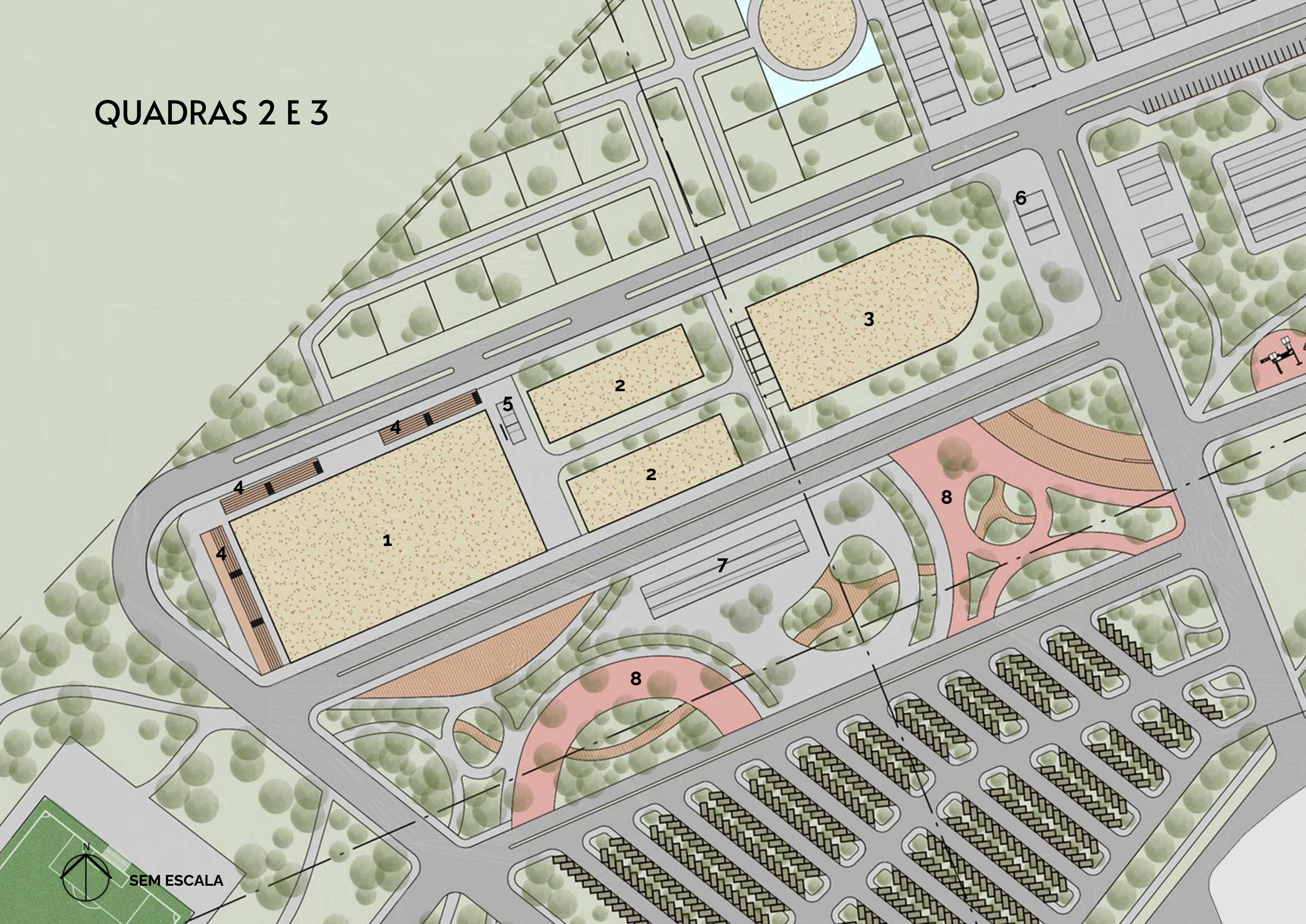
ELEVAÇÃO E4





PICADEIRO

QUADRAS 2 E 3



A quadra 2 abriga o programa esportivo equestre, bem como dois edifícios de apoio, os quais incluem banheiro, depósito, vestiários e área de descanso para os trabalhadores, sua localização é estratégica: está próxima à área reservada para os cavalos, ao mesmo tempo que se aproxima das áreas coletivas, assumindo seu papel de espaço de apresentações.

A quadra 3 é o elemento central e unificador do projeto, nela está localizada a praça central, um grande ponto de encontro e lazer, pensado para ser multifuncional e apropriado de diferentes maneiras pelos usuários. Os pontos de destaque nesse sentido são: o pavilhão multiuso, com seu grande térreo livre, e as áreas de *foodtruck*. Além disso, vale destacar que seu desenho, obtido através das curvas de nível, dita os caminhos das demais quadras, levando-se em consideração os fluxos preexistentes e pretendidos.

- 1 PISTA DE AREIA - APRESENTAÇÃO
- 2 PISTA DE ADESTRAMENTO
- 3 PISTA DE DISTENÇÃO
- 4 ARQUIBANCADA
- 5 DEPÓSITO DE EQUIPAMENTOS E BANHEIROS
- 6 VESTIÁRIOS E COPA/SALA DE DESCANSO
- 7 PAVILHÃO MULTIUSO
- 8 ÁREA DE *FOODTRUCK*

Figura 171 - Aproximação quadras 2 e 3 Fonte: Autora (2024)

DEPÓSITO/BANHUEIROS

Figura 172 - Perspectiva Fonte: Autora (2024)





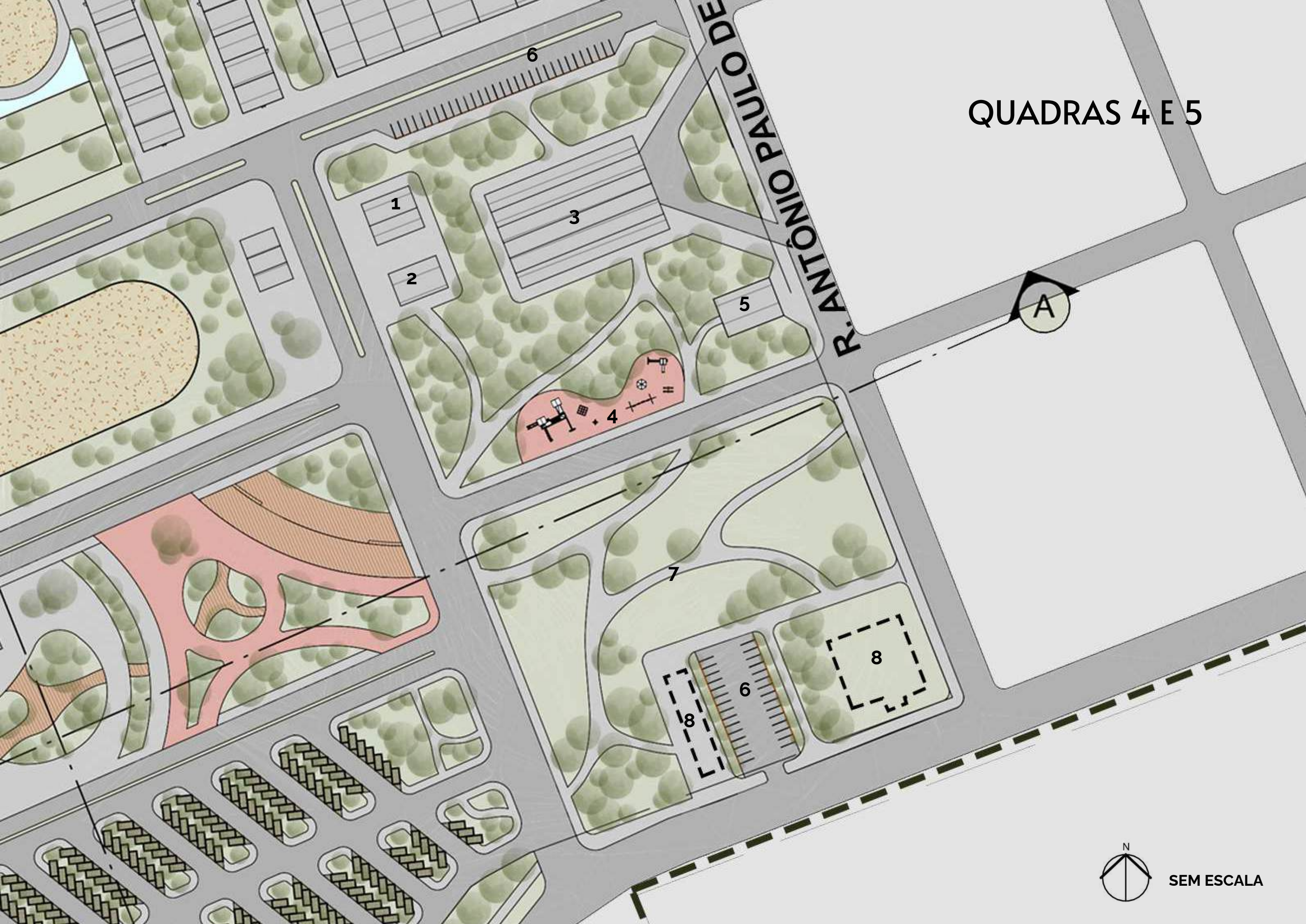
VESTIÁRIOS

Figura 173 - Aproximação quadras 2 e 3 Fonte: Autora (2024)

PAVILHÃO MULTIUSO

Figura 174 - Perspectiva **Fonte:** Autora (2024)





É na quadra 4 em que grande parte do programa do complexo está localizada: Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer, Museu do Cavalo, Ginásio de Esportes, com quadra poliesportiva, banheiros e cancha de bocha, *playground* e Fundo Social de Solidariedade.

A quadra 5, por sua vez, é destinada às dependências da prefeitura. As alterações projetuais propostas para essa área consistem no desenho da área livre, pensada com grandes espaços abertos, onde programas temporários podem ser instalados, como o parque de diversões da Festa do Cavalo, usualmente montado nesse local.

- 1 SECRETARIA DE ESPORTE, TURISMO E LAZER
- 2 MUSEU DO CAVALO
- 3 GINÁSIO DE ESPORTES
- 4 PLAYGROUND
- 5 FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE
- 6 ESTACIONAMENTO
- 7 ÁREA LIVRE PARA INSTALAÇÃO E PARQUE DE DIVERSÕES FESTA DO CAVALO
- 8 ÁREA PREFEITURA

Figura 175 - Aproximação quadras 4 e 5 Fonte: Autora (2024)



SECRETARIA

MUSEU DO CAVALO



Figura 177 - Perspectiva Fonte: Autora (2024)



GINÁSIO DE ESPORTES

QUADRAS 6, 7 E 8



Na quadra 6 encontra-se o estacionamento, com pavimentação permeável para auxiliar na drenagem e irrigação do solo, além do plantio de vegetação arbórea para sombreamento das vagas e caminhos. Já a quadra 7 comporta um grande espaço livre multiuso, em que o *cross-country* equestre pode ser praticado, é também nesse espaço que estão implantados o depósito de lixo, compostagem, depósito de equipamentos e máquinas.

Por fim, a quadra 8 conforma-se como outra grande área livre multiuso, com um campo de futebol, onde será instalada a estrutura de shows para festa do cavalo, por esse motivo, destina-se uma parte desse espaço para carga e descarga.

- 1 ESTACIONAMENTO
- 2 CROSS-COUNTRY EQUESTRE
- 3 CAMPO DE FUTEBOL/ÁREA DE SHOWS
- 4 CARGA E DESCARGA
- 5 LIXO/COMPOSTAGEM/DEPÓSITO

Figura 179 - Aproximação quadras 6, 7 e 8 Fonte: Autora (2024)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Recinto Municipal de Colina configura-se como um dos principais espaços livres da cidade. Tendo esse fato reconhecido, o presente trabalho objetiva explorar suas potencialidades, criando um parque urbano com estrutura capaz de receber eventos, mas, principalmente, que possa ser apropriado pela população ao longo do ano todo.

Para atingir tal objetivo optou-se pela reorganização do espaço, com adequação e complementação do programa já existente e proposta de novas volumetrias e espaços, priorizando a versatilidade. Contudo, cabe reconhecer que, considerando a execução do projeto, ainda há questões a serem trabalhadas e detalhadas.

Ainda assim, a expectativa é de que o projeto tenha seus objetivos atendidos a longo prazo, na medida em que contou com a opinião popular em sua elaboração, mesmo que de forma reduzida.

Por fim, espera-se que este trabalho possa, de alguma maneira, contribuir para futuros projetos e estudos urbanos da cidade, que possui uma tradição muito própria, mas carece de um olhar mais atencioso para seus espaços livres e cidadãos.



Figura 180 - Perspectiva Fonte: Autora (2024)

REFERÊNCIAS

ALOMÁ, P. R. **O espaço público, esse protagonista da cidade**. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-162164/o-espaco-publico-esse-protagonista-da-cidade>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

ANDRADE, Renato Brenol. **Manual de eventos**. Educ's, 2007.
BEZERRA, Amáli Cristina Alves. **Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades**. Espaço e Cultura, n. 23, p. 7-18, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.3518>>. Acesso em: 04 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal. **Guia brasileiro de produção, manutenção ou utilização de animais em atividades de ensino ou pesquisa científica**. Brasília, DF: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2023. Capítulo 10. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1153978>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

CASTRO, Fernanda. **Primeiro Colocado - CEAP Brasília / MAAM + Studioparalelo**. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-95052/primeiro-colocado-ceap-brasilia-slash-maam-plus-studioparalelo?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 4 jun. 2024.

COLEÇÃO SENAR. **Equideocultura: manejo e alimentação**. 2018. Disponível em: <<https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/185-EQUIDEOS.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2024.

CRIAÇÃO DE CAVALOS. **Instalações para equinos: quais devem ser as principais construções?**. Disponível em: <<https://www.criacaodecavalos.com.br/instalacoes-para-equinos-quais-devem-ser-as-principais-construcoes>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

CZAJKOWSKI, Adriana; CZAJKOWSKI, Sérgio. **Eventos: uma estratégia baseada em experiências**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

DA SILVA, Paulo Celso. O campo na Urbe: Festa do Peão Boiadeiro e a transformação de Barretos. **Logos**, v. 1, n. 24, 2014.
DRUBI, Syria. Colina: **Capital Nacional do Cavalo**. Barretos: Sete Virtudes, 2007

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

IBGE. **Parque do Peão Os Independentes: Barretos, SP**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=448855&view=detalhes>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **São Paulo: Colina**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/colina/panorama>>.

Acesso em: 04 jun. 2024.

MACEDO. S. S.; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Quapá, 2010.

MAIRS, Jessica. **Timber-framed equestrian centre completed by Castanheira & Bastai in Portugal**. Dezeen. Disponível em: <<https://www.dezeen.com/2015/06/17/castanheira-bastai-arquitectos-timber-framed-equestrian-centre-portugal-northern-coast-cabo-do-mundo-leca-da-palmeira/>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

MARTIN, Vanessa. **Manual Prático de Eventos**. Atlas, São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Alexandre Suárez de. **As festas e os bastidores das intervenções ao ar livre**. 2010. 446 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OPS EMPRESAS. **Festa do Peão de Barretos | Os Independentes**. Disponível em: <<https://www.independentes.com.br/festadopeao/ranchopeaozinho#conteudo>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COLINA. **Lei Complementar nº 285 de 22 de Dezembro de 2020**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-colina-sp>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COLINA. **Plano Municipal Específico dos Serviços de Saneamento Básico Água/Esgoto**. Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos, 2018. Disponível em: <<https://colina.sp.gov.br/imagens/pdf/Plano-Municipal-de-Saneamento-Basico.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COLINA. **Site da Prefeitura Municipal**. Disponível em: <<https://www.colina.sp.gov.br/>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

RAIMUNDO, Sidnei; SARTI, Antonio Carlos. **Parques urbanos e seu papel no ambiente, no turismo e no lazer da cidade**. Revista Iberoamericana de Turismo, v. 6, n. 2, p. 3-24, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.2436/20.8070.01.32>>. Acesso em: 04 jun. 2024.

RURAL CENTRO. **Festa do Peão 2011 Barretos começou sob lona de circo**. Disponível em: <<https://ruralcentro.com.br/noticias/festa-do-peao-2011-barretos-comecou-sob-lona-de-circo-46131>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

TEIXEIRA, J. de S. **Festa e identidade**. Comunicação & Cultura, n. 10, p. 17-33, 1 jun. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2010.541>>. Acesso em: 04 jun. 2024.

TUELHER, Bruna Agda Cezário. **Ressignificação de espaços públicos e sua contribuição na Requalificação da cidade: um estudo do parque de exposições e eventos de Manhuaçu MG**.

Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2018. Disponível em: <<https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositori-otcc/article/view/1604>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

VER. Premiados – Centro de Exposição Agropecuária de Planaltina – DF. concursosdeprojeto.org. Disponível em: <<https://concursosdeprojeto.org/2012/08/13/premiados-centro-de-exposicao-agropecuaria-de-planaltina-df/>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PROJETO DESIGN. **Técnica e sensibilidade em haras na serra paulista**. Arco, ed: 307, p. 46-51, setembro 2005.